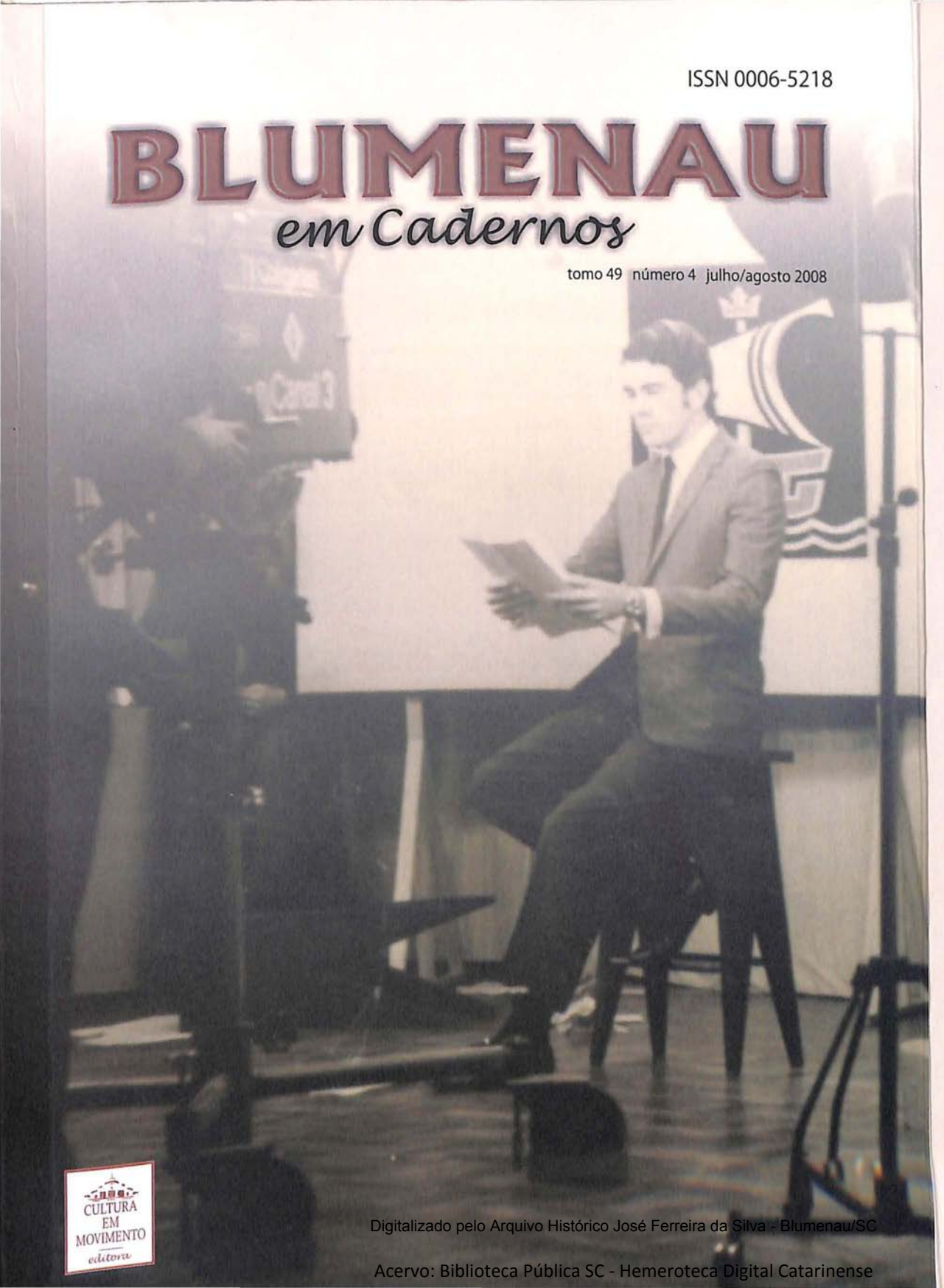
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

tomo 49 número 4 julho/agosto 2008



CULTURA EM MOVIMENTO editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apoio Cultural

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

43 S/A Gráfica e Editora

BLUMENAU em Cadernos

t. 49 n. 4 julho/agosto 2008 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 49	n. 4	p. 1-128	jul./ago. 2008

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | Edson Brunsfield
Vice-prefeito |
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Ivo Hadlich
Diretor Administrativo-Financeiro | Iúry Bugmann Ramos
Diretor do Centro de Publicação, Referência em Leitura e Literatura | Rodrigo Rogério Ramos
Diretor de Cultura | Vinícius Nico Wolff
Diretora do Museu de Arte de Blumenau | Rafaela Hering Bell
Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos
Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistórico@fcblu.com.br
Diretora | Sueli M. V. Petry
Conselho Editorial
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

Projeto gráfico | Giba Santos
Capa | Composição de imagens - acervo José Ferreira da Silva.
Normatização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva
Revisão | Valdir A. Petry **Secretária** | Mirela A. Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catalogação | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimensal, set. 2000-.
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos originais | Artigo

Um projeto fascinante: História da fundação da Comunidade Evangélica de Florianópolis
Pastor Max-Heinrich Flos
Tradutor Dr. Ivo Von Wangenheim ——— 7

Ein grosszügiges Projekt
Max-Heinrich Flos ——— 8

Memórias

A história do salvamento - do vapor "Blumenau"
José Gonçalves ——— 23

Artigos

A história da TV Coligadas de Blumenau
Joni César Tomazoni
Carlos Golembiewski ——— 29

A Pacificação documentada parte II (1916- 1918): resistências à nova vida imposta
Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann ——— 71

José Ferreira da Silva: trajetória intelectual e política
Carla Fernanda da Silva ——— 89

Autores catarinenses

Catarinenses na A. B. L.
Enéas Athanázio ——— 122

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

APRESENTAÇÃO

Nesta edição, apresentamos textos com artigos, memórias, transcrições, traduções e crônicas que são decorrentes de estudos e pesquisas. O teor dos mesmos certamente irá estimular o leitor a pensar de maneira mais aprofundada as questões abordadas.

A seção **Documentos Originais** – artigos reúne o texto bilíngüe intitulado "*Um Projeto Fascinante: história da fundação da Comunidade Evangélica de Florianópolis*", de autoria do Pastor Max- Heinrich Flos. Em sua pesquisa nos registros paroquiais reuniu informações e impressões que relatam o nascimento da Comunidade Evangélica de Florianópolis. Destaca a situação vivenciada pelo jovem pastor, teólogo e filósofo Dr.Phil. Carl Max Gruel, quando fixou-se no Desterro no Século XIX, onde iniciou seu trabalho comunitário.

Em **Memórias**, com *"A História do Salvamento do Vapor Blumenau"*, o escritor José Gonçalves relata o processo desenvolvido para o salvamento deste vapor, que durante muitas décadas foi o elo de ligação entre Blumenau e Itajaí, via fluvial. Conforme o memorialista, após cumprir a sua missão este meio de comunicação ficou ao abandono na região da Itoupava Seca. A comunidade se uniu em torno da questão e o transferiu para a Prainha, onde se encontra até hoje.

Na seção **Artigo**, através do texto "*A história da TV Coligadas de Blumenau*", o jornalista Joni César Tomazoni, orientado pelo professor da Univali, Carlos Golembiewski (orientador do seu trabalho de Conclusão de Curso), desenvolveu como objeto de pesquisa a primeira emissora de televisão em Santa Catarina, a TV Coligadas de Blumenau.

O doutorando e pesquisador do Programa de Pós-Graduação da UFSC, Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, com o artigo intitulado "*A Pacificação documentada, parte II (1916- 1918): resistências*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

à nova vida imposta", publica a segunda parte da pesquisa que gerou sua tese de mestrado. O autor procura discutir o comportamento dos índios Xokleng sob a ótica dos relatórios apresentados por Eduardo Hoerhann, no período de 1916 a 1918, dentro dos limites do Posto Indígena.

Ainda na coluna **Artigo**, Carla Fernanda da Silva, Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau – FURB, ao publicar "*José Ferreira da Silva: trajetória intelectual e política*", desenvolve um dos capítulos de sua tese de mestrado, que tem como objeto de pesquisa a figura do escritor, pesquisador e homem público José Ferreira da Silva.

Encerrando este número de Blumenau em Cadernos, na coluna **Autores Catarinenses**, o escritor Enéas Athanázio, escreve sobre catarinenses que foram membros da Academia Brasileira de Letras.

Esperamos que as contribuições dos autores apresentados neste número da revista tragam uma prazerosa leitura aos nossos leitores e pesquisadores.

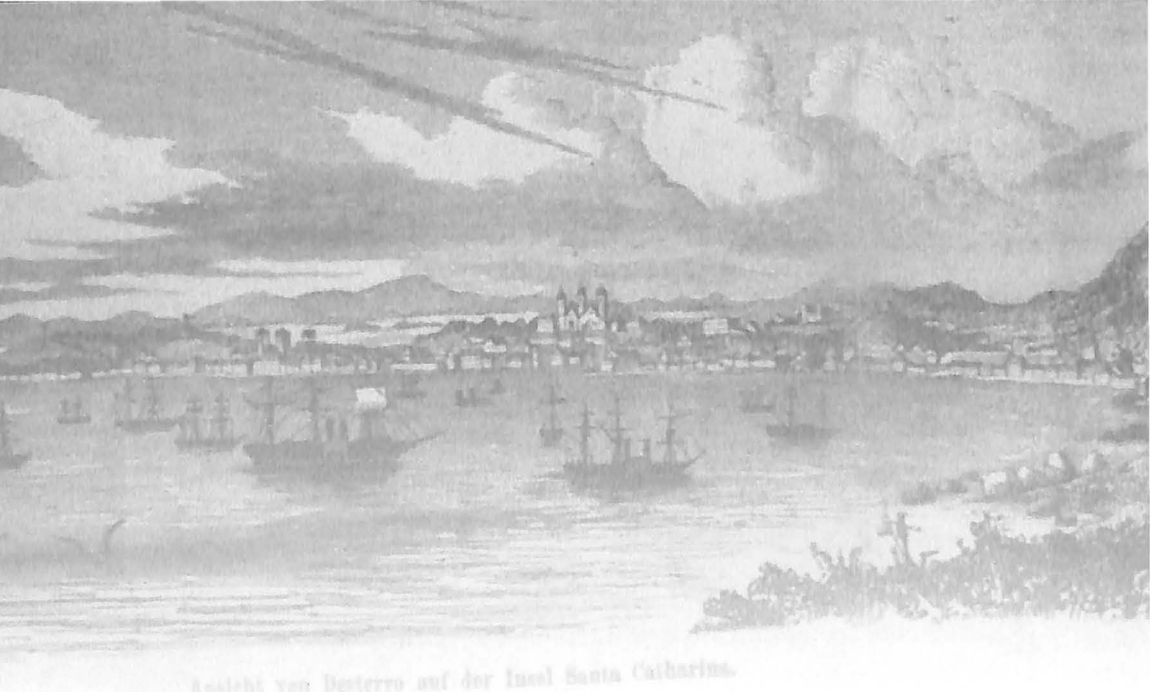
Estimulamos mais uma vez aos pesquisadores, leitores e memorialistas interessados em publicar suas pesquisas neste periódico que o façam através o envio de textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Um projeto fascinante: História da fundação da COMUNIDADE EVANGÉLICA DE FLORIANÓPOLIS

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

EIN GROSSZÜGIGES PROJEKT

Zur Gründungsgeschichte der Evangelischen Gemeinde zu Florianópolis.

Wenn eine junge Siedlung hier im Lande vorankommt und aufwärtsstrebt, dann dauert es für gewöhnlich nicht lange, dass der Wunsch aufkommt: Wir müssen jetzt Schule und Kirche haben. Ein Kreis von besonders interessierten Hausvätern wird bald zusammentreten und einen Schulverein bilden, der ein Schulgebäude errichtet und für Lehrkräfte sorgt. Derselbe Kreis aber, vielleicht mit geringfügiger personeller Abwandlung, wird sich auch zusammenfinden, um eine rechtlich fundierte, selbständige Kirchengemeinde zu gründen, die ihr Kirchengebäude baut und für Berufung und Unterhalt eines Geistlichen sorgt. So kennen wir es aus der Geschichte unserer Gemeinden und so erleben wir es bis auf den heutigen Tag.

Ähnlich war es auch in Florianópolis gewesen, das damals noch den Namen Destêrro führte. Der erste Zusammenschluss der eingewanderten Deutschen, von dem wir wissen, war ein gesellschaftlicher Verein, der in den 60er Jahren des vergangenen Jahrhunderts unter dem Namen "Harmonie" bestand. Das war, wohlgemerkt noch in einer Zeit, da an Kirche, Schule oder Friedhof nicht zu denken war. Nicht lange aber dauerte es, dass gleichsam als Ableger des Vereins "Harmonie" die erste Schule auftauchte. Wir sind über diese Entwicklung urkundlich unterrichtet, da sich das "Protokoll-Buch für die Angelegenheiten der deutschen Elementar-Schule zu Destêrro" erhalten hat und heute im Pfarrarchiv aufbewahrt wird.

Es lohnt sich, die verantwortungsbewusste Gesinnung unserer Vorväter kennen zu lernen, wie sie aus dem ersten Protokoll (vor Juli 1868) zu uns spricht. Es heisst dort: "Die Errichtung einer deutschen Schule in hiesiger Stadt wurde von vielen deutschen Familien als ein dringendes Bedürfnis erkannt; da jedoch die dabei besonders interessierten Familien

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

UM PROJETO FASCINANTE: HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE FLORIANÓPOLIS

Pastor Flos[1]
Trad. Dr. Ivo von Wangenheim.

Quando uma colônia jovem se desenvolve bem nesta terra, não tarda a aparecer o pensamento – precisamos de igreja e escola. O círculo dos pais mais interessados une-se, e funda uma sociedade que constrói o edifício da escola e arranja professores. O mesmo círculo, com pequenas diferenças, se junta para formar uma comunidade eclesiástica independente, com bases legais, que constrói igrejas e cuida da escolha e manutenção do pároco. Isto se conhece da história de nossas comunidades, e repete-se até hoje.

Também em Florianópolis, naquela época chamada de Desterro, foi assim. A primeira associação dos emigrados da qual temos conhecimento, foi uma de caráter social que, por volta de 1860, levava o nome de "Harmonie", Harmonia. Isto convém notar, numa época na qual não se podia pensar em igreja, escola ou cemitério. Não demorou muito, contudo, e surgiu uma escola como subdivisão da "Harmonie". O desenvolvimento desta acha-se documentado no Livro de Protocolos ("Protokoll-Buch für die Angelegenheiten der deutschen Elementarschule zu Desterro") que se encontra no arquivo paroquial.

Interessante é notar o espírito de responsabilidade de

1 Texto Bilíngüe de autoria do Pr. Max-Heinrich Flos. Trad. Dr. Ivo von Wangenheim. Extraído da publicação Unsere Väter - "Nossos Pais". Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. 1961.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sich nicht in der Lage befinden, allein eine Schule zu halten, so haben, den Wert und die Notwendigkeit der Erhaltung deutscher Bildung anerkennend, die Mitglieder des Vereins Harmonie, von mehreren Nichtmitgliedern bedeutend unterstützt, hilfreiche Hand zur Begründung einer deutschen Volksschule geboten und die Fortführung derselben möglich gemacht".

Bis hierher ist die Entwicklung in Destêrro als normal zu betrachten; nichts Aussergewöhnliches war geschehen.

Dann aber kam der Umschwung. In der Staatshauptstadt fand sich eine Persönlichkeit ein, von der neue Gedanken ausgingen. Es war ein junger Pfarrer, P. Dr. phil. Carl Max Gruel aus Berlin, Theologe also und Philologe. Über sein Leben sind wir einigermassen unterrichtet, da er später nach Rio ging und dort 32 Jahre lang blieb. Was jedoch den jungen Pfarrer bewog, nach Destêrro zu kommen, wissen wir nicht. Der Historiker ist schon froh, wenn er wenigstens ein festes Datum hat, das ihm sagt, wann es war. Und dieses Datum besitzen wir im Taufregister Florianópolis, in dem P. Dr. Gruel die erste Taufe am. 9. September 1868 verzeichnete. Da wir weiter wissen, dass Gruel am 31. Dezember 1842 geboren wurde, kennen wir sein Alter, in dem er nach Brasilien kam: als 25 – oder 26 Jähriger. Das heisst aber, dass er in der Heimat kein Pfarramt verwaltet hat, sondern sofort nach Ablegung seiner Examina nach Brasilien kam Der Gedanke ist nicht abwegig, dass ihm vom Elternhaus eine Reise nach Übersee gestiftet wurde, um das Blickfeld des jungen Theologen zu weiten. Die Auswahl der Haupstadt von Santa Catarina als Ziel der Reise ist einleuchtend, da die Insel das Ziel vieler wissenschaftlicher Expeditionen gewesen und in Europa wohl bekannt war. Seit den Tagen des französischen Seefahrers La Pérouse und der Krusenstern'schen Weltexpedition hatten sich stets Europäer von Weltruf auf der Insel Santa Catarina eingefunden, und es würde nicht Wunder nehmen, wenn auch P. Dr. Gruel auf den Spuren Adalbert von Chamisso's gewandelt wäre.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nossos antepassados, como bem se manifesta na primeira ata (antes de julho de 1868): "A fundação de uma escola alemã nesta localidade foi reconhecida como necessidade premente por muitas famílias alemãs; como, porém as famílias mais interessadas não se acham em condições de por si só sustentar uma escola, os membros do Clube Harmonie, reconhecendo o valor da conservação da cultura alemã, e auxiliados por muitos não-associados, possibilitaram a fundação e conservação de uma escola popular alemã".

Até aqui o desenvolvimento no Desterro era apenas normal; nada de extraordinário havia acontecido.

Então veio a grande mudança! Na capital apresentou-se uma personalidade da qual surgiram novas idéias – era um jovem pastor, P. Dr. Phil. Carl Max Gruel, de Berlim, teólogo e filósofo. Conhecemos bastante de sua vida, uma vez que mais tarde foi para o Rio onde permaneceu 32 anos. O que conduziu o jovem pastor para o Desterro não sabemos. Os historiadores dão-se por satisfeitos quando possuem ao menos uma data que lhes diga "quando" foi. E esta data encontramos no Registro de Batismo de Florianópolis, no qual o pastor Dr. Gruel registrou o seu primeiro batismo em 9 de setembro de 1868. Como sabemos ainda que Gruel nasceu a 31 de dezembro de 1842, conhecemos sua idade quando veio ao Brasil – 25 a 26 anos. Indica isto que não exerceu cargo nenhum na sua pátria, mas veio ao Brasil logo após sua formatura. Provavelmente os pais lhe financiaram uma viagem a além mar, a fim de aumentar seus conhecimentos. A escolha da capital de Santa Catarina é compreensível, pois esta ilha era muito conhecida nos círculos científicos europeus. Desde os dias do navegante La Perouse e da expedição Krusenstern, muitos europeus de fama mundial visitaram a ilha de Santa Catarina; assim é muito compreensível que também o pastor Gruel seguisse os passos de Adalbert von Chamisso.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dieser junge Pfarrer also, wie wir ihn eben vorgestellt haben, brachte neue Gedanken und legte seinen Landsleuten ein wirklich "grosszügiges Projekt" vor. Er rief, um die Hauptsache vorweg zu nehmen, zur Gründung einer "Deutsch Evangelischen Gemeinde Santa Catarina" auf, die drei Aufgabenbereiche haben, oder, wie das Protokollbuch sagt, aus drei "Institutionen" oder "Gemeinde-Instituten" bestehen sollte. Diese Gemeinde-Institute waren:

I. Die Kirche

II. Die Schule

III. Der Friedhof

Es ist ganz deutlich, dass der Ausdruck "Gemeinde" hier in einem völlig verschiedenen Sinn gebraucht wird als wir es heute tun. Gemeint ist also nicht eine Pfarr- oder Kirchengemeinde, sondern die Gemeinde als Oberbegriff, als eine umfassende Gemeinschaft, als eine übergeordnete Zentralstelle. Um diesen Sprachgebrauch zu betonen, werden wir im kommenden, wenn wir das Wort "Gemeinde" im Gruel'schen Sinn gebrauchen, auch in Zitaten stets Gemeinde schreiben.

Im Pfarrarchiv zu Florianópolis findet sich auf Dokumentaten aus der Zeit um 1908 der Abdruck eines eindrucksvollen und guten Kirchensiegels. Es zeigt in der Mitte die geschmackvolle Zeichnung eines Kreuzes und trägt die Inschrift 1.Cor. 3,11, also das Paulus-Wort: Einen andern Grund kann niemand legen ausser dem, der gelegt ist, welcher ist Jesus Christus. Die Umschrift lautet: "DEUTSCH EVANGELISCHE GEMEINDE STA. CATHARINA". Diese Ortsangabe ist auffallend und klärt unseres Erachtens die Entstehungszeit des Siegels. Offensichtlich endstand es, bevor die Stadt den neuen Namen Florianópolis erhielt (1. Oktober 1894) und noch das alte Destêrro war, dessen Name aber manchmal als anstössig empfunden und einfach durch "Santa Catharina" ersetzt wurde. Wird sind überzeugt, da zwischen den Jahren 1869 und 1894 kein

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Este novo pastor que acabamos de apresentar surgiu com novas idéias e um projeto realmente fascinante aos seus conterrâneos. Insistiu para a formação de uma "Comunidade Evangélica Alemã de Santa Catarina", que seria constituída de três "instituições comunais", a saber:

1 – a igreja
2 – a escola
3 – o cemitério

É evidente que o termo Comunidade era usado num sentido completamente diferente do que o fazemos hoje. Não se refere apenas a uma comunidade eclesiástica local, porém em sentido lato como uma congregação centralizada superior. Para acentuar este significado, no sentido de Gruel, escrevemos Comunidade, também em citações.

No arquivo paroquial de Florianópolis, acha-se em alguns documentos um sinete de outrora. Mostra no centro o desenho artístico de uma cruz e traz a inscrição 1. Cor. 3,11, isto é, a palavra de Paulo "Ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo". O lema é o seguinte: "Deutsch Evangelische Gemeinde St. Catarina", Comunidade Evangélica Alemã de Santa Catarina. Esta localidade é surpreendente, e explica, a nosso ver, a data de criação do sinete. Evidentemente foi criada antes da cidade receber o nome de Florianópolis – 1° de outubro de 1894 - , sendo ainda conhecida como Desterro. Este nome era muitas vezes considerado chocante, e foi substituído pelo de Santa Catarina. Assim, não tendo em Santa Catarina, Desterro, entre os anos de 1869 e 1894 outro pastor senão o Pastor Gruel, estamos certos que este sinete é o original de 1869.

Uma vez tendo-o planejado, P.Dr. Gruel rapidamente

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

anderer Pfarrer als Dr. Gruel in Santa Catarina, lies Destêrro, war, das alte Originalsiegel vom Jahr 1869 vor uns zu haben.

Einmal durchdacht und aufgestellt, trieb P. Dr. Gruel sein Projekt rasch voran. Das wohlerhaltene Protokollbuch berichtet, dass die erste Gemeinde Versammlung am 1. Februar 1869 gehalten wurde, eine zweite folgte am 3. Februar 1869, die dritte am 21. Februar 1869 und eine vierte am 4. Juli 1869, gefolgt von vielen weiteren. Schon im Protokoll der 2. Versammlung heisst es: "Durch die heutige Versammlung habe sich die Gemeinde als solche faktisch konstituiert".

Der Grosszügigkeit des Projektes entsprechend waren umfangreiche Erläuterungen notwendig. Da lesen wir zum Beispiel im Protokollbuch: "Herr Krätke bat um das Wort, um zu bemerken, ob es nicht besser sei, dem Kirchhof sowohl der Schule den Namen "deutscher Kirchhof" und "deutsche Schule" zu geben. Herr Pastor Gruel antwortete: Den beiden Instituten dürfe wohl mit Recht der Name "evangelisch" beigelegt werden, da sie vorzugsweise aus der hiesigen evangelischen Gemeinde hervorgingen, doch solle und dürfe in diesem Namen niemals und in keiner Weise irgend ein Zwang liegen". Neben der Erläuterung stand die Ermunterung. Das Protokoll fährt fort: "Darauf wurde von Herrn Pastor Gruel die Gründung der Evangelischen Schule sowohl als der Evangelischen Kirche hier am Platze als dringendstes Bedürfnis dargestellt und der Gemeinde aufs wärmste ans Herz gelegt".

Wie stand es nun mit der

Verwirklichung des Gruel'schen Projektes,

konnte es zur Tat werden? Das Protokollbuch gibt klare Auskunft, die wir hier wörtlich zitieren wollen. Über das erste Gemeinde-Institut, nämlich über

I. – DIE KIRCHE,

heisst es auf Seite 12 am 14. Juli 1869: "Nachdem Herr

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

desenvolveu o seu projeto. O bem conservado livro de atas conta que a primeira reunião da Comunidade deu-se à primeiro de fevereiro de 1869, seguindo-se uma segunda em 3 de fevereiro, uma terceira a 21 de fevereiro, uma quarta a 4 de julho de 1869, e muitas outras mais. Já na ata da segunda reunião consta que "... pela reunião de hoje fica constituída a Comunidade".

A grandeza do projeto exigiu explicações relativas. Lemos por exemplo, no livro de atas: "O Sr. Krätke pediu a palavra para fazer a sugestão se não seria melhor denominar escola e cemitério de Escola Alemã e Cemitério Alemão. Ao que o Sr. Pastor Gruel respondeu dizendo que a ambas as instituições poder-se-ia dar o nome de evangélico, porque surgiram da comunidade evangélica local, mas não havia qualquer obrigatoriedade nesta denominação".

E seguiu-se mais uma objeção: "O Sr. Link chamou a atenção ao fato de algumas pessoas cuja contribuição se destinava apenas ao cemitério, pudessem objetar a alguma outra aplicação do dinheiro". Novamente o jovem pastor "salientou que a administração dos assuntos referentes ao cemitério deveria ser encarada como provisória, agora que a Comunidade como tal se constituía, também as quantias designadas especialmente para a construção do cemitério deveriam ser transmitidas ao fundo da Comunidade".

E mais uma vez mais claramente: "O Sr. Pastor salientou que tanto escola como cemitério e igreja eram assuntos da Comunidade, e que estes três interesses a ser representados, achem seu apoio natural no fundo da Comunidade".

Depois destes esclarecimentos, era indicada uma palavra de apoio e estímulo: "Após isto o Pastor Gruel insistiu que a fundação da Escola Evangélica e da Igreja Evangélica eram assuntos de imediata e premente necessidade, pedindo que a Comunidade se interessasse por eles".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pastor Gruel mit Hinsicht auf unsre kirchlichen Angelegenheiten in der Kürze erwähnt hatte, dass bis zum Juli 4 mal eine gottesdienstliche Feier stattgefunden habe, wurde die gewiss gerechte Klage erhoben, dass beim letzten Male die Aufforderungs-Liste nicht an alle Mitglieder der Gemeinde gekommen sei. Um dies in Zukunft zu vermeiden und dem Gemeinde-Fonds die Kosten für den jedesmal herumzuschickenden Boten zu ersparen, wurde beschlossen, regelmässig am ersten Sonntage jedes Monats einen Gottesdienst zu veranstalten, wozu dann nicht mehr besonders aufgefordert würde. Nur in Monaten, in denen hohe Festtage wären, würde die gottesdienstliche Feier auf diese verlegt werden".

Also: Bereits im Jahr 1869 regelmässiger Gottesdienst.

I. – DIE SCHULE.

Auch hier gibt das Protokollbuch erschöpfende Auskunft und berichtet auf Seite 8 am 21. Februar 1869: "Herr Pastor Gruel machte die Anzeige, dass er sich auf ein Jahr als Lehrer für die Gemeinde-Schule verpflichte... Der Unterricht soll am 1ten April a/c beginnen... Die Schulordnung zur definitiven Abstimmung vorgelegt... Zu § 2 machte Herr Mappey die Bemerkung, dass Kinder von Einwanderern und Kolonisten zu jeder Zeit in die Schule aufgenommen werden müssten. Die Entscheidung hierüber wollte Herr Pastor Gruel dem Gemeinde-Vorstand vorbehalten wissen". Über das Verhältnis zur Kirche heisst es auf der folgenden Seite: "In Betreff der Kirche wurde beschlossen, die einmalige Ausgabe für Anschaffung der Kirchen-Geräte von der einmaligen Gabe und den ersten Monats-Beiträgen zu bestreiten; ebenso die für die Kirche ausgesetzten monatlichen fünfundzwanzig Milreis unverkürzt derselben zu lassen, da zuvorderst das Schul-Lokal zu Kirchlicher Feier benutzt werden könnte".

Später auf Seite 11 vom 4. Juli 1869 lesen wir: "Darauf stattete Pastor Gruel Bericht ab über den Fortgang der heisigen Gemeinde-Institute. Namentlich wurde auf die erfreuliche Entwicklung der Gemeinde-Schule

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Qual era então a situação do projeto de Gruel? Poderia ser realizado?

O livro de atas esclarece o assunto. Do mesmo tiramos as citações seguintes. Sobre a primeira instituição da Comunidade:

1 - A IGREJA,

Relata à página 12 de 4 de julho de 1869: "Após ter o Pastor Gruel mencionado, com relação aos assuntos da igreja, que até julho havia no lugar quatro cultos, foi levantada a queixa de que nas últimas vezes a lista de chamada não havia sido enviada a todos os elementos da Comunidade. Para evitar isso no futuro, ficou resolvido - para prescindir das despesas de um mensageiro - que haveria culto em cada primeiro domingo do mês, para o qual não haveria chamada especial. Apenas em meses nos quais haveria importantes datas santificadas, seriam os cultos transferidos para estes dias".

Portanto, já no ano de 1869 havia culto regular.

2 - A ESCOLA.

Também no livro de atas dá-nos bastante informações, e diz na página 8, de 21 de fevereiro de 1869: "O Sr. Pastor Gruel fez saber à comunicação de que tomaria a si o cargo de professor da escola da Comunidade pelo espaço de um ano... A escola deveria começar em 1° de abril do corrente... Os estatutos da escola se acham à disposição para aprovação definitiva... A respeito do § 2 manifestou o Sr. Mappey que as crianças de colonos e imigrantes deveriam ser admitidos na escola em qualquer época. A decisão deste ponto, foi entregue pelo Sr. Pastor Gruel à presidência da Comunidade".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

hingewiesen, deren Schülerzahl zur Zeit 25 betrüge, und die Hoffnung ausgesprochen, dass auch für die fernere Zukunft sämtlichen, hier ansässigen Deutschen die Aufrechterhaltung und Förderung der Schule am Herzen liegen werde".

Also auch das zweite Gemeinde-Institut funkionierte.

III - DER FRIEDHOF.

Hierzu lesen wir im Protokollbuch Seite 6 vom 3. Februar 1869: "Herr Pastor Gruel machte der Versammlung die Anzeige, dass Sonntag, d. 21. Februar morgens 10 Uhr die feierliche Einweihung des Gottesackers sattfinden würde, wozu sämmtliche Protestanten unsrer Gemeinde sowie auch die andersglaubenden beteiligten Deutschen eingeladen wurden. Schliesslich wies Herr Pastor Gruel noch einmal ernstlich darauf hin, dass zur Erreichung unsrer gemeinsamen Ziele jedes einzelne Mitglied kein Opfer scheuen dürfte, sondern sich nach besten Kräften bestreben müsse, durch reichlichen Beitrag die Gründung unsrers Gemeinde-Instituts zu ermöglichen und zu unterstützen.

Also: das 3. Gemeinde-Institut wurde sogar als erstes ins Leben gerufen.

Dann aber fiel

der Reif in der Frühlingsnacht:

Pastor Dr. Gruel ging aus Destêrro fort. Wir lesen im Protokollbuch auf Seite 18, protokolliert ohne Datum, von der neuen Lage: "...da ja das dringendste, das notwendigste die Schule sei eine Kirche zu bauen sei so oder so durch den Abgang des Herrn Pastor Gruel unhaltbar geworden". Auch hier ermöglichen die kirchlichen Register, ein genaueres Datum festzulegen. Die letzte von Dr. Gruel zu Destêrro vollzogene Taufe war am 5. Juni 1870, die nächste, nicht durch ihn vollzogene am 26. Juli 1870; die letzte Trauung am 7. Juni 1870, die nächste durch P. Tischhauser vollzogene am 10. November 1870. Das

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

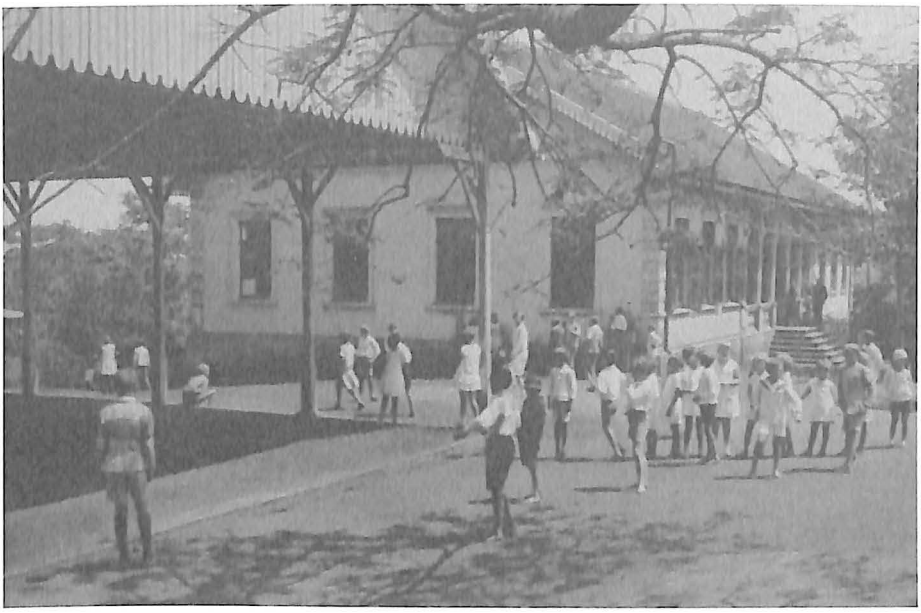


Fig. 1 - Escola da Comunidade Evangélica de Florianópolis. Crianças brincando. Acervo A.H.J.F.S.

Sobre a igreja, afirma a página seguinte: "Com relação à igreja, ficou resolvido que a quantia necessária à aquisição dos objetos necessários, seria retirada das contribuições iniciais e mensais; também os 25 milréis destinados à igreja seriam reservados integralmente para este fim, pois por enquanto a escola poderia ser usada para a realização dos cultos".

Mais adiante, na página 11, de 4 de julho de 1869, podemos ler: "Após, o Sr. Pastor Gruel discorreu sobre o desenvolvimento das instituições da Comunidade local. Chamou em especial a atenção sobre o desenvolvimento da escola, cujo número de alunos era vinte e cinco, e manifestou suas esperanças de que também para o futuro os alemães residentes aqui cuidariam da boa manutenção da escola".

Portanto, também a segunda instituição da Comunidade funcionava.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Scheiden von P. Dr. Gruel aus Destêrro

war also Ende Juni – Anfang Juli 1870.

Wir kennen nicht den Grund für seine Abreise; möglicherweise fand er zu wenig Unterstützung, möglicherweise mag er auch auf Widerspruch gestossen sein. Er begab sich jedenfalls, zum Zeichen, dass es ihm nicht nur auf ein Pfarramt, sondern auf ein besonderes, verantwortungsvolles Schaffen ankam, in ein kirchliches Notstandsgebiet, auf die Kolonie São Lourenço in Rio Grande do Sul. Im November 1871 trat er, wie oben erwähnt, sein Amt in Rio an, das ihm die Lebensaufgabe bringen sollte. Auf seinem Grabkreuz in Berlin stehen oder standen die Worte: "Ihrem langjährigen Pfarrer und Schulleiter Dr. C. M. Gruel, Freunde und Verehrer zu Rio de Janeiro".

Mit Gruel's Fortgang zerbrach das Projekt der "Deutsch Evangelischen Gemeinde Santa Catharina". Was aber wurde aus ihren drei Instituten, was wurde aus Kirche, Schule und Friedhof? Zunächst machte sich die Schule mit einem interkonfessionellen Schulverein selbstständig, arbeitete lange Jahrzehnte reibungslos und fand in den Tagen des zweiten Weltkrieges ihr Ende. Die Kirchengemeinde hatte es anfangs sehr viel schwerer: sie blieb zweiunddreissig Jahre lang ohne eigene Geistliche, wurde aber von den auswärtigen Pastoren Tischhauser, Sandreczki, Flury und Zluhan bedient. Der Friedhofsverein machte sich ebenfalls selbständig und besitzt heute auf dem Munizipalfriedhof eine eigene Abteilung; sein alter Name "Deutsche Gemeinde" spiegelt deutlich die Herkunft aus Gruel'scher Zeit.

Verwunderlich ist, dass die beiden ehemaligen "Gemeinde-Institute", Kirche und Friedhof, die überlebenden Zwillingsgeschwister vom Jahr 1869, sich noch nicht wieder zusammengefunden haben.

("Protokoll-Buch für die Angelegenheiten der deutschen Elementarschule zu Destêrro")

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3 - O CEMITÉRIO.

Com referência a este, lemos no livro de atas, página 6, de 3 de fevereiro de 1869: "O Sr. Pastor Gruel fez a comunicação que domingo, dia 21 de fevereiro pela manhã, às 10 horas teria lugar a solene inauguração do cemitério, para a qual eram convidados os protestantes da Comunidade, assim como todos os alemães de outra religião. Para finalizar, o Sr. Pastor Gruel mencionou que para atingir o fim comum, nenhum dos associados deveria temer sacrifícios, porém deveria ajudar na medida de suas forças para a realização das instituições da Comunidade".

Aqui podemos inserir uma pequena curiosidade, que nos parece característica para aquela época. Se em alguma parte era necessário um portão de ferro, este teria que ser encomendado na Europa. Consta na ata de 4 de julho de 1869: "o Pastor Gruel comunica, com referência ao cemitério local, que o portão de ferro encomendado na Europa havia chegado, e que assim que houvesse material, o mesmo seria colocado junto com uma parte do muro".

Portanto a terceira instituição da Comunidade foi até a primeira a ser fundada.

Aí, porém, a sorte virou:

O pastor Dr. Gruel deixou Desterro. Lemos no livro de atas, na página 18, sem data, sobre o novo estado de coisas: "... que o mais necessário e mais importante é a escola. O projeto da construção da igreja assim torna-se irrealizável, devido à partida do pastor". Também aqui os registros permitem fixar uma data - o último batismo realizado pelo Pastor Gruel fora em 5 de julho de 1870, e o seguinte já não por ele em 26 de julho do mesmo ano; o último casamento em 7 de junho, e o seguinte pelo Pastor Tischhauser, em 10 de novembro de 1870.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A partida do Pastor Dr. Gruel de Desterro deu-se, portanto entre fins de junho e princípios de julho de 1870.

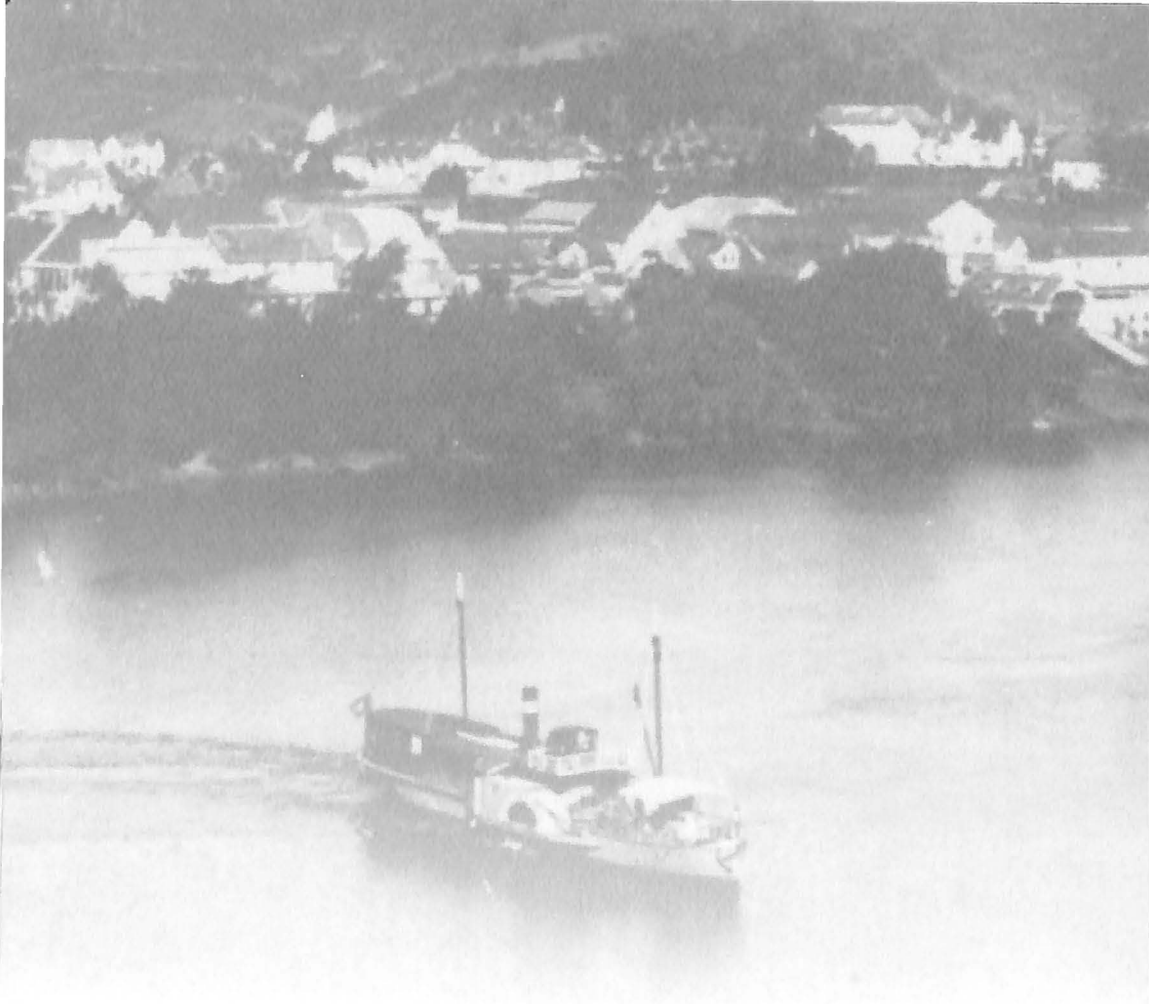
Desconhecemos a razão de sua partida. Pode ter encontrado pouco apoio ou mesmo oposição. Para mostrar que não estava interessado apenas na paróquia, mas em um trabalho criador, dirigiu-se para a colônia de São Lourenço no Rio Grande do Sul. Em novembro de 1871 como já foi dito, assumiu o cargo no Rio de Janeiro, encontrando lá o trabalho da sua vida. Na lápide do seu túmulo em Berlim acham-se ou achavam-se as seguintes palavras: "Ao seu Pastor e Diretor de longos anos, Dr. C. M. Gruel, amigos e admiradores do Rio de Janeiro".

Com a saída de Gruel, o projeto da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Catarina desintegrou-se. Mas que fim levaram as suas três instituições? Que destino seguiram Igreja, Escola e Cemitério? Primeiro foi a escola que se tornou independente, e com uma associação interconfessional funcionou durante muitos anos sem atrito, e teve seu fim nos dias da Segunda Guerra Mundial. A igreja teve um começo mais difícil. Permaneceu durante trinta e dois anos sem sacerdotes próprios, sendo atendida pelos pastores vizinhos Tischhauser, Sandrezcki, Zluhan e Flury. A associação do cemitério também se tornou independente e possui hoje um lote particular no cemitério municipal; seu antigo nome "Comunidade Alemã" reflete sua origem dos tempos do Pastor Dr. Gruel.

É de se admirar que as duas instituições comunais, igreja e cemitério, irmãs gêmeas sobreviventes do ano de 1869, ainda não chegaram a unir-se novamente.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



A história do salvamento DO VAPOR "BLUMENAU"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A HISTÓRIA DO SALVAMENTO - DO VAPOR "BLUMENAU"

José Gonçalves

Graças à iniciativa do Kennel Club de Blumenau, liderada por seu presidente, o saudoso Raul Deeke, o vapor "Blumenau I" que, durante tantos anos havia ligado Blumenau a Itajaí através das águas do nosso rio, foi possível retirá-lo do abandono em que se encontrava em Itoupava Seca, pois sem essa iniciativa estaria fadado a afundar ali mesmo e desaparecer.

Visando, pois, o salvamento do vapor, depois de ouvir por várias vezes no meu programa Revista Matinal pelas ondas da Rádio Clube e também ler nos jornais comentários de diversos jornalistas, apelando às nossas autoridades para que salvássemos o vapor de tão triste destino, num dia de agosto, após a grande enchente que assolou toda a região do Vale do Itajaí, recebi a visita, em meu programa, do bom amigo Raul Deeke, presidente do Kennel Clube de Santa Catarina, cuja sede era em Blumenau. Raul vinha a meu encontro com uma sugestão. Era a de que, se conseguíssemos a autorização oficial do Prefeito Busch, o Kennel Club reuniria todos os esforços para retirar o vapor de onde estava e transportá-lo navegando até a prainha em frente à cidade para, ali colocá-lo sobre um pedestal. O Kennel Club reivindicava apenas o direito de usar uma das salas existentes no navio para realizar suas reuniões de diretoria e nada mais.

Apoiei desde logo a idéia do Raul e combinamos marcar uma audiência com o prefeito para tratar do assunto.

Dias depois, lá estávamos eu, o Raul Deeke e o Sr. Feigel, este vice-presidente do Clube, sendo recebidos pelo Sr. Frederico Guilherme Busch Jr., ao qual foi apresentada a sugestão do Kennel Club.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Depois de conhecer os propósitos da iniciativa, o prefeito chamou seu assessor jurídico e o consultou sobre a viabilidade de ser assinada uma portaria, na qual autorizava o Kennel Club a realizar seus objetivos, com os direitos reivindicados. O assessor, após conhecer todos os detalhes da solicitação, afirmou que não havia nenhum impedimento legal, pois o vapor continuaria a pertencer ao município.

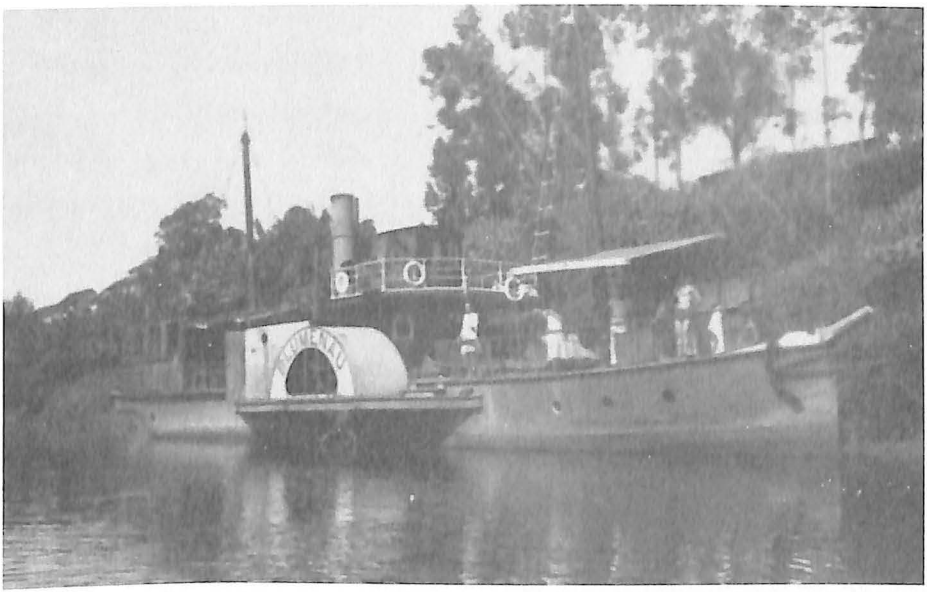


Fig. 1 - Vista do Vapor Blumenau atracado na margen do Rio Itajaí-Açu.
Acervo A.H.J.F.S.

Diante disso, o prefeito determinou que fosse redigida a portaria que seria logo assinada e publicada no Boletim Oficial. E também nos autorizou que fôssemos desde já tomando todas as providências para a salvação do vapor.

Assim autorizados, fomos à Itoupava Seca à procura da residência de Generoso que, como funcionário da Rede Ferroviária Federal, estava encarregado de zelar pelo patrimônio da Rede e que incluía o vapor "Blumenau I". Generoso então nos informou que, apesar dos cuidados que sempre teve com a conservação do vapor,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

este fora por diversas vezes assaltado, tendo os ladrões roubado muito metais e outras peças importantes e que, se o vapor não fosse logo retirado dali acabaria numa sucata imprestável.

Generoso era meu amigo pessoal. Ele fora um dos mais completos defensores da equipe de futebol do G. E. Olímpico cuja linha média era formada por Piska, Heine e Generoso e cuja equipe grená sagrara-se campeã do Estado em 1949. Por isso, Generoso entusiasmou-se ainda mais para colaborar conosco. Assim, combinamos com ele o início dos trabalhos para o dia seguinte. Seria o de obter grande quantidade de tambores vazios em boas condições para serem atados nas laterais do navio. Esses garantiriam a flutuação e, no dia em que as águas do rio subissem novamente, lá estaríamos para empurrá-lo para o centro da correnteza e trazê-lo até a prainha. Haviam se passado algumas semanas e já tínhamos concluído todas as amarras dos tambores, estando assim tudo pronto para a largada.

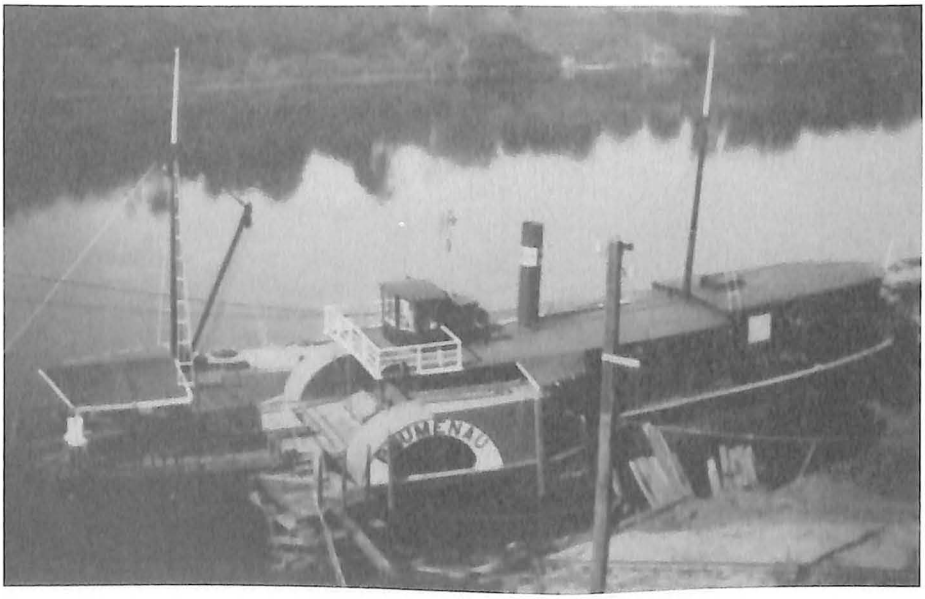


Fig. 2 - Vapor Blumenau atracado no porto fluvial aos fundos da Praça Hercílio Luz. Acervo A.H.J.F.S.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eis que chegou o dia de navegar. As chuvas retornaram ao Vale do Itajaí e as águas começaram a subir com rapidez. Ficamos na expectativa e, quando as águas já se achavam bastante altas que permitiriam forçar o vapor a flutuar, lá estavam algumas dezenas de pessoas dispostas a ajudar para depois navegar. E foi assim que conseguimos colocar o vapor bem no centro do rio, sobre a maior força da correnteza, a qual foi conduzindo o barco rio abaixo. Tornou-se fácil usar o leme e com a ajuda também de alguns varejões, foi possível manter o barco na rota certa. Depois de mais de uma hora de navegação, eis que avistamos a ponte ferroviária. Foi aí que começou um foguetório, pois o Raul, o Feigel e outros mais haviam levado para o navio numerosas caixas de foguetes. Parece até que a população da cidade e arredores já estava aguardando aquele momento, pois surgiram explosões de foguetes de todos os lados, como a receber festivamente a chegada do vapor.

Passamos debaixo da ponte de ferro com boa folga do mastro principal. Já na segunda, a ponte "Adolfo Konder" quase impediu a passagem. Porque, além do rio estar subindo rapidamente, ela possui menos altura do que a outra. Assim mesmo, pela diferença de uns vinte a trinta centímetros cruzamos por baixo da segunda ponte e começamos todos a empurrar com varejões o vapor na direção da prainha, o que conseguimos, felizmente, embicando o mesmo na direção certa. Saltando do navio, diversas pessoas, auxiliadas pelos que já estavam na prainha aguardando a chegada do vapor, seguraram os cabos que estavam atados ao navio, puxando forte para subir o máximo possível e amarrando as cordas em árvores fortes existentes um pouco mais afastadas. Em toda a cidade era uma verdadeira festa o espocar de foguetes, produzindo alegria contagiante a toda a população pelo sucesso da salvação do navio "Blumenau I"!

Diversas pessoas prontificaram-se para ficar de plantão

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

noturno, acompanhando o subir das águas e aproveitando para ir puxando o navio mais para cima da prainha. Assim, no dia seguinte, quando lá comparecemos, o barco já se achava no local onde hoje ainda se encontra, pois as águas subiram mais de um metro vertical sobre a prainha, permitindo ao navio flutuar e ser puxado até ali sem maiores dificuldades.

A segunda etapa do plano de salvação do navio era a de colocá-lo sobre um pedestal. O Kennel Club aceitou a oferta do engenheiro Humberto de Almeida que era um dos orientavam a extensão da linha férrea além de Rio do Sul. Este se ofereceu para elaborar o projeto de construção do pedestal para o navio e acompanhar a edificação da obra. E assim aconteceu. O saudoso amigo engenheiro Humberto fez um trabalho notável, como ainda hoje podemos observar e, meses após o navio ali haver chegado, foi colocado sobre o pedestal, tudo sob a orientação técnica do Engenheiro Humberto de Almeida. Com essa dedicação de tantos blumenauenses e amigos de Blumenau, ficou salvo mais um marco histórico muito valioso no enriquecimento da memória histórica de Blumenau.

Fig. 3 - Vista geral da cidade. Em destaque, o Vapor Blumenau navegando. Acervo A.H.J.F.S.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A história da
TV COLIGADAS DE BLUMENAU

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A HISTÓRIA DA TV COLIGADAS DE BLUMENAU

Autor: Joni César Tomazoni[1]
Carlos Golembiewski[2]

Jornalismo é busca e desafio para o autor desta grande reportagem, que mostrou levar a sério o conceito, quando se propôs a resgatar uma história que foi – literalmente – por água abaixo. As enchentes de 1983/84, em Blumenau, destruíram os arquivos da TV Coligadas/Canal 3 – oficialmente reconhecida como a primeira emissora de televisão em Santa Catarina. Mas, a falta de fontes documentais não demoveu o repórter de registrar os dez anos da pioneira Coligadas, cuja trajetória, iniciada de forma brilhante em 1969, encerra-se de modo melancólico, em 1979, quando a emissora é encampada pela Rede Brasil Sul de Comunicação. A aventura, que durante uma década fez da TV Coligadas "a menina dos olhos" do povo catarinense está nas próximas páginas, onde o leitor vai fazer uma viagem no tempo, acompanhado, por vezes, pela própria Vera Fischer.

A COPA DE 70

A correria foi grande. A equipe tinha que estender aproximadamente cem metros de cabo, desde o estúdio, na rua Getúlio Vargas, até a rua XV de Novembro, esquina da antiga Loja August, hoje Banco do Brasil. Tudo no chão. Foi preciso que os cabos atravessassem um buraco aberto na parede do estúdio, invadissem os quintais das

1 Formado em Jornalismo pela UNIVALI.
2 Professor orientador

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

casas para chegar àquela rua. O motivo: a vitória do Brasil na Copa de 70, batendo a Itália por 4x1, no Estádio Azteca, na cidade do México. O Brasil havia conquistado o tricampeonato mundial, voltando a ser o melhor do mundo e ficando de posse definitiva da Taça Jules Rimet.

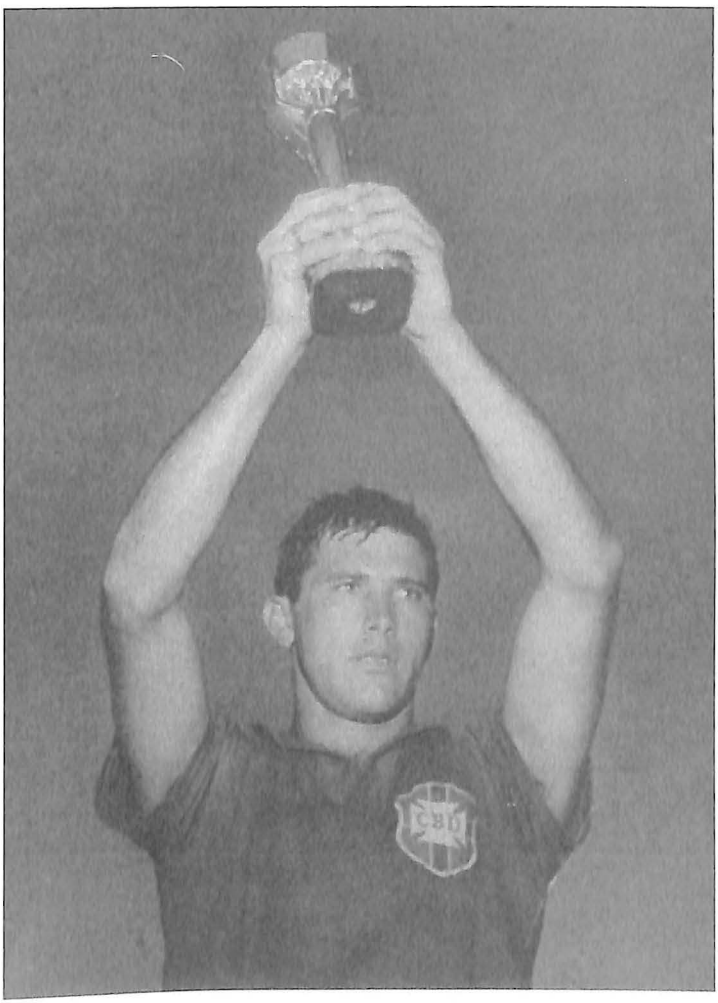


Fig. 1: Capitão Bellini ergue a Taça Jules Rimet - 1970. Brasil Tricampeão.

O país batia palmas para os craques Pelé, Gerson, Tostão, Rivelino, Carlos Alberto Torres e Jairzinho. Na vitória contra a Itália, Pelé, Gerson, Jairzinho e Carlos Alberto marcaram os gols. Com isso,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a rua XV de Novembro se transformou em um grande palco, onde os blumenauenses festejaram com euforia a terceira grande conquista brasileira.

Nada passou despercebido pelo repórter cinematográfico Clóvis Leopoldino de Souza, que fazia parte da equipe de reportagem da TV Coligadas e que tinha vindo para Blumenau com uma experiência de três anos, adquirida na TV Paraná, Canal 6. Clóvis filmou toda a festa na rua XV. O carnaval da conquista foi enorme. Uma câmera só não bastava para cobrir toda aquela euforia. Clóvis contou então com a ajuda do iluminador e câmera Antônio Costa, o Tuneca, como é conhecido até hoje, que na época veio da TV Excelsior, do Rio de Janeiro, para trabalhar na emissora, a convite do técnico de manutenção Paulo Deniz. Com uma câmera da marca Maxwell, e a experiência de cinegrafista obtida na própria TV Coligadas, fazendo parte da TV desde a sua fundação, Tuneca fez parceria no registro das filmagens da rua XV. A transmissão invadiu as telas com uma imagem limpa, perfeita, através do canal 3.

No ano de 69, a Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, que já havia se instalado em Blumenau e concluído seu centro de TV nos últimos dias de maio daquele ano, tornou-se imprescindível para o sucesso da TV Coligadas. Isso possibilitou que a transmissão fosse ao vivo, na hora, sem atraso, ligando o canal 3 aos televisores catarinenses.

A Embratel alugava uma linha para cada emissora. A TV Globo entrava em contato com a TV em Blumenau para passar informações sobre sua programação. A emissora carioca enviava sua grade de programação com até seis meses de antecedência e a TV Coligadas reservava o canal. Devido a essa organização, a TV Coligadas se antecipava, selecionando os programas de maior interesse e vendo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com a Embratel o custo da reserva da linha. Isso fez com que a TV Coligadas consolidasse a sua audiência no Vale do Itajaí e no Estado de Santa Catarina. Apesar da escassez da linha, o profissionalismo entre a empresa e a emissora era tanto que, no estúdio, além da equipe da TV, um técnico da Embratel participava e analisava os programas que seriam transmitidos para as demais regiões do Estado. Era a rapidez e a tecnologia envolvidas num único objetivo: levar a imagem da Coligadas a todas as regiões catarinenses. O carnaval da conquista da Copa de 70 na rua XV de Novembro foi a primeira transmissão ao vivo da TV Coligadas e, entre outras, a de maior sucesso.

A LOIRA CATARINENSE

A Copa de 70 foi marcante para a TV Coligadas. Mas ficou na lembrança da equipe um fato que levou também ao delírio toda a cidade de Blumenau. Em 69, pouco antes da Copa, o pavilhão A da Proeb – Fundação Promotora de Exposições de Blumenau, na época chamada de COEB, ficou repleto de blumenauenses e pessoas vindas de todo o Estado de Santa Catarina. Tanta motivação para ver uma moça de 1,70 de altura, pesando 58 quilos, de cabelos louro-cinza e com olhos verdes, concorrer ao título de Miss Santa Catarina. O júri, presidido por José Fernando e secretariado por Nagel Milton de Melo, coordenador geral do concurso, selecionou as cinco finalistas: Sueli Maria Silva, Dagmar Pollmann, Margot Radünz, Vera Fischer e Marta Rinaldi, representantes respectivamente de Itajaí, Timbó, Jaraguá do Sul, Blumenau e Tubarão. Após o desfile, importantíssimo para a candidata, o apresentador Antunes Severo, juntamente com Regina Maria, em meio a um enorme suspense, anunciou o resultado final: Vera Fischer foi eleita Miss Santa Catarina, com 121 pontos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fig. 2 - Vera Fischer eleita Miss Brasil, festivamente recepcionada em Blumenau - 1969. Acerto A.H.J.F.S.

A TV Coligadas estava presente no pavilhão A, no momento que anunciaram o resultado. Clóvis registrou o evento com uma filmadora alemã, Bhell Hovel, que gravava em filme de 16 mm. Nessa época a TV Coligadas estava em caráter experimental e o estúdio ainda não funcionava. Tudo era feito no transmissor, instalado no Morro do Cachorro. Clóvis teve que levar tudo para lá. Mas a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cobertura do Miss Santa Catarina na Proeb traz lembranças engraçadas à equipe de reportagem da TV. Os dois locutores, Jeser Jossi Reinert e Alfredo Otto Flatau, responsáveis pela reportagem, fariam a narração da gravação. Tudo seria normal se os dois, querendo evitar o barulho que o transmissor fazia quando estava ligado, não fossem escolher iniciar a locução da filmagem apoiados em uma janela que lá existia. A natureza pregou uma peça nos dois. Um vento entrou de repente pela janela e tirou o roteiro das suas mãos, espalhando tudo no chão. Como já havia se iniciado a transmissão, Jeser e Alfredo tiveram que improvisar. "Foi ao vivo. A emissora queria transmitir quase no mesmo instante. Eles olhavam a cena e comentavam. Chegaram a trocar os nomes das personalidades que estavam na festa. Foi muito engraçado, lembra Clóvis.

O mês de junho de 69 ficou marcado na história de Blumenau. O município já tinha sua Miss, e as notícias boas não terminariam por aí. No dia 28 do mesmo mês, a cidade foi despertada pela transmissão de uma notícia que lhe tocava bem de perto. Vera Fischer tinha sido eleita a nova Miss Brasil de 1969. O município ganhava mais um presente. No Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, a cidade de Blumenau, que já era consagrada a "capital econômica do Estado", ganhava mais um título: "capital da beleza brasileira", terra da Miss Brasil.

O repórter cinematográfico Clóvis Leopoldino de Souza registrou fatos importantes que marcaram profundamente o início da TV Coligadas no município, como a escolha da Miss no pavilhão da Proeb e o carnaval da conquista da Copa do Mundo de 70 na rua XV. Durante três anos, seu prestígio junto à emissora foi tanto, que o Jornal A Nação, um dos principais jornais que existia naquela época no município, numa de suas reportagens, o considerou o primeiro cinegrafista da região.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NASCE O ESTÚDIO

A idéia já estava aprovada e a concessão do canal da TV Coligadas garantida. Ainda faltava o estúdio. Em meados de 68, os três diretores e proprietários da emissora, Wilson Luiz de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Rosa procuraram Oscar Krüger e lhe disseram que precisavam montar um estúdio de televisão em Blumenau. O local estava escolhido. Um prédio de propriedade do dentista Eric Karmam, situado na rua Getúlio Vargas. Mas ele não queria vender as instalações. O dentista havia construído o prédio com a intenção de alugá-lo para os diretores, que haviam lhe feito o pedido anos atrás, lembra Gerhard Passold, operador técnico da Tevelândia, a primeira loja que vendia televisores da marca Colorado e eletrodomésticos na cidade. A Tevelândia localizava-se ao lado do prédio e pertencia ao próprio Gerhard Passold, a Leonardo Vasselai, diretor comercial da loja e à família Soltinho. Os três diretores, Wilson, Caetano e Flávio, procuraram vincular a Tevelândia com o grupo Coligadas, mas a família Soltinho não quis a união. A única saída encontrada por eles foi comprar a parte que pertencia à família. De posse da maioria das ações, eles se tornaram os proprietários da loja e Wilson ocupou o cargo de diretor presidente.

Oscar era muito conhecido na cidade. Ele já tinha algum contato com o diretor Wilson Luiz de Freitas Melro, através de sua mãe, dona Elza, que morava na Alameda Rio Branco, no centro da cidade, para quem prestava serviços. "Você vai trabalhar na televisão. Peça a conta do teu serviço e vem comigo. Te pago 50% a mais do que você ganha", conta Oscar, lembrando o momento em que o diretor o havia procurado. Oscar não pensou duas vezes, pediu a conta e no dia seguinte, com a ajuda de carpinteiros, iniciou a montagem do estúdio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Antigamente, as lojas eram enormes e geralmente tinham de sete a oito metros de altura. Isso obrigou a equipe a construir uma laje para dividir o prédio em duas partes. Em baixo ficaria o escritório, e em cima, toda a parte técnica da TV. Depois disso, quebraram a parte de trás do prédio para aumentar o espaço. O sonho agora já estava quase realizado. O próximo passo seria escolher um local adequado para instalar o transmissor.

O CARÁTER EXPERIMENTAL

Era uma estrada sinuosa. Nem todos os veículos podiam ter acesso. Apenas um jipe ou uma rural poderia subir aquele morro que parecia querer jogar para baixo quem o desafiasse. O Morro do Cachorro, como é conhecido até hoje, fica 850 metros acima do nível do mar, situado no município de Massaranduba. Um local úmido, por causa das constantes chuvas e da maresia que o vento traz e que bate de frente em suas encostas. Mas o morro enchia os olhos de quem atingisse seu topo. Quando não havia neblina, podia se ver toda a região, estática, quase uma pintura de uma paisagem natural do Vale do Itajaí. Segundo a equipe da TV Coligadas, ainda hoje pode se ir ao morro e ver toda a beleza que lá existe.

Naquele tempo, todos os dias, cerca de oito pessoas subiam o Morro do Cachorro com uma rural. Às vezes, quando a turma ia de jipe, alguns tinham de subir a pé, ao lado do veículo, carregando enormes rolos de filmes. No topo do morro havia água, mas algumas vezes faltava. Então era preciso que alguém levasse consigo um tonel para abastecer o local.

O Morro do Cachorro foi o melhor local que a TV Coligadas encontrou para instalar seu transmissor, porque ele oferecia

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ótima visibilidade e altura. O sinal do transmissor poderia facilmente atingir grande parte do Vale do Itajaí. Os diretores e toda a equipe estavam seguros de que tinham feito a escolha certa.

Em 26 de dezembro de 68, um transmissor de aproximadamente seis toneladas colocou o sinal da TV Coligadas no ar pela primeira vez. Naquele dia, Oscar Krüger, Jorge Ledo, da Maxwell, empresa fornecedora do equipamento, Martim Maia, primeiro técnico auxiliar da emissora, e o diretor artístico, Irany Spíndola Macedo, estavam presentes na transmissão. Esta data marcou o início do caráter experimental da emissora, que seguiu até setembro de 69, quando a TV Coligadas colocaria oficialmente o sinal no ar. Durante esses nove meses a emissora levou aos lares blumenauenses uma programação de filmes de 16 mm, os chamados "enlatados", comprados pela TV Coligadas de distribuidoras como a Paramount e a Warner. Nesse mesmo período, a futura emissora passava slides e a logomarca, onde aparecia o desenho de uma menina, com o corpo formado pela letra C e pelo número três, que representava o canal que deveria ser sintonizado. Na logomarca, constava também a inscrição "A Menina dos Seus Olhos".

Para colocar essa programação no ar, havia um projetor no transmissor, com um tambor giratório, onde se projetava os slides. Esse tambor era formado por vários pentes e cada um comportava até dois slides. Quando o tambor estivesse carregado, ele girava, passando os slides. Tudo coordenado pelo operador de mesa de corte, que tinha a responsabilidade de analisar as imagens e colocá-las no ar. Zair Aníbal de Souza, o Zico, era o responsável pelo projetor de slides que estava ligado diretamente no transmissor. "A troca, lembra ele, era na hora, ao vivo, não havia outra maneira de fazer isso".

Durante o caráter experimental a televisão funcionava somente à tarde, em dois horários: do meio-dia até às duas da tarde;

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

das oito às dez da noite. Fora destes horários a televisão transmitia apenas a imagem padrão, gerada pelo transmissor. Naquele tempo, a preocupação em colocar o sinal da TV no ar era tanta, que a equipe técnica saía do estúdio às dez da manhã para chegar no horário. A distância do estúdio até o Morro do Cachorro era de 33 quilômetros. Mas a TV Coligadas já havia pensado em tudo.

Fig. 3 - Estúdio e câmeras em ação. Acerto A.H.J.F.S.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quando instalaram o transmissor no morro, a emissora colocou um funcionário, Hercílio Tesk, para morar no local. Construíram até uma casa, para que ele pudesse trazer a família. Tudo pago pela emissora. Ele era o responsável pela segurança e funcionamento do transmissor. Assim, bastava à equipe chegar, colocar os filmes, os slides e iniciar a transmissão.

Zico conta que, mesmo debaixo da chuva , o Morro do Cachorro era uma atração para a população. Seu trecho, parecendo uma picada aberta às pressas, não impedia que uma multidão de curiosos se aglomerasse em volta do transmissor. Naquela época, como a televisão dava seus primeiros passos, muita gente ainda não tinha aparelho. "Eles subiam a pé para assistir à televisão", recorda.

O caráter experimental foi decisivo para o sucesso da TV Coligadas. A passagem pelo Morro do Cachorro marcou profundamente a equipe. "Fazíamos televisão. Não é como hoje em que um computador controla tudo. Tínhamos a responsabilidade de colocar a programação em dia, no momento exato, sem atrasos", fala Zico. Na sua opinião, o que mais marcou no Morro do Cachorro foi a dificuldade de controlar a programação, porque era tudo ao vivo e havia poucos recursos técnicos. "Sabíamos que às oito da noite tinha que estar tudo pronto para entrar com a TV Globo, o Jornal Nacional. Tudo teria que estar encaixado. Desde quando iniciávamos, a preocupação era controlar o tempo", recorda.

Mas controlar a programação exigia muita responsabilidade. Para isso, designaram um coordenador de programação, Flávio Martins. Um sujeito calmo, mas sempre atento. "Vivia assoviando, com o roteiro no bolso de trás da calça, sempre olhando para o relógio. Quando se transmitia filmes e se perdia o controle do tempo, na hora do intervalo, Flávio gritava: "Come vinte minutos". Então adiantava-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

se o rolo do filme. Pouco depois "puxa lá, corre lá", conta Zico.

Zico ainda recorda que, certa vez, quando passavam um filme de longa metragem, dividido em três partes de 45 minutos aproximadamente, a equipe havia se distraído. O operador, ao invés de passar a segunda parte, colocou o rolo da terceira. "De repente, quando a cena mudou, o bandido apareceu morto. Isso acontecia muito. Ficávamos preocupados pensando se o diretor estava assistindo ao filme. Vamos perder o emprego", lembra Zico.

Depois do caráter experimental, quando a TV Coligadas foi definitivamente para o ar, a equipe, que antes se dirigia para o Morro do Cachorro, agora ficava no estúdio. No local, permaneceu apenas o funcionário Hercílio e sua família.

O NOME TV COLIGADAS

Em 1965, o DENTEL, Departamento Nacional de Telecomunicações, do Rio de Janeiro, liberou um canal para instalação de uma emissora de televisão em Blumenau, em nome de TV Coligadas. Foi uma longa espera. Wilson Luiz de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Rosa tinham feito o pedido há aproximadamente três anos. Os três diretores já eram proprietários de várias emissoras de rádio, espalhadas pelo Estado. Elas formavam o Grupo Coligadas, pioneiro no rádio em Santa Catarina. O Estado recebeu os primeiros sinais de rádio em 1931, quando surgiu a primeira emissora, a Rádio Clube de Blumenau – PRC-4, operando em 1.330 kHz. Logo após, começaram a surgir novas emissoras do mesmo grupo: a Rádio Clube de Gaspar, ZYT-27, em 1.470 kHz; a Rádio Clube de Indaial, ZYH-86 operando em 1.270 kHz; a Rádio Araguaia de Brusque, ZYH-231, em 590 kHz; a Difusora Vale do Itajaí, em Itajaí, com prefixo ZYH-206,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

operando em 1.370 kHz e a Rádio Difusora Vale do Itajaí, operando em 1.130 kHz, mais uma emissora de Blumenau.

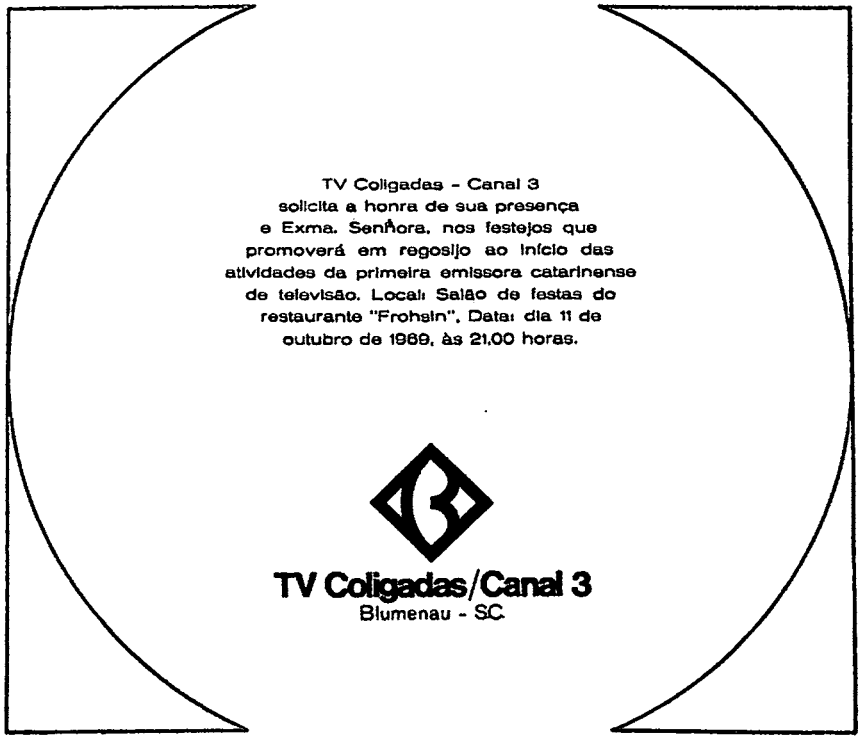


Fig. 4 - Convite para o lançamento das atividades da primeira emissora catarinense de televisão - 1969. Acervo A.H.J.F.S.

O Grupo Coligadas garantia a cobertura total do Vale do Itajaí. A PRC-4, Rádio Clube de Blumenau, era líder das emissoras Coligadas. Três anos depois de sua inauguração, em 1934, a rádio substitui seu pequeno transmissor Collins, de 150 watts de potência, por um Phillips, de 500 watts. Isso fez com que o sinal da emissora chegasse mais longe, tornando-a pioneira na região. Trinta e cinco anos mais tarde, o grupo dava mais um salto na área da comunicação: nascia a TV Coligadas, fruto do mesmo grupo que administrava as emissoras de rádio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A TV COLIGADAS

A TV Coligadas foi a primeira emissora de TV de Santa Catarina. Até a sua inauguração, a metade do Estado recebia apenas o sinal fraco da TV Paraná – Canal 6, de Curitiba. Até Florianópolis, o sinal vinha da TV Piratini, de Porto Alegre. Blumenau, Brusque, Itajaí e outras regiões recebiam o sinal da emissora paranaense. Naquela época, o povo catarinense sabia mais sobre o Paraná do que sobre o próprio Estado. Havia uma lacuna muito grande a ser preenchida. Apesar de Santa Catarina ser um Estado com várias emissoras de rádio, a TV ainda não tinha chegado. Existiam apenas dois jornais na cidade: A Nação e A Cidade, que publicavam fatos corriqueiros do município e das regiões. O grupo Coligadas já existia com as emissoras de rádio, faltava apenas dar mais um salto: a criação de uma emissora de TV.

Em 69, o município de Blumenau começou a mudar de cara. Em 2 de setembro daquele ano, a TV Coligadas. "A Emissora de Integração Catarinense", foi ao ar em caráter oficial. Seu objetivo era integrar todo o Estado de Santa Catarina, mostrar as belezas catarinenses e colocar o município de Blumenau na mídia brasileira. Naquela época, o Estado já era conhecido por ter seis regiões bem desenvolvidas Joinville, ao Norte, Blumenau, no Vale, Chapecó, no Oeste, Lages, no Planalto, Florianópolis, no Litoral e Criciúma, no Sul do Estado. A emissora se tornaria o elo das regiões e a lacuna estaria então preenchida. O Estado não seria mais visto como parte independente do mundo, mas integrante dele. O povo saberia o que estava acontecendo na região, desde Florianópolis até Brusque, Itajaí e cidades vizinhas.

Nos botequins e armazéns, não seria mais necessário conversar sobre os fatos do Paraná. A conversa mudaria. Seria hora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de colocar na boca assuntos da região, do município de Blumenau e compartilhar os eventos mais próximos. Assim nascia a TV Coligadas, uma emissora de integração, uma emissora com cara da gente catarinense, feita por homens motivados por sonhos e ambições.

O município de Blumenau oferecia boas condições geográficas para a emissora. Desde o início, a preocupação da TV Coligadas era de expandir e transmitir seu sinal até os locais mais distantes. Isso foi possível quando a emissora montou uma potente repetidora no Morro do Funil, situado no município de Taió, que possibilitou que o sinal da emissora alcançasse, definitivamente, uma das regiões mais ricas do Estado: o Oeste catarinense. A partir dali, a TV cobria todo o Estado, da fronteira com a Argentina até a divisa do Paraná e Rio Grande do Sul.

Um ponto forte da emissora era sua organização. A TV Coligadas foi a primeira emissora de TV no Brasil a criar um departamento especializado para cuidar exclusivamente do setor da rede externa retransmissora, sendo responsável Oscar Silva. O sinal da TV Coligadas chegava até o litoral paranaense. Algumas cidades interioranas riograndenses como Vacaria, Gaurama, Sananduva, Aratiba e outros municípios da fronteira também recebiam o sinal.

Para o perfeito serviço de assistência técnica, o Departamento de Expansão da emissora dividiu o Estado de Santa Catarina em oito regiões: Blumenau, Florianópolis, Tubarão, Lages, Videira, Chapecó, Mafra e São Miguel do Oeste, denominadas tecnicamente de "zonas geográficas de manutenção". Em cada uma dessas zonas o Departamento de Expansão criou setores de assistência, com técnicos, veículos e um pequeno almoxarifado, com peças de reposição imediata. Mas a TV Coligadas somente conseguiu se expandir graças a Gerhard Passold, que veio fazer parte da equipe da TV Coligadas a convite dos diretores

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pelo excelente trabalho realizado na loja Tevelândia. Tanto Gerhard quanto Oscar Silva foram os responsáveis diretos pela montagem das antenas repetidoras em todos os municípios. Eles entravam em contato com as prefeituras de cada cidade que autorizavam a instalação. Elas tinham que ser instaladas em pontos estratégico, no local mais alto de cada cidade. Com isso, o sinal da emissora cobriria todas as regiões catarinenses. A participação de Gerhard Passold junto à emissora foi crucial para sua sustentação. Ele montava cada repetidora e era o único que entendia do assunto. Caso houvesse algum problema, ninguém da equipe da TV tinha condições de consertar ou dar assistência. Ele tinha que estar sempre pronto. Não havia um horário estabelecido. Surgia um problema e lá estava ele. A primeira repetidora foi instalada em Florianópolis, a segunda em Urubici e a terceira no município de Lages. Conforme Gerhard, a TV Coligadas chegou a ter um total de 210 antenas repetidoras.

Devido ao profissionalismo da TV, havia jornalistas em cada região. A emissora fazia a cobertura filmada dos eventos nos município e, se acontecesse um fato em uma cidade que não tivesse um jornalista, uma equipe era deslocada para lá. A preocupação da TV Coligadas era cobrir os eventos que fossem importantes para o município e região. Para isso, teria que chegar até os locais onde as sucursais não atendiam.

Na época, havia uma procura muito grande pelos cinemas. Blumenau tinha quatro cinemas: o Cine Atlas, no bairro Vila Nova, o Cine Buch e o Cine Blumenau, localizados no centro da cidade e um no bairro Itoupava Norte, o Cine Mock. Mas o nascimento de uma emissora de televisão no município traria conseqüências aos cinemas. "Quando o sinal da TV Coligadas foi ao ar, houve uma enxurrada de vendas de televisores. A Tevelândia vendia que nem água", lembra Zico. Um reflexo disso foi a queda na renda de bilheterias. Os blumenauenses

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

agora tinham outra opção: sentar na frente do aparelho e assistir ao canal 3.

A TV Coligadas, quando foi inaugurada oficialmente, depois do caráter experimental, entrava no ar de segunda a sexta-feira, das dez da manhã até a uma da madrugada. Nos finais de semana, ela estendia sua programação até às duas da madrugada, uma hora a mais. Devido ao horário, a emissora levava o funcionário para casa com uma Kombi.

A TV Coligadas mantinha um contato com a TV Globo do Rio de Janeiro. Toda a programação que ela transmitia vinha da emissora carioca. Isso permitiu à Coligadas alavancar uma liderança. Quando a TV Coligadas completou um ano de transmissão, surgia no município de Florianópolis mais uma emissora, a TV Cultura. Mas ela não tinha a programação da TV Globo no contrato. Sua transmissão era com a Tupi. Segundo Oscar Jenichen, que veio do Jornal A Cidade para trabalhar na TV, como chefe de jornalismo em 72, a programação que a Tupi oferecia era péssima. Não ameaçaria a liderança da emissora. "A TV Coligadas tinha mais audiência em Florianópolis do que a própria TV Cultura, porque sempre teve a programação da Globo. Essa foi a razão de ser líder", afirma.

Mas a TV Coligadas ainda tinha que se preocupar com uma inimiga: a censura. A emissora recebia toda semana grande quantidade de filmes, vinda da TV Globo. A polícia federal apreendia todo o material que não tivesse o certificado de censura. A emissora tinha que entrar em contato com a Globo para pedir o certificado e reaver os filmes apreendidos.

A TV Coligadas esteve em vários acontecimentos ocorridos no Estado. Desde a fundação da emissora até 72, José Reinoldo Rosenbrock trabalhou como chefe de Jornalismo. Ele veio a convite

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos diretores da TV, porque já trabalhava em uma das emissoras de rádio que pertencia ao grupo Coligadas. Do rádio para a televisão, José Reinoldo sentiu dificuldades. Ele não poderia mais florear a notícia com frases bonitas, nem abusar de detalhes. "Na televisão o negócio era responder às perguntas básicas: quem?, onde?, como?, quando? e por quê?. Você tem a imagem. No rádio não, você precisava instigar a imaginação do ouvinte", conta. Reinoldo foi para Florianópolis coordenar uma central de eleições de apuração paralela à da Justiça Eleitoral, montada no centro de treinamento do Besc. Era um esquema em que ficava uma pessoa em cada zona eleitoral, responsável pelo preenchimento de uma folha onde seriam colocados os dados da apuração. Depois, passava o resultado para Florianópolis. Mesmo não sendo oficial, o esquema de apuração da TV Coligadas se antecipava e colocava no ar o resultado em seis dias, muito antes dos dados da Justiça Eleitoral, que demorava de dez a 15 dias aproximadamente para totalizar o resultado. Foi a partir dessa estrutura que a Justiça Eleitoral tornou-se ágil, estabelecendo núcleos no interior e passando o resultado para Florianópolis.

A passagem de José Reinoldo pela televisão lhe traz algumas lembranças. Certa vez, diz ele, aconteceu um fato dentro do ônibus da empresa Rainha, que pegava diariamente para se deslocar de casa até a emissora. Um dia , um cidadão perguntou a Reinoldo: "Escuta, no Jornal Nacional, periodicamente, eles dizem... atenção via Embratel; e entra a imagem da cidade de Londres, como é feito isso?". José Reinoldo explicou que havia dois sistemas. Um por microondas, onde um transmissor recebe e o outro envia o sinal da TV. O outro sistema é feito por cabo. Um cidadão que estava escutando, entrou na conversa. "Mas que história é essa que o senhor está contando. Será que esse cidadão está acreditando no que você está falando, que pode

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vir uma imagem da Europa para cá?" Reinoldo lhe explicou que a questão era acreditar ou não. "Assim é que é feito", disse Reinoldo. Novamente o cidadão: "Quer dizer que é o mesmo sistema que de Blumenau chega a imagem até a minha casa?" "Sim, só que um pouco modificado", explicou Reinoldo.

José Reinoldo lembra que casos como esse eram normais. Santa Catarina estava aparecendo na televisão. Ninguém disse ao povo como a imagem chegava até seus aparelhos. Havia muita curiosidade. Talvez explicar que o sinal vinha através do ar provocaria no mínimo certo impacto , mas não havia outro meio.

Mas não era só com José Reinoldo que a TV Coligadas se orgulhava de possuir bons profissionais na área de comunicação. Caetano Deeke de Figueiredo convidou Gilberto Schneider para trabalhar na emissora, como chefe de laboratório. De acordo com Oscar Krüger, Gilberto era um homem com grande capacidade de ação. Ele revisava os filmes, operava o projetor e fazia slides. Gilberto já tinha a experiência de cinegrafista. "Ele era o homem que passava o cineminha na rua XV de Novembro, esquina com a rua Quatro de Fevereiro. A rua XV era fechada desde a Nereu Ramos até a rua Floriano Peixoto. À noite, os blumenauenses passeavam na rua e assistiam aos filmes", recorda Oscar.

Outro profissional que entrou para a TV Coligadas foi Roberto Fausel, mais conhecido como Beto Fausel. Ele entrou na emissora como cenógrafo, através de um anúncio que a TV colocou no jornal. Naquela época, a TV Coligadas não tinha um responsável que entendesse de cenário. Beto achou a proposta tentadora. Ele saiu do jornal A Cidade, onde trabalhava como responsável pela parte gráfica dos anúncios e propagandas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

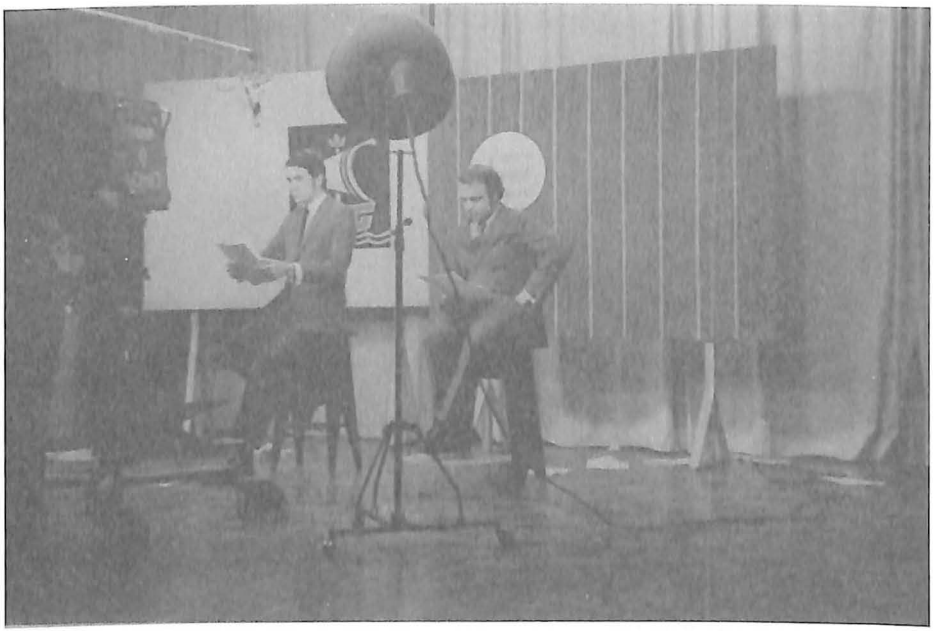


Fig. 5 - Os apresentadores Beto Fausel e Carlinhos Müller. Nos fundos, cenário da patrocinadora Empresa Industrial Garcia. Acervo A.H.J.F.S.

Quando chegou na emissora, Beto Fausel montou um departamento de arte gráfica dentro de uma das salas da TV, ficando responsável direto por toda arte gráfica da TV Coligadas. O diretor artístico da época e chefe de programação, Irany Spíndola Macedo, que veio trabalhar na emissora devido à larga experiência em televisão que adquiriu na TV Piratini de Porto Alegre e na Televisão Paulista, onde trabalhou por 15 anos, chamou Beto Fausel e pediu que criasse um desenho que representasse a emissora. Beto produziu graficamente o desenho de uma menina magra, que acompanhou a emissora até os últimos dias de transmissão. Bastava a TV entrar no ar e a menina aparecia.

A atuação de Beto Fausel não se limitou apenas a um desenho. Ele montava os cenários dos programas que a TV Coligadas produzia. Beto chegou inclusive a criar todo o cenário do programa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Mulheres em Vanguarda", produzido também pela TV, ao vivo, e que fez enorme sucesso.

A qualidade profissional foi uma das preocupações da TV Coligadas. Por isso, os três diretores contrataram profissionais com experiências em diversos campos na área de televisão, como é o caso de Flávio de Almeida Coelho, que a emissora contratou para ocupar o cargo de diretor comercial da TV, vindo da televisão paranaense. Depois chegou Marily Deeke, para fazer parte da equipe da TV Coligadas, ficando responsável pelo setor de Promoções e Relações Públicas, e também Flávio Gonçalves Dias, profundo conhecedor do mercado publicitário. Depois de formada a equipe básica, teve início um exaustivo trabalho de formação do pessoal, que durou mais de 30 dias. Só para apresentadores de telejornais, abriram um concurso onde se inscreveram 96 candidatos. O mesmo critério foi usado para contratar os técnicos de som, de vídeo, os operadores de telecine e todo o resto do pessoal que vestiu a camisa em nome da TV Coligadas.

A imagem que a TV Coligadas transmitia era em preto e branco. A emissora não tinha a tecnologia para gravar e transmitir o colorido. Quando ela foi inaugurada, os equipamentos que tinha eram da marca Maxwell. Segundo os técnicos da equipe, esses equipamentos eram difíceis de se trabalhar. Somente alguns anos depois a TV Coligadas começou a investir em outros equipamentos importados, vindos dos Estados Unidos, da marca Ampex. Com isso, a qualidade da imagem melhorou, porque esses instrumentos possibilitavam maior qualidade de gravação. A imagem chegava limpa aos lares catarinenses. Mas a transmissão da TV Coligadas ainda não era em cores. Ainda conforme os técnicos, isso seguiu até meados de 75, quando a TV Coligadas começou a gerar seu próprio sinal colorido. Isso elevou ainda mais a sua audiência, tornando-a popular em todo o Estado e no litoral paranaense.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Três anos depois da inauguração da TV Coligadas, a emissora dava mais um salto na área de comunicação. Em 22 de setembro de 1971, Nestor Fedrizi, juntamente com Wilson Luiz de Freitas Melro e Caetano Deeke de Figueiredo, inauguraram o Jornal de Santa Catarina. Com isso, todo o departamento de Jornalismo da TV Coligadas foi transferido para o jornal. Assim, ele funcionava em conjunto. Mais tarde, em 75, quando a emissora foi vendida, os novos diretores decidiram separar os dois departamentos. A Coligadas voltou a ter novamente seu próprio departamento de Jornalismo. Em conseqüência disso, Nestor Fredrizi deixou a TV.

O Jornal de Santa Catarina circulou em todos os municípios catarinenses. O seu surgimento trouxe conseqüências para a cidade de Blumenau. Segundo o chefe de Jornalismo da época, Oscar Jenichen, o Jornal de Santa Catarina fechou as portas dos dois únicos jornais do município, a Nação e A Cidade, devido à sua rápida evolução.

CORRENDO COM RITA

Uma equipe de aproximadamente dez homens viajava o Estado de Santa Catarina, a bordo de um veículo especial. Era o Rita, apelido dado ao ônibus pela equipe da TV Coligadas. Construído especialmente para fazer transmissões externas, ele percorria os municípios catarinenses e, por onde passava, sempre formava uma intensa multidão de curiosos ao seu redor. Quando estava parado, o veículo, um monobloco, Mercedes, de cor verde, virava atração. Podia-se ler, em sua lateral, a inscrição TV Coligadas/Canal 3 . Isso bastava para identificar do que se tratava.

O diretor técnico da emissora, José Louro, considerado um papa pela equipe na área de eletrônica, coordenou e participou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da montagem da emissora no interior do ônibus. "O equipamento foi instalado na melhor forma técnica possível", afirma.

O operador de projeção de telecine, Antônio Amaro de Souza, o Tico, natural do município de Itajaí, ainda tem na lembrança o carinho com que a equipe da emissora tratava o ônibus. O sucesso que ele fazia junto à comunidade possibilitava que a TV Coligadas estivesse sempre na frente.

Fig. 6 - Ônibus Rita equipado especialmente para as transmissões externas. Acervo A.H.J.F.S.

Em cada viagem, Rita levava uma equipe de técnicos composta de um operador de vídeo, um operador de VT, um produtor de áudio de mesa, um iluminador, um operador de microfone para gravação externa, um eletricista e ainda José Louro, que sempre acompanhava o grupo. O teto servia como apoio à plataforma de uma câmera fixa, instalada em cima do veículo. Tuneca, que também não deixava Rita andar sozinha, fazia as cenas com a câmera do teto. O ônibus ainda possuía gavetas na parte de baixo, onde a equipe colocava o restante dos equipamentos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para a TV Coligadas, Rita foi crucial à sua credibilidade junto à comunidade. Ele chegou a cobrir os campeonatos esportivos, entre eles, os jogos de Tubarão e de Chapecó. Em 1972, Rita levou a equipe para Florianópolis para cobrir o Carnaval. Tico lembra da emoção que foi aquele momento. "Fomos a Florianópolis transmitir ao vivo para todo o Estado Catarinense. Foi a primeira vez que transmitimos um desfile de Carnaval, o Carnaval da ilha de Santa Catarina".

Mas Rita estava com os dias contados. O ônibus não envelheceria junto com a equipe. Ao retornar da cobertura dos Jogos Abertos de Chapecó, próximo a Rio do Sul, Rita parou. Nenhum barulho se ouvia, nem o motor que durante três anos tinha levado a equipe de externas e os técnicos a grandes aventuras. Sem dar sinal de vida, encostaram Rita na beira da estrada. O motor havia fundido. Jose Louro e a equipe começaram a desmontar todo o equipamento. Eles sabiam que seria a última vez que veriam aquele Mercedes. Rita dava adeus à TV Coligadas.

Para a equipe, a ida de Rita para cobrir o desfile, em Florianópolis, foi um dos grandes acontecimentos que marcaram profundamente a vida da emissora, em 1972.

A UVA COLORIDA

Tudo era em preto e branco. A TV Coligadas ainda recebia da TV Globo o mesmo tom de imagem. A emissora carioca não tinha câmeras que conseguissem gravar colorido.

Mas, em 72, os blumenauenses puderam assistir pela primeira vez uma imagem em cores. Com todo o equipamento

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

necessário, a Globo deslocou um ônibus do Rio de Janeiro até o município de Caxias do Sul/RS, para transmitir para todo o Brasil, com o auxílio da TV Difusora de Porto Alegre, a inauguração da Festa da Uva. A TV Difusora já tinha a tecnologia para gravar e transmitir a imagem colorida. Seria a primeira transmissão externa colorida no país. A TV Coligadas iria receber a tão esperada imagem. Mas, havia um problema. A Tevelândia não tinha nenhum aparelho colorido. Surgiu então uma luz no fim do túnel: uma Telefunkem colorida, a única na cidade, cujo dono era o Sr. Castanho, gerente da loja Prosdócimo. Não teve jeito. Com a possibilidade de usar esse aparelho, o diretor Flávio Rosa chamou Oscar Krüger, que pegou um pedaço de cano, alguns metros de fios e partiram para a loja, na parte de cima, um apartamento onde o gerente morava. Oscar teve que montar uma antena direcional para o transmissor, a fim de jogar a imagem para o televisor colorido. Até aí tudo bem, mas havia ainda outro problema. Como a transmissão teria que chegar do transmissor para a antena, a equipe estava com medo que o transmissor não conseguisse passar a imagem colorida. Mas a empresa Maxwell garantiu aos diretores que o transmissor já estava pronto para receber o sinal colorido. Dependia apenas de alguns ajustes. "Quando a Embratel, no Rio Grande do Sul, deu o sinal e o operador de mesa cortou para receber a imagem, entrou o colorido mais lindo do mundo, um colorido fantástico", lembra emocionado Oscar.

Flávio Rosa não se conteve e chorou. Tamanha foi a emoção que, após alguns minutos de transmissão, Oscar Krüger pegou o televisor, arrancou a antena e levou tudo para a parte de baixo, na loja. Em questão de meia hora, ninguém mais passava pela rua XV de Novembro. Era a primeira vez que os olhos blumenauenses assistiram a uma transmissão colorida.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Oscar ainda lembra que, vendo toda aquela multidão, correu para o estúdio para avisar o restante da equipe sobre o sucesso da transmissão. Caetano Deeke de Figueiredo, que havia decidido ficar no estúdio, não agüentou. Saiu correndo a pé, descendo como um louco a rua XV até chegar à loja. Foi um momento de glória para a TV Coligadas. A equipe e seus diretores estavam emocionados porque a emissora dava prova do seu pioneirismo, colocando a primeira imagem colorida no Estado de Santa Catarina. Foi a partir daí que a TV passaria a transmitir colorido os programas que a Globo mandasse. Por causa do sucesso da transmissão daquele ano, a emissora carioca investiu em tecnologia para gravar colorido. Isso foi suficiente para que a compra de aparelhos importados começasse no município de Blumenau, que não tinha ainda televisores coloridos.

O JORNALISMO COLIGADAS

Foi a partir da TV Coligadas que se começou a fazer Jornalismo em televisão no Estado. A emissora havia contratado Nestor Fedrizi, jornalista e professor de comunicação da PUC de Porto Alegre, para assumir toda a área de Jornalismo. Fedrizi chegou em Blumenau com uma proposta inovadora: implantar um sistema de Jornalismo independente. Até então, o Jornalismo era feito através de rádio-escuta, onde se captavam as notícias dadas nas emissoras de rádio do Rio de Janeiro e de São Paulo, e do chamado "Gilette press", que consiste em retirar as notícias dos jornais e reproduzi-las em outra mídia, no caso a televisão.

O Jornalismo da TV Coligadas foi marcado pelo profissionalismo da equipe de reportagem. No começo da tarde, a emissora entrava em contato com a TV Globo informando sobre as

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

notícias de Santa Catarina. A emissora carioca fazia uma seleção dessas notícias e, de acordo com seu interesse, pedia à TV Coligadas para produzir as reportagens e enviá-las via Embratel. A Globo inseria o material produzido no Jornal Nacional. A Coligadas não cobrava por isso, porque as notícias eram produzidas também para ela. Segundo o chefe de Jornalismo, Oscar Jenichen, a TV Coligadas emplacava uma média de cinco a seis notícias semanais do Estado no Jornal Nacional. Era a quinta emissora que mais produzia matérias para a Globo, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Recife. "A TV Coligadas fez uma estatística sobre sua participação no Jornal Nacional. A Globo sempre foi muito organizada", conta.

O padrão de transmissão da TV Globo sempre foi o mesmo. Nas suas transmissões, especificamente no Jornal Nacional, o repórter aparecia estático, sem qualquer movimento. Isso era o padrão Globo e parecia que nunca iria mudar.

Mas, a eleição de 74, a primeira para senador, deputado federal e estadual, trouxe novos rumos ao Jornalismo da emissora carioca e à própria TV Coligadas. A TV Globo havia montado um esquema de boletins para a cobertura da eleição em todo o Brasil. A TV Coligadas teria que dar cobertura para todo o Estado. Mas ela não tinha estrutura para fazer o que a emissora carioca queria. Oscar Jenichen então improvisou. Utilizou todo o estúdio da televisão. "Coloquei mapas nas paredes e junto com eles os totalizadores que serviriam para a apuração das urnas, a fim de informar quem estava na frente e em qual região. Havia um quadro para deputado estadual, um para senador e outro para deputado federal", conta.

Para funcionar esse esquema, foi preciso correr contra o tempo. Para a TV Coligadas conseguir acompanhar a apuração no Estado, Oscar colocou a redação no estúdio. Os repórteres ficavam

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ali, atualizando os mapas para o boletim, sem que fosse necessário redigir o texto, gravar e depois mandar para a Globo. De acordo com Oscar, tudo era feito ao vivo. O repórter que estava naquele horário entrava no ar. "Geralmente era o Pedro Lopes e o Osmar Laschewitz, os dois apresentadores, que entravam na hora. Não importava quem estivesse ali. Qualquer um podia entrar". Atrás do apresentador ficava a imagem da redação como cenário. O enquadramento era feito de corpo inteiro. Às vezes, o câmera saía do locutor e focava o quadro. O repórter recebia os dados e alterava o painel e o locutor entrava na hora.

Mais tarde, quando Oscar foi ao Rio de Janeiro fazer um estágio na TV Globo, Alice Maria, a chefe de Jornalismo da emissora, veio conversar com ele. Alice queria saber como a TV Coligadas fazia aquelas transmissões. Oscar sentiu que a emissora ficou interessada no sistema usado pela TV Coligadas. A Globo viu que poderia colocar a redação junto com a apresentação. Alice Maria disse para Oscar que a partir dali, a Globo usaria o mesmo cenário. Hoje, passados vinte anos, esse formato de apresentação é usado por diversas emissoras de televisão.

O Departamento de Telejornalismo da TV Coligadas se orgulhava de ter, em sua programação, dois jornais que ela produzia: o Jornal Malhas Hering e o Repórter Garcia. A emissora produzia ainda dois programas semanais: "A Hora da Verdade", onde entrevistava personalidades dos municípios para debater os problemas do Estado e "Mesa Redonda", que discutia assuntos de destaque.

O jornal que mais se destacou foi o Jornal Malhas Hering. Com ele, a população podia conhecer ainda mais sobre o Estado. Para apresentá-lo, a emissora trouxe Carlos Braga Müller, naquele tempo conhecido apenas como Carlos Müller, que havia trabalhado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

durante nove anos como apresentador do Repórter Catarinense, na Rádio Clube de Blumenau, que pertencia ao grupo Coligadas. O Jornal Malhas Hering fez muito sucesso na emissora. Ele tinha uma abrangência muito grande. Com isso, Carlos Braga Müller ficou conhecido em várias regiões como Tubarão, Florianópolis e até São Miguel do Oeste. A popularidade que o jornal adquiriu colocou a TV Coligadas no topo da audiência. De acordo com Carlos Müller, ele era mais popular no município de Florianópolis do que a própria TV Cultura.

Fig. 7 - Estúdio de apresentação do jornal Malhas Hering. Acervo A.H.J.F.S.

O Jornal Malhas Hering nasceu junto com a emissora. Ele não tinha um horário fixo. Dependendo do assunto, ele durava até 30 minutos. A TV Globo também tinha seu jornal, o Jornal Nacional. Mas a TV Coligadas não o transmitia aqui. Somente um ano depois é que a emissora passou a transmiti-lo no Estado e região. Como Santa Catarina estava aparecendo na mídia e ganhando representatividade com a TV Coligadas, o Jornal Malhas Hering entrou em rede com o Jornal Nacional. Ele abria um pequeno espaço para que Carlos Müller entrasse ao vivo, falando sobre os eventos de Santa Catarina. Desde que a Globo passou a transmitir o Jornal Nacional, a TV Coligadas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ficou interessada no estilo em que ele era apresentado. Por isso, Carlos Müller assistiu durante 15 dias ao jornal para estudar como o seu apresentador, Cid Moreira, dava as notícias. O objetivo era seguir o mesmo formato da Globo.

A TV Coligadas tinha o Jornal Malhas Hering como um de seus programas de maior audiência. Para manter a qualidade das transmissões, a emissora contratou Renato Luis Maba para operar a mesa de áudio. Maba trabalhou na Rádio Nereu em 64, partindo para a Rádio Difusora um ano depois e, mais tarde, ingressando na Rádio Clube de Gaspar, onde ficou dez meses como gerente da emissora. A TV Coligadas contratou Maba pela experiência adquirida ao longo dos cinco anos em que trabalhou em emissora de rádio. Naquela época, ele foi considerado o melhor operador de áudio da cidade.

A JANELA DO VALE

O relacionamento entre a TV Coligadas e a comunidade sempre foi o de promover o município e integrar Santa Catarina. Os empresários nada tinham contra a TV Coligadas, muito pelo contrário, seria ela quem colocaria o município em destaque no Estado e, conseqüentemente, traria mais recursos à cidade, elevando sua economia. Mas havia um ingrediente entre a prefeitura e a emissora. O diretor da TV, Wilson Luiz de Freitas Melro, e o prefeito da época, Felix Theiss, eram concorrentes, ambos possuíam uma emissora de rádio. A concorrência seria parte de um processo natural. Mas uma denúncia chegou aos ouvidos do dono da emissora: o prefeito, que assumiu em 31 de janeiro de 73, estando um mês no cargo, estaria usando indevidamente as máquinas da prefeitura para fazer uma lagoa de peixe no município de Gaspar, numa propriedade de seu pai. Wilson

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

chamou Oscar Jenichen e o mandou junto com uma equipe para ver se a denúncia era verdadeira. Naquela época, a prefeitura tinha uma patrulha mecanizada, que era uma frota de máquinas destinada para trabalhar a terra e que ela cedia aos agricultores cadastrados para fazer o serviço em suas propriedades. A prefeitura não cobrava nada pela prestação do serviço, porque eram propriedades pequenas. De acordo com o chefe de Jornalismo, Oscar Jenichen, às vezes o agricultor esperava até seis meses para ser atendido. Não havia máquinas para todos.

A equipe da TV Coligadas já estava pronta. Ela foi três vezes ao local da denúncia e nada. Não encontrou nenhuma máquina trabalhando. A equipe já estava desistindo quando, numa última tentativa, sobrevoou a região de avião. Acertou em cheio. Avistou máquinas trabalhando em um terreno. Marcou o local e foi a pé. A equipe da TV constatou que todas as máquinas que se encontravam ali pertenciam à Prefeitura de Blumenau e estavam realmente fazendo uma lagoa de peixe. Confirmada a denúncia, filmou o local e bateu algumas fotos.

A TV Coligadas divulgou o fato. A notícia chegou até a Câmara de Vereadores que pediu o impeachment do prefeito. Mas não seria ali que Felix Theiss seria deposto de seu cargo. Segundo Oscar, os defensores do prefeito fizeram um mapa da propriedade, tentando mostrar que o terreno pertencia ao município de Blumenau e não a Gaspar, como a TV tinha mostrado. Felix Theiss ganhou a batalha. "O prefeito foi até a emissora para esclarecer a denúncia. Chegou inclusive a pedir desculpas pelo pai ter usado as máquinas, mas, moralmente, não havia o que contestar", recorda Oscar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A PROGRAMAÇÃO

A programação da TV Globo foi fundamental para que a TV Coligadas chegasse à liderança. Mas ela não seria a única responsável pela crescente audiência que a TV vinha adquirindo. A TV Coligadas começou a apresentar programas de auditório dentro do estúdio. Ela valorizava os artistas do município e da região. Apoiada nessa filosofia, a emissora tinha programas musicais, apresentados semanalmente. O "Sábado Alegre" era um programa de calouros feito ao vivo, com diversas brincadeiras de auditório. "Domingo de Gala", sob o comando de Flávio Gonçalves Dias, também era produzido ao vivo. Flávio apresentava artistas e conjuntos musicais, vindos de todos os pontos do Estado e de fora dele.

Ainda na linha de shows, a TV Coligadas apresentava ao público catarinense programas produzidos pela TV Globo como "Alô Brasil, Aquele Abraço", "Discoteca do Chacrinha", "Dercy de Verdade", "Mister Show Topo Gigio" e os programas humorísticos: "Balança mas não cai" e "Buzina do Chacrinha". A TV Coligadas produziu vários programas com objetivo de atingir os públicos que assistiam à emissora. Waldemar Garcia apresentava um que fazia do domingo um dia de alegria, dirigido ao público infantil, chamado "Domingo no Parque". O programa nasceu junto com a TV Coligadas e era um de seus melhores na linha de entretenimento, onde as crianças eram os atores principais. Ia ao ar sempre aos domingos à tarde, com uma hora e meia de duração. Waldemar Garcia comandava brincadeiras com o auditório, promovendo concursos e distribuindo prêmios. A estrutura do programa contava com números musicais a cargo de artistas mirins e a "Mini-Maratona Cultural", um espaço onde as crianças mostravam seus conhecimentos. "Havia muita expectativa.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Muita gente queria participar do programa, que estimulava a platéia promovendo concursos", conta o operador de projeção de telecine, Antônio Amaro e Souza, o Tico.

Além de musicais e shows de auditório, a TV Coligadas tinha em sua programação aos domingos, documentários de municípios catarinenses. A emissora transmitia o programa "Municípios em Revista", que ia ao ar sempre a uma da tarde e era considerado um de seus programas de maior audiência. Apresentado por Télvio Maestrini, ele focalizava as comunidades catarinenses, mostrando o que existia em cada cidade. O programa tinha a preocupação com a cultura local e regional. Sua apresentação era agradável e educativa. Com ele, os catarinenses tinham a possibilidade de conhecer melhor o seu Estado. "Municípios em Revista" apresentava filmes das principais indústrias, das casas comerciais, dos estabelecimentos de ensino e dos pontos turísticos dos municípios. Havia ainda a apresentação de bandas, corais, orquestras e conjuntos musicais. "Municípios em Revista" era um programa versátil. Ele convidava as autoridades de cada cidade para falar aos telespectadores sobre os principais problemas e os planos para resolvê-los.

O "Municípios em Revista" teve um papel importante para a emissora, mas faltava um programa que destacasse ainda mais o município e que atingisse um público específico. Com essa intenção, nasceu o "Show da Integração", para integrar todo o público jovem. Ele era apresentado aos domingos, das sete às nove da noite.

"Show da Integração" era um comandado por Gonçalves Dias, Noecy Leal e Márcia Flor, e foi produzido por Nestor Fedrizi e J. Moraes, sob a direção de Irany Spíndola Macedo, diretor artístico e gerente de programação da emissora, que tinha a responsabilidade de selecionar os programas que seriam transmitidos pela TV Coligadas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O programa conquistou grande parte da população catarinense. Sua estrutura estava baseada em três quadros: a Maratona Cultural, que era um quadro de perguntas e respostas sobre assuntos de Santa Catarina, a Gincana Estudantil, outro quadro que tinha a finalidade de integrar os estudantes catarinenses, através de competições e "Você Conhece seu Estado?", um concurso de perguntas sobre a história de Santa Catarina. O quadro ainda oferecia prêmios aos participantes.

Mas a TV Coligadas não esqueceu o público feminino. A emissora produziu um programa de variedades voltado principalmente às mulheres chamado "Mulheres em Vanguarda". Feito ao vivo, com uma hora de duração, era transmitido de segunda a sexta-feira, a partir das três e meia da tarde. Na época, ele discutia culinária, moda, horóscopo, conselhos de beleza, desfiles e concursos. Havia também um quadro semanal onde eram convidadas personalidades da região para mostrarem seus trabalhos, como o poeta Lindolf Bell, que apresentava os quadros da Galeria Açu-Açu. O programa ainda apresentava balé, a cargo do grupo da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, na época orientado pela professora Mara Probst. Todas as personalidades eram contatadas pelo próprio produtor do programa. A idéia de criar um programa que atendesse às expectativas de um público feminino partiu de Pedro Alípio Nunes, que já trabalhava com a TV Coligadas desde a sua fundação. Logo depois, Osni Rhenius, o Duda, tomou a frente, ficando responsável direto pela produção do programa. Ele entrou na emissora em 69 como operador de telecine e passava o dia inteiro na TV. Osni entrava às sete da manhã e ia embora somente quando o canal fechasse. "Eu produzia todo o programa e o roteiro tinha que estar pronto a uma da tarde. Depois, eu distribuía para cada uma das apresentadoras que iam para o camarim estudar", recorda. Duda não tinha um horário fixo. Era um dos homens da equipe que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mais se dedicava à TV Coligadas, tanto que, em 77, ele ganhou uma medalha como o produtor mais jovem do Brasil, através de um grupo folclórico vindo de Stuttgart, da Alemanha, que pesquisava diversos tipos de programas e que estava de passagem pelo Brasil. Mais tarde, Osni Rhenius ocupou o cargo de operador de vídeo, passando depois para ao diretor de TV, deixando responsável pelo programa o operador de projeção, Zair Aníbal de Souza.

"Mulheres em Vanguarda" foi sucesso absoluto. Ele foi para o ar pela primeira vez no dia primeiro de novembro de 69. Valmira Siemann, Lane Wirth, Dagmar Pollmann, Vanja Siemann e Maria Helena Dias apresentavam o programa. Valmira era quem comandava a frente de batalha e cuidava para que tudo corresse bem. O sucesso que o programa fez na emissora foi tanto que, de acordo com Valmira, ele recebia um volume enorme de correspondências de todo o Estado, inclusive da Argentina.

Fig. 8 - Apresentadoras de programas femininos fazendo, ao vivo, comercial do fogão Dako. Acervo A.H.J.F.S.

"Mulheres em Vanguarda" era um programa dinâmico. Semanalmente eram apresentados quadros sobre Psicologia, a cargo dos médicos Roberto Castiglia e Heitor Alves. Mas o público

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

feminino não era o único alvo do programa. Havia entrevistas com diversas personalidades e os assuntos também eram de interesse do público masculino. Segundo Valmira Siemann, qualquer pessoa podia participar, desde que tivesse algo para divulgar. "Mulheres em Vanguarda" foi considerado um dos programas mais movimentados da TV Coligadas, e ainda hoje a equipe lembra dele com carinho.

A TV Coligadas, por ser uma filiada da TV Globo, tinha em sua programação diversos filmes e seriados que eram transmitidos semanalmente para todo o Estado. Uma série considerada a mais cara, filmada na época em Hollywood, era "Os Audaciosos". Ela mostrava dois repórteres que trabalhavam em um grande império jornalístico. Na luta pela conquista do leitor, eles não mediam esforços e corriam os maiores riscos, vivendo aventuras emocionantes e cheias de suspense. O repórter era ao mesmo tempo detetive e espião. A série mostrava imagens de várias cidades, de Londres a Hong-Kong, de Berlim ao Caribe e de Paris à Tanzânia. Onde havia um assunto digno de reportagem, eles estavam lá.

Outra série apresentada semanalmente pela TV Coligadas chamava-se O'Hara, cheia de intriga e ação, baseada em fatos reais. O'Hara era um agente especial que trabalhava para o Departamento de Finanças do Tesouro norte-americano. A série também era filmada com bastante realismo. Isso provocava interesse nos telespectadores.

O mundo submarino foi uma premiadíssima série de documentários da ABC NEWS, exibida em Santa Catarina através da TV Coligadas. "O Mundo Submarino de Jacques Cousteau" recebeu o prêmio "Humane Television", do Instituto de Proteção Animal da América – API, por melhorar o processo humano de tratar os animais. O prêmio foi oferecido à série de Cousteau, no banquete da Convenção Anual da API, no Mark Hopkins Hotel, em São Francisco.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A série "O Mundo de Jacques Cousteau" inclui os seguintes episódios: A noite das lulas. A volta dos Elefantes Marinhos, Estas incríveis máquinas mergulhadoras e Planeta Aquático. Toda a série foi produzida pela Metromédia Producers Corporation e Lês Requis Associes em associação com a ABC NEWS, distribuída pela ABC FILMS DO BRASIL.

A TV Coligadas apresentava ainda séries famosas como a "Sessão do Pastelão", "Os Três Patetas", "A Noviça Voadora", "Jennye é um Gênio", "Jovem Centenário", "A Feiticeira", "Gunsmoke", "Cidade Nua", "O Cavalo de Ferro", "Os violentos", "Rota 66", "As Noivas Chegaram", "O Rei dos Ladrões", "Persuaders", "Têmpera de Aço" e "Jornada nas Estrelas". Todas as séries eram transmitidas de domingo a domingo. Foi através da TV Coligadas que o povo catarinense e de outras regiões pôde conhecer artistas como Tony Curtis, Roger Moore, Robert Stack, David Janssen, Gene Barry, entre outros.

A TV Coligadas transmitia várias novelas que fizeram muito sucesso, possibilitando que o canal 3 entrasse nos lares catarinenses, reunindo a família em horários programados.

"A Cabana do Pai Tomás", segundo Tico, foi a primeira novela de sucesso que a TV Coligadas transmitiu. Depois vieram "Verão Vermelho", "Véu de Noiva" e "Pigmaleão 70". As novelas "Selva de Pedra", "A Patota", "Uma Rosa com Amor" e o "Bofe" colocaram a emissora na liderança do ibope. "Selva de Pedra", escrita por Janete Clair, que a TV apresentava diariamente a partir das oito da noite, possibilitou que artistas como Francisco Cuoco, Regina Duarte e Carlos Eduardo Dolabella ficassem conhecidos em Santa Catarina.

"Uma Rosa com Amor", novela de Vicente Sesso, também levou emoção aos telespectadores da TV, com uma de suas principais personagens, Marília Pêra. Em seu elenco também estavam os artistas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do nível de Tônia Carrero, Felipe Carone, Paulo Goulart, Leonardo Vilar, Jacira Silva, Nívea Maria, Marcos Paulo e Roberto Pirilo. A novela marcava o retorno de Ioná Magalhães à TV Globo.

"A Patota", escrita por Maria Clara Machado, era apresentada diariamente às seis da tarde e tinha o objetivo de atingir o público infanto-juvenil, com cenas que se desenrolavam numa vila onde moravam crianças que sonhavam em fazer um safári na África. A direção era de Reynaldo Boury, coordenada por Enio Motta e Luiz Resende. Seu elenco era formado por artistas de primeira linha da TV brasileira, entre eles Débora Duarte, Marcos Nanini, Renata Fronzi, Reynaldo Gonzaga, Fernando José, Francis Wainberg. Ana Maria Jansen, Paulo Padilha, Vera Brahim, Susy Kirby, Rosana Garcia, Lia Farrelm, Fábio Mássimo, Celso Murce, Mário Gomes, Flora Geny, Zeni Pereira, Macedo Netto e Antônio Carlos.

Em 73 a TV Coligadas transmitia "O Bem Amado", a primeira novela colorida, que na época fez muito sucesso. Escrita por Dia Gomes, sua história foi ambientada no interior da Bahia. O elenco contava com grandes artistas do teatro brasileiro: Paulo Gracindo, Jardel Filho, Carlos Eduardo Dolabella, Zilka Salaberry, Lima Duarte, Dirce Migliaccio, Dorinha Duval, Rogério Froes, Ida Gomes, Dilma Lóes, Emiliano Queiroz, Abel Pêra, João Paulo Adour, Antônio Carlos Ganzarolli, Ruth de Souza, Jorge Cândido, Apolo Correia, Ana Ariel, Angelito Mello e João Zacharias. O Bem Amado tinha a direção de Régis Cardoso, com a coordenação de Mariano Gatti.

O FIM DA TV COLIGADAS

Um grupo de meninas aguardava ansioso em frente ao aparelho de televisão a entrada da TV Coligadas no ar. Elas deixavam

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

as tarefas escolares de lado para ligar a tv, escondidas, contrariando uma norma da mãe, que estabelecia horários para que assistissem à televisão. Essas lembranças ainda estão na memória da jornalista e professora da Univali, Jane Cardozo da Silveira, que na época convidava as amigas da escola para assistir ao canal 3 em sua casa.

Toda essa ansiedade tinha um motivo: o município recebia apenas o sinal da TV Paraná – Canal 6, com sede em Curitiba, que era uma filiada da TV Tupi. Tudo o que passava na televisão se referia ao Paraná. O Estado de Santa Catarina não era praticamente citado. Ele aparecia apenas em casos de tragédia. Isso era frustrante para Jane. Quando a TV Coligadas surgiu, trouxe para a população a possibilidade de ver na televisão eventos da região e do próprio município. Devido ao transmissor estar instalado no Morro do Cachorro , o sinal da TV Coligadas chegava limpo em Piçarras. Tudo seguia normal até o final da década de 70, quando o sinal da emissora começou a apresentar problemas. Em função disso, a maior parte dos habitantes do município instalou antenas parabólicas em propriedades. Na época, reclamaram para a TV Coligadas sobre o sinal fraco que vinha do transmissor, mas de nada adiantou. Atualmente, a maior parte da comunidade de Piçarras, principalmente a comunidade rural, capta o sinal da RBS via Joinville, ou através de antena parabólica.

O sinal local chega fraco ao município. Jane observa que, hoje, quando a televisão mostra manifestações culturais da região Sul, o que predomina é o cenário dos pampas. Não há nenhuma identificação com a cultura litorânea local. "O grupo RBS não atende à comunidade catarinense, porque existe pouco espaço para produções locais. Isso não estimula o surgimento de novos talentos na área de comunicação", afirma. Na sua opinião, a produção cultural catarinense está prejudicada devido à conjuntura atual da comunicação em Santa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Catarina. "Como jornalista, eu tenho notado nos telejornais de rede nacional que Santa Catarina aparece muito pouco. É como se o Estado não fosse representativo em termos culturais e econômicos".

Na lembrança do diretor de TV, Osni Rhenius, o Duda, a melhor fase da TV Coligadas foi até 75. Depois disso, a emissora se transformou em uma repetidora. Naquele ano, os diretores venderam a TV para Mário Petrelli, juntamente com um grupo de empresários do Paraná. Não se sabe ao certo o motivo da venda, mas de acordo com as fontes entrevistadas, há suspeitas de que houve desentendimento entre eles.

Segundo Duda, depois que Mário Petrelli assumiu a direção da emissora, ela começou a desmoronar, ficando em segundo plano. "Ela terminou porque começou a transmitir apenas os filmes "enlatados". Em conseqüência disso, vários funcionários foram demitidos. Isso foi o fim da emissora", afirma.

Osni não agüentou. Ele sentia que a TV Coligadas estava indo para o fundo do poço. A nova administração substituiu muita gente da equipe que fazia parte da emissora desde a sua fundação. Todo o esforço de Osni foi em vão. Seu trabalho junto à emissora não foi reconhecido pelos novos donos. Duda saiu da emissora em 77, decepcionado. "Eu me achava insubstituível. Me atirei de cabeça. Eu acordava de manhã e já estava na TV. Eu tinha a emissora no sangue. A TV Coligadas foi a menina dos seus olhos, mas foi a minha também", desabafa emocionado.

De acordo com o livro TELEVISÃO E NEGÓCIO - A RBS em SC, da professora Dulce Márcia Cruz, a RBS ganhou a concessão do canal 12 de Florianópolis em maio de 1977. Ela conseguiu que a TV Globo não renovasse o contrato com a TV Coligadas. Mário Petrelli reagiu. Deixou de transmitir as novelas que estrearam e avisou à Globo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

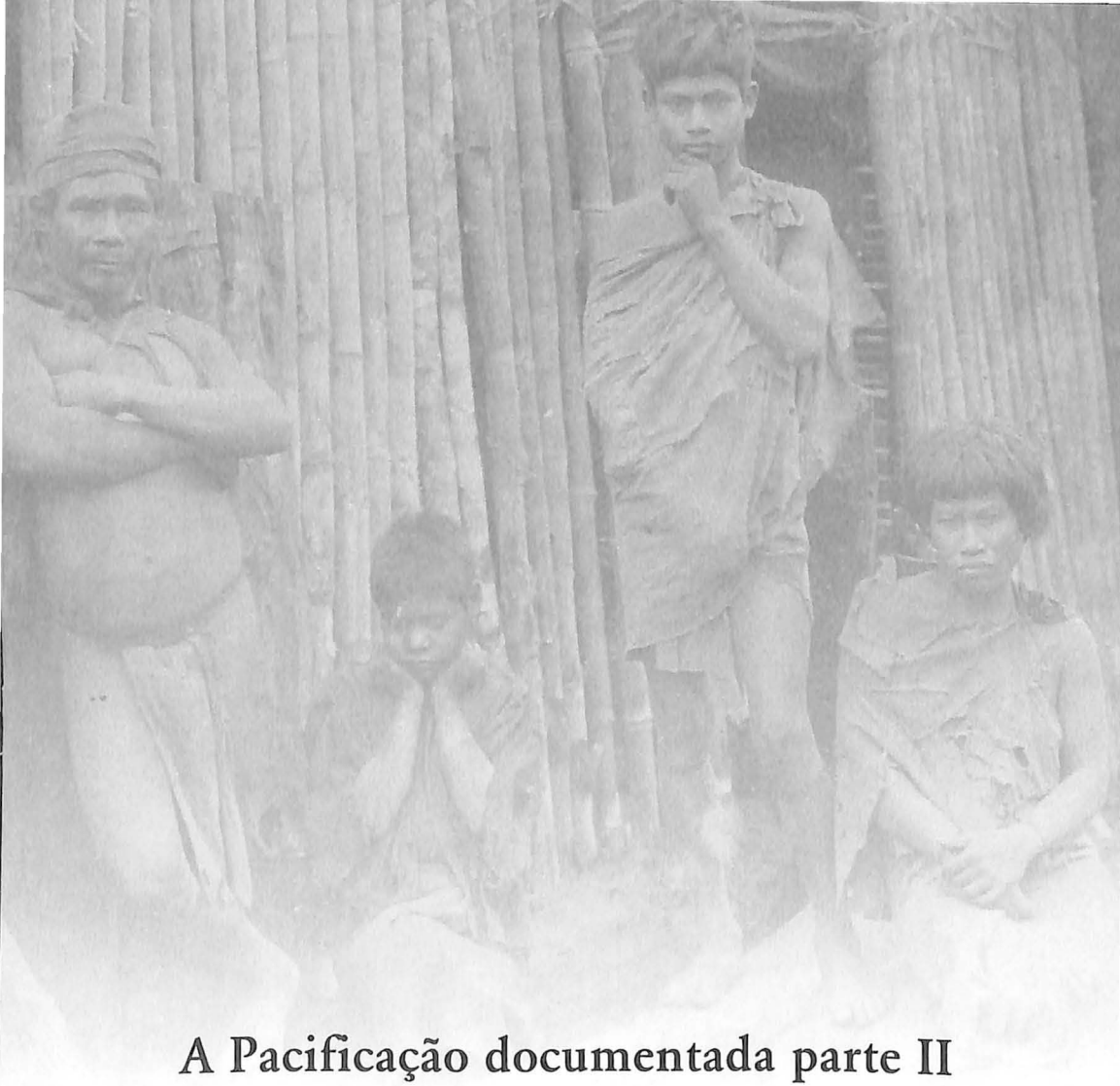
que, em represália, iria tomar a iniciativa de sair do ar antes do final do contrato. Por causa disso, a RBS teve que inaugurar o canal 12 no mês de maio, três meses antes do planejado. Assim, no dia primeiro de maio de 1979, a TV Globo foi ao ar pelo canal 12 de Florianópolis.

A professora Jane conta que quando a TV Coligadas saiu do ar, um sentimento de perda tomou conta dos catarinenses. Ela lembra com tristeza o fim da emissora. "A entrada da TV Coligadas em Santa Catarina foi um marco sem precedentes e é lamentável que ela tenha desaparecido."

Com esse episódio, a TV Coligadas passou a transmitir somente os programas locais, mas a emissora não iria longe. Ela não tinha condições de manter a audiência. Com isso, a Coligadas foi ao chão. Ela começou a ter prejuízos. Ainda de acordo com Dulce Márcia Cruz, em março de 1980 Mário Petrelli vendeu a TV Coligadas para a RBS, em nome de um dos sócios do grupo, Fernando Ernesto Correia. Era o fim da emissora da Integração Catarinense. Terminava ali um sonho chamado Coligadas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



A Pacificação documentada parte II (1916- 1918): resistências à NOVA VIDA IMPOSTA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A PACIFICAÇÃO DOCUMENTADA PARTE II (1916- 1918): RESISTÊNCIAS À NOVA VIDA IMPOSTA

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann[1]

Nesta segunda parte do artigo os leitores terão uma noção da árdua tarefa de adaptação que os funcionários do SPI deveriam promover aos indígenas contatados pacificamente. O SPI possuía uma vaga idéia de como deveria proceder para encontrar os indígenas, porém feito isso, não sabia o que fazer para mantê-los fixos num território determinado. Depois de passar quase dois anos vivendo nas matas junto com os Botocudo, Eduardo Hoerhann os convence de se estabelecerem no 'Posto de Índios Plate' às margens do rio homônimo. Feito isto, Hoerhann tenta adaptá-los ao novo modo de vida, sugerido pela ideologia do SPI: de caçadores e coletores, os indígenas deveriam ser acostumados às atividade agropastoris e se tornarem sedentários. Se por um lado os Botocudo garantiriam sua subsistência com a agricultura e a criação de bovinos, caprinos, etc, por outro, estariam perdendo a sua liberdade de ir e vir o que os caracteriza como um povo nômade. Aqui veremos o comportamento registrado dos indígenas nos relatórios de Eduardo Hoerhann, no período de 1916 a 1918 dentro dos limites do Posto Indígena.

No mês de março de 1916 houve outra ocorrência de incêndio em ranchos pelos Botocudo. A atenção do encarregado foi chamada com potentes gritos e com uma tímida aproximação depois de terem pedido diversas vezes, para que ninguém lhes fizessem mal. Quando os Botocudo foram interrogados, eles explicaram que isso fazia parte de um antigo hábito deles: incinerar as moradias dos entes queridos mortos, assim como todas as vestes e os seus utensílios. Tal prática não foi censurada, mas uma outra foi denunciada por pelos próprios: Contaram a Hoerhann que um grupo dos seus, em uma

1 Doutorado na UFSC sob a orientação do Dr. Valmir Muraro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de suas incursões pelos pinheirais, subiu ao campo e foi até uma casa que julgou desabitada. No local os integrantes mataram uma novilha, um porco e os carnearam. Pela direção indicada, Hoerhann supôs ser uma residência da linha colonial de Moema. Ele reprovou o ato descrito, explicando aos Botocudo as conseqüências inconvenientes que poderiam surtir e o enorme perigo que correram.[2]

Esse foi um período em que se combatia fervorosamente as incursões nas terras ocupadas pelos colonos em busca de caça ou para qualquer outra atividade. Ademais a execução dos trabalhos no mês de março foi dificultada pela ausência de grande parte dos adultos do grupo, pois estavam nos pinheirais do Estado do Paraná. O SPI estava penava com o corte de verbas iniciado em 1915, que espelhava a dificuldade de manter os indígenas dentro do Posto, uma vez que havia a escassez de alimentos e de demais artigos necessários. Por falta de medicamentos adequados, a gripe vitimou nesse mês um casal de adultos e uma criança. Uma das soluções encontradas para sanar a falta de alimentos foi, como está descrito neste relatório, incrementando o exercício da pesca:

> Um pequeno progresso que leva os índios de um certo modo para a vida dossil, ao pelo menos lhes garante os meios de alimentação, é a disposição que mostram em aprender a pescar seguindo nossas instruções. Principalmente as mulheres mas também as creanças maiores, já se dedicam á pesca com linha, caniço, etc., mostrando grande prazer nesta útil ocupação.[3]

Pode se considerar uma grande mudança cultural, este incremento da atividade pesqueira, pois se sabe através de relatos, que os Botocudo não estavam habituados a incluir peixe em sua dieta: "A pesca, estranhamente, desconhecem e assim ficam privados de uma

2 Cf. Idem. Mês de março. 1916.
3 Cf. Ibidem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rica fonte de alimentos, fácil de obter e que existe farta e abundante. Nunca cheguei a saber a razão porque desprezam o peixe, que lhes causa tanto nojo quanto ao branco causaria vê-los comer madeira, cupins, térmitas, carrapatos e até mesmo piolhos dos quais se alimentam sofregamente."[4]

Entretanto, a falta de verba para manter o posto e as resistências dos Botocudo em auxiliar nos afazeres não eram as únicas dificuldades enfrentadas pelos integrantes do SPI. Dentro da comunidade indígena existiam aqueles que não estavam dispostos a colaborar com a ação governamental e, vez ou outra, promoviam alterações radicais na rotina do posto. Como exemplo destacamos o relatório do mês de abril de 1916, no qual Hoerhann conta que a maioria dos Botocudo portou-se convenientemente no mês de abril, mas um determinado grupo, considerado por ele como: "[...]subversivo e perverso, sempre disposto a afrontar contra os integrantes do posto[...]",[5] portou-se de forma contrária. O grupo concentrava-se apenas em infringir o regime estabelecido e corromper os demais Botocudo já adaptados à nova realidade. O encarregado registrou o episódio acontecido na manhã do dia 23 do corrente mês: Como de costume, ele estava nas plantações de aipim, distante do acampamento à margem do rio Itajaí, onde foi verificar se os Botocudo haviam causado algum dano às culturas durante a madrugada. Era uma atividade rotineira, pois há algum tempo os indígenas colhiam o milho muito antes do total amadurecimento, em virtude de ainda não compreenderem a subsistência pela criação de animais e agricultura. Hoerhann encontrava-se distraído em suas averiguações quando:

4 GONÇALVES, J.A. Sob o domínio dos Botocudos. In: DEEKE, José. **Blumenau em Cadernos** – Tomo XL – n. 4 – Abril 1999.

5 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de abril, 1916.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Casualmente ergueu de repente a cabeça, deparando, mais ou menos á distancia de oito metros com o índio botocudo Jakan-déri, vulgo cara lanhada que, com o arco esticado e flecha ponta de ferro collocada no mesmo, fazia-lhe pontaria. Pondo-se de pé momentaneamente, bradou-lhe o encarregado em voz forte e ameaçadora – o que fazia. O índio, surpreendido assim em sua má intenção, desarmou incontinente o arco e procurou dar satisfação affirmando que queria experimentar se acertava um "toco" existente a pequena distancia, porem inteiramente fóra da pontaria que fazia. Reprehendeu-lhe severamente o encarregado dizendo que não admitiamos fazer pontaria perto de uma pessôa assim como elles não admitiam que se fizesse pontaria perto delles com nossas armas de fogo.[6]

No mesmo dia e um pouco mais tarde, Hoerhann soube através de uma informante indígena que Jakan-déri realmente possuía a intenção de matá-lo, só não o fez porque teve piedade, assim justificou. Mas fez questão de deixar claro que, em outra ocasião, não mais hesitaria e completaria o seu objetivo. Hoerhann, inconformado, não deixou de anotar: "E é este o índio que justamente por causa da sua inimizade contra nós, fôra tratado com toda brandura, para que se tornasse nosso amigo."[7]

Hoerhann considerava que ao tratar melhor certos indivíduos, eles responderiam positivamente às concepções do SPI. Não havia a compreensão na época, de que muitos dos indígenas não estavam dispostos a modificar seu modo de vida nômade. Não perdiam a oportunidade de contrariar a ordem estabelecida no posto, para fazer com que os funcionários do órgão desistissem de sua investida em prol da "evolução" e partissem de suas terras, abandonando por completo todos os trabalhos feitos até o momento.

No mês seguinte, houve novamente problemas

6 Ibidem.
7 Ibidem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de indisciplina por parte dos indígenas no Posto Plate. Eduardo Hoerhann afirma que não perdeu uma única ocasião para explicar-lhes à necessidade do trabalho em grupo e as vantagens adquiridas, a todos que se dedicam à labuta. Procurou também fazê-los compreender que o trabalho é o meio mais estável de subsistência, sendo assim muito mais eficaz do que a vida nômade a qual estavam adaptados. Hoerhann conta que com muita dificuldade conseguiu convencer alguns indígenas a trabalharem no serviço das roças, mas que depois de algumas horas eles se dispersavam:

> Durante as primeiras horas trabalham realmente com certa seriedade, cahindo porem logo em distrações verdadeiramente infantis acabando com pilherias e em franca hilaridade, zombando de todos e pedindo que se lhes desse, alem do que se prometeu para que trabalhassem, tudo o que sua phantasia lhes fazia desejar, motivando que já sufficientemente trabalharam. Uma vez n´esta disposição para puerilidades, tornam-se simplesmente inapproveitaveis para qualquer affazer, não voltando de modo algum á seriedade, já que não se pode empregar o único meio efficaz que seria a coacção. Sempre assignalar que entre os botocudos pacificados exista na verdade um pequeno grupo que mantem uma certa compostura e que mais facilmente poderia ser modificado em seus habitos, incorporando-se gradativamente á nós e adaptando-se ao nosso meio de subsistencia.[8]

O grupo descrito por Hoerhann como "bem intencionado" sofria na época interferências daqueles "má índole". Esses últimos, não queriam de maneira alguma que a maior parte da comunidade ficasse ao lado dos funcionários do Serviço. Hoerhann acredita que eles temiam perder o poder dentro de sua comunidade, e assim sendo, não teriam o apoio da maioria, caso pretendessem uma

8 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de abril, 1916.
Mês de maio. 1916.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rebelião. Hoerhann também observa que é justamente esse grupo que não quer compreender a sinceridade das intenções do SPI. Salientamos que naquele tempo, a pacificação e a adaptação ao novo meio de vida era pelos menos entre a maioria das lideranças do país, como a melhor maneira de salvar os indígenas da extinção, salvá-los como indivíduos e não culturalmente. Entrementes, não era só do grupo indígena rebelde que Hoerhann registrava queixas, mas as fazia também por causa do comportamento nada exemplar dos Kaingáng intérpretes e dos próprios funcionários do órgão:

> ...São de pouco estimulo e apezar de constante e immediata fiscalização approveitam todo e qualquer momento para "descansarem" não demonstrando serem munidos pelo grande vigor e enthusiasmo que devia existir par imprecionar os indígenas e portanto que se convencessem da realidade do interesse proprio que há em todos nós pelo trabalho. Condição esta que por certo os levaria então mais depressa a imitar e seguir o exemplo, que ser dado de modo mais palpável possível, não tanto theorica: mas sobretudo praticamente.[9]

Mesmo com tantas dificuldades e decepções, Hoerhann descreve que aos poucos conseguia incutir o espírito do trabalho nos Botocudo; uma prova disto, foi a criação do verbo "trabalhar" (lãy-lãy) na língua dos mesmos, que até o momento era desconhecido. Hoerhann termina o relatório mensal afirmando que precisaria esforçar-se mais para conseguir a árdua missão de adaptar os Botocudo aos trabalhos agrícolas e, como já sabia, os resultados viriam a longo prazo.

Na gravura seguinte podemos ver os Botocudo receosos entre os funcionários do SPI nos primeiros anos da pacificação.

9 Ibidem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fig. 5: Primeiros anos da pacificação. (Acervo: Rafael Hoerhann).

O relatório de 1917 está fora da organização trivial de Eduardo Hoerhann. Completamente manuscrito a lápis, rabiscado, com rasuras e borrões, faz parecer que a ausência de verba governamental privou o Posto Plate até de canetas e tinteiros. O que diminuiu a possibilidade de colher todas as informações acerca do relatório em questão; a escrita está praticamente ilegível e contém diversas abreviações. Entretanto é possível perceber as dificuldades em manter os Botocudo trabalhando no Posto.

No mês de abril um grupo de indígenas se rebelou e tentou impor aos funcionários do Posto que eles deveriam obter comida, mesmo sem trabalhar nas roças. Como não conseguiram resultados, graças à ação enérgica do encarregado, reuniram-se em um grupo maior para promover uma caçada de porcos selvagens. Hoerhann conta que os indígenas se ausentaram dos trabalhos gerais do posto, mas deixou registrado que o fato dele não ter impedido, ou não ter conseguido,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

proibir tal caçada, surtiria um efeito positivo, no sentido de acalmar "os espíritos" dos Botocudo.[10]

Abaixo está o mapa do Posto indígena, entre os rios Plate e Itajaí do Norte, e apresenta também a localização de suas culturas.

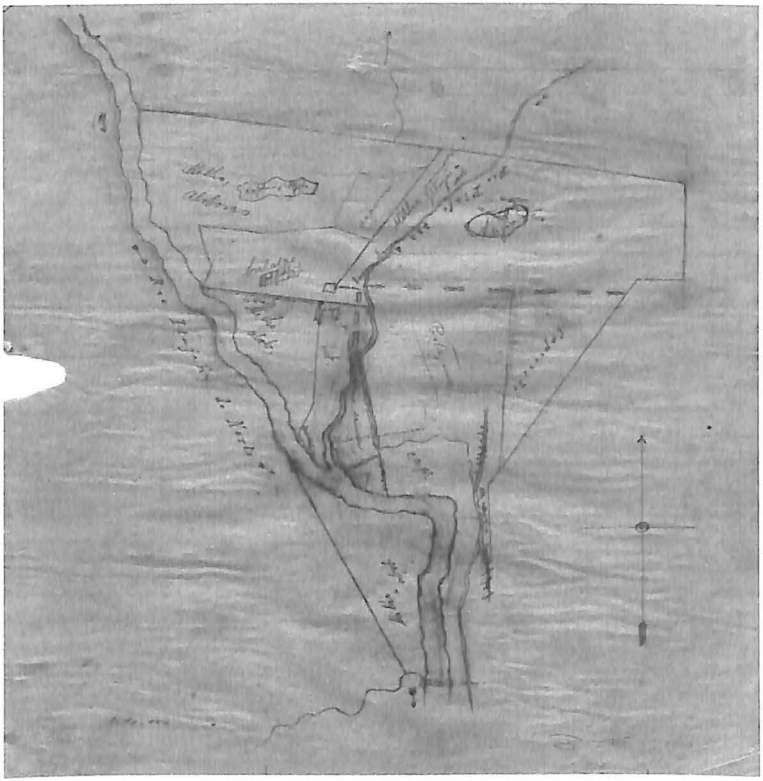


Fig. 6: Mapa do Posto Plate, 1917. (Acervo: Rafael Hoerhann).

No mês posterior, o grupo que havia se retirado para as matas chegou ao posto trazendo grande carga de pinhões e de diversos animais abatidos. Isso proporcionou que alguns indivíduos que haviam ficado para trabalhar sentissem o desejo de terem participado da incursão e também de participar de uma nova coleta das sementes

10 Cf. Ibidem. Mês de abril, 1917.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tão desejadas. Devido as várias insistências dos próprios trabalhadores do Posto Plate, conseguiu-se fazer com que a maior parte dos desejosos permanecesse ativa em seus afazeres agrícolas. Mesmo assim um pequeno grupo deslocou-se para a selva em busca de pinhão. Enquanto isso, a turma recém-chegada da primeira incursão, percebeu que seus ranchos já não ofereciam mais o abrigo necessário, o que fez sem perda de tempo, incendiar todos os ranchos para novos serem construídos. Nessa ocasião, os guerreiros foram ao encontro de Hoerhann, a fim de lhe pedir machados para a derrubada de árvores. Hoerhann descreve que aproveitou o momento para dizer que novos machados já haviam sido distribuídos para aqueles que ficaram trabalhando e que ajudaram a terminar o serviço das roças. Disse-lhes que só ganhariam novas ferramentas, se eles aprendessem a dividir as tarefas diárias com o restante do pessoal. [11]

Para Hoerhann, o mês de junho foi ainda pior. Ele não conseguiu fazer com que os Botocudo auxiliassem nos afazeres agrícolas, pois ficavam num freqüente vai-e-vem entre o Posto e a mata com o intuito de praticar a colheita de pinhões. Hoerhann descreveu que não seria prudente de sua parte forçá-los a nada que fosse contra suas vontades, pois dessa forma, os faria com que se ausentassem nas matas por longo período, tornando em vão todo o serviço de pacificação, às vésperas de completar três anos. No entanto foi possível contar com a ajuda voluntária das mulheres Botocudo por alguns dias, fazendo Eduardo Hoerhann baixar o decreto que só receberiam comida do Posto, aqueles que auxiliassem na lavoura e nos demais afazeres. [12]

Novamente, em julho, os indígenas não participaram dos trabalhos de rotina. Frente a isso, uma rês escapou dos domínios

11 Cf. Ibidem. Mês de maio, 1917.
12 Cf. Ibidem. Mês de junho, 1917.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do Posto e foi encontrada flechada e agonizando dentro de um fosso no meio do mato. Hoerhann, então, mandou abatê-la e transportá-la para o Posto. Mais tarde foi conversar com os guerreiros a fim de descobrir os autores do caso acontecido. Esses ao serem pressionados, se esquivaram, até que um jovem guerreiro confirmou ter sido Cám-rêm o protagonista. Hoerhann dirigiu-se a Cám-rêm e acusou-o diretamente, mas, Cám-rêm negou a autoria. Depois de muita insistência, o suspeito admitiu ter flechado a rês para impedir sua fuga, mas Hoerhann retrucou que tal desculpa era desprovida de base, pois mais de uma vez houve igual acontecimento, sem a necessidade de devolver o gado sem vida ao seu local de origem. O animal foi carneado e repartido para todos os indígenas presentes, porém Hoerhann fez questão de excluir Cám-rêm da divisão e justificar sua atitude neste documento:

> Impunha-se este exemplo rigoroso, pois que de outro modo, jamais deshabituar-se-ia os bot.[13] Aos velhos habitos de "caçarem" animais domesticos. Como já foi relatado, justamente visando familiarizal-os com a criação em geral, é que foi de todo abatida a carneação immediata á chegada do gado no Posto. Conserva-se por conseguinte durante algum tempo nos pastos, para depois por nós carnear e devidamente por a carne distribuida aos indios de acôrdo com as suas necessidades.[14]

Havia a necessidade de cooperação entre indígenas e funcionários, no sentido de dividir os alimentos assim como as tarefas, para uma boa convivência no Posto. O livre arbítrio não era permitido de modo algum. Mas os Botocudo sentiam constante carência de carne em sua base alimentar e ainda não compreendiam, devido a constante escassez desse alimento, o momento certo para abater o gado.

No mês de dezembro do ano de 1917 é feita uma

13 A palavra "botocudos" encontra-se assim abreviada neste texto.

14 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de julho, 1917.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

apuração para levantamentos de dados a respeito de um ataque de bugreiros contra os Botocudo, acontecido no mês anterior em Anitápolis. Esteve no Posto Plate o feitor do SPI, Germano Rigo, que em novembro realizou uma expedição aos distritos de Lontras, Rio do Sul, Serra Negra, Barracão, Rancho Queimado, Teresópolis e Anitápolis. Dentro do núcleo colonial o feitor não havia adquirido as informações necessárias para apurar o caso devido à resistência dos populares em fornecer esclarecimentos. Conseguiu depois de muito esforço, informações a respeito do criador de gado Bernardo Vianna, morador das proximidades do Rio Chapéu.[15]

Testemunhas contaram que Vianna, no mês de outubro, havia notado a falta de algumas reses de sua propriedade e logo conseguiu encontrar perto de sua propriedade, vestígios supostamente deixados pelos indígenas: uma vaca e uma novilha carneadas. Vianna voltou para a sua comunidade e reuniu uma turma de sertanejos experientes – os bugreiros. Eles chegaram em Anitápolis na noite do dia 25 de outubro e seguiram os rastos dos Botocudo até que os encontraram dormindo no acampamento. Sem perder tempo, atiraram com suas carabinas Winchester. Ao término da munição, partiram para cima dos Botocudo com golpes de facões, conseguindo matar dezenove pessoas entre homens e mulheres, além de uma criança que executaram também com golpes de facão. Os bugreiros dispersaram para um outro local distante, de modo que Germano Rigo não conseguiu maiores informações para acusar Vianna de sua cumplicidade com os homicidas. Vianna permaneceu impune[16]

A foto seguinte mostra a sede do Posto Plate, em meados da década de 1910, entre a bandeira nacional e os ranchos dos indígenas.

15 Cf. Apuração do genocídio indígena. In: HOERHANN, Eduardo. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de dezembro, 1917.

16 Cf. Ibidem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fig. 7: Posto Plate. (Acervo: Rafael Hoerhann).

Em quatro anos de contato, os Botocudo ainda apresentavam resistência aos trabalhos agrícolas e iam ao Posto apenas para pedir suprimentos necessários para a sua subsistência. Todos os trabalhos realizados no Posto, na maior parte do ano, eram feitos pelos funcionários do SPI a fim de garantir o seu sustento e também o dos Botocudo. Poucas vezes, está descrito no relatório de 1918, houve a participação ativa nos trabalhos por parte dos indígenas. Esses só trabalhavam mediante várias promessas, feitas pelo encarregado do Posto, conforme podemos observar:

> Como houve neste mez sobre-carregamento de trabalho nas rocas, e vendo o Encarregado que dispondo so da turma não conseguiria por termo as colheitas em tempo, principalmente à de feijao, que com mais alguns dias de chuva corria risco de perder-se inteiramente, viu-se na emergencia de recorrer ao auxilio dos indios. Sabia o Encarregado que elles não se tinham retirado dos arredores do Plate. Foi ter com os mesmos e não obstante as difficuldades, conseguio que comsigo voltassem ao Posto. Ahi fez-lhes ver claramente que se não auxiliassem as colheitas se perderiam

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> fatalmente, o que reverteria em seu proprio prejuizo. Com habilidades e boas promessas conseguio mais o Encarregado, que os botocudos accedessem aos seus pedidos, promptificando-se a ajudar-nos no trabalho. [...] Tornou-se assim possivel fazer toda a colheita do feijao com os indios, que o bateram e limparam na roca, transportando-o logo em seguida para o Posto. Evitou-se desta forma a perda irremediavel de oitenta saccos deste cereal. Alem disto houve ainda a vantagem de harmonizar os indios pouco a pouco com o nosso pessoal, reatando assim novamente, no decorrer de algum tempo, a velha amisade.[17]

Pode-se perceber que os indígenas estavam há algum tempo afastados dos afazeres diários do Posto, porém permaneciam próximos às limitações do mesmo. Mais uma vez, o encarregado precisou recorrer às promessas, a fim de fazê-los auxiliar na colheita, cuja perda total era iminente. Apesar da agricultura naquela época não estar ainda incutida na cultura dos Botocudo, esses, talvez por receio de passar fome, saíram de seus ranchos para terminar a colheita antes que a plantação se perdesse.

Em meados do mês de maio de 1918, os Botocudo justificaram a sua ausência nos dias restantes do corrente, argumentando que precisariam cuidar dos preparativos de sua festa anual. Novamente eles estariam distanciados dos afazeres do Posto. Porém não hesitaram em pedir ao encarregado do Posto que lhes desse todos os mantimentos necessários para que nada lhes faltasse no escoar de seus festejos. Um grupo de homens faria os cochos necessários para a fabricação da bebida alcoólica consumida nos ritos, enquanto que outro se encarregaria de buscar mel e os demais ingredientes para a confecção da bebida. Sobre estas reivindicações não poderíamos de deixar de registrar a insatisfação de Hoerhann: "Sendo os botocudos intransigentes no que diz respeito

17 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de março, 1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a esta festa, deixou o Encarregado de contrarial-os com insistencias inuteis, satisfazendo aos seus pedidos. Assim, pois, ausentaram-se os indios do Posto, não podendo ser aproveitados nos affazeres agricolas deste mez."[18]

Podemos ver na fotografia seguinte, a festa do ritual da inserção dos botoques nos meninos. Os dois cochos para o fabrico da bebida alcoólica estão à esquerda da gravura.

Fig. 8: Festa tradicional. (Acervo: Rafael Hoerhann).

A festa citada no relatório era considerada a mais importante para os Botocudo, pois nela acontecia o tradicional rito de perfuração do lábio inferior dos meninos com aproximadamente três anos de idade, para a introdução do enfeite labial (botoque). Esse traço cultural caracterizou o grupo e deu origem ao nome utilizado neste texto, designação dada pelos portugueses nos tempos da colonização.

18 Ibidem. Mês de maio, 1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A celebração durava cinco dias e sempre havia aqueles que cometiam excessos alimentícios, o que ocasionava algumas mortes. Os cochos eram utilizados para a maturação da bebida alcoólica, feita a partir de ervas, xaxim e mel. Os meninos sujeitos à perfuração de seus lábios eram embriagados e sacudidos a fim de potencializar o efeito da bebida e de não sofrerem muito com a dor iminente[19].

Nem sempre havia resistência dos indígenas para trabalhar nos campos agrícolas. Às vezes, havia a conscientização – ao considerar que se dispuseram a viver de maneira sedentária – de ajudar no plantio e na colheita, assim como nos demais afazeres existentes no posto. Estes relatos poderão nos mostrar com maior clareza o cotidiano mensal do Posto Indígena Plate:

> [...] Comtudo, na primeira quinzena deste mez, conseguio o Encarregado, que um grupo de índios, attendendo as sua insistências, cooperasse de modo satisfactorio, no coivaramento, da roca acima mencionada. Não foi porem possível fazer com que este grupo, prosseguisse nos trabalhos subseqüentes de plantação das mesmas terras, uma vez preparadas. Com a chegada de outro grupo, que lhes contara o bom êxito de suas caçadas, dispertou-se-lhes o enthusiasmo inato que tem pela caça, vagueando despreocupados pelas mattas. São estes instinctos nômades e venatorios que para nós constituem o maior obstáculo em mantel-os no Posto, habituando-os a um serviço continuo nas roças.[20]

Mais uma vez, o SPI perde sua autoridade em virtude dos hábitos, há muito praticados pelos Botocudo. Para eles não se podia perder uma única oportunidade de adquirir caça para a subsistência. Para garanti-la, precisavam praticá-la, assim como a coleta, pois não confiavam muito, no novo modo de vida imposto pelo SPI. Percebeu-

19 Cf. HOERHANN, E. **Carta a Luiz...**Documento citado.

20 ----------. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios.** Mês de janeiro. 1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

se, então, que não era possível de imediato, transformá-los em sedentários.

> [...] Conseguio o Encarregado, com relativa facilidade, a cooperacao dos indios pois que com o tempo, já se convenceram da real utilidade do cultivo do milho, que para elles hoje é a maior base de sua alimentacao. Comprehendem agora os botocudos que por falta de cuidado se diminuisse a produccao de milho no Posto, inevitavelmente passariam fome. É de notar que os indios botocudos, vendo a pequena planta de milho se compenetram de que esta lhes dara o alimento e, carecendo estas plantinhas de zelo para que as hervas damninhas não impecam o seu crescimento e consequentemente a producao, dispoem-se elles com certa facilidade a um esforco para cuidal-as. O mesmo já não se da com as colheitas, pois que ahi ao exemplo por nos dado supplanta o velho habito nomade de nada armazenar para o futuro. Habito este que simplifica a questao, pois entendem elles que se colhe so no momento em que se precisa.[21]

Depois de seis meses, Hoerhann registrou um dos avanços no trabalho do SPI. Ele acreditava que os indígenas estavam começando a compreender que era preciso ajudar na agricultura, para que não mais passassem fome – o que aconteceria se mantivessem o modo de vida nômade. Entretanto eles ainda mantinham a mentalidade de não estocar os excessos da produção, a fim de que esses fossem utilizados posteriormente.

Em outubro, os Botocudo ajudaram prontamente nos serviços de limpeza dos terrenos, trabalho com o qual estavam habituados, e aparece descrito como agradável para eles. Houve somente interrupção nas roçadas, devido ao fato dos indígenas terem desejado construir novos ranchos. Eles pediram a Hoerhann para que os ranchos fossem construídos ao mesmo estilo dos ranchos do pessoal do Posto, e assim, foram auxiliados. Os funcionários do SPI

21 Ibidem. Mês de agosto. 1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

consertaram diversos galpões danificados e construíram mais alguns a fim de armazenarem toda a produção agrícola que aumentou consideravelmente. O comportamento dos Botocudo entre outubro e dezembro, foi assinalado como exemplar e digno de nota. Todos os afazeres realizados foram por livre e espontânea vontade, surpreendendo o encarregado do Posto.[22]

Até aqui todo o trabalho de Hoerhann e de seus funcionários parecia estar surtindo o efeito almejado, pois durante alguns meses, não houve resistência, por parte dos Botocudo, em auxiliar na pesada labuta cotidiana. Mas, como o comportamento dos mesmos era sempre instável, não era interessante para o SPI crer, de forma permanente, na conformação dos indígenas. Era preciso trabalhar mais duro, a fim de não criar insatisfações recíprocas, sem tentar modificar abruptamente o modo de vida Botocudo.

(...continua.)

22 Cf. Ibidem. Meses de outubro e novembro. 1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

JOSÉ FERREIRA DA SILVA:
trajetória intelectual e política

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

JOSÉ FERREIRA DA SILVA: TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA

Carla Fernanda da Silva[1]

Ferreira da Silva, criador da *Revista Blumenau em Cadernos*, foi um escritor com considerável produção sobre a história de Blumenau, sendo citado constantemente como historiador, o que fez dele uma referência da historiografia local. Apresentar sua trajetória intelectual e política visa compreender o processo de escrito deste autor e sua influência na historiografia de Blumenau.

Seus escritos exaltam o passado de Blumenau e, ao reescrever os fatos da história, destacam a sua origem como causa do progresso no município, assim como sua diferenciação em relação ao restante do país. Segundo Benjamin "o conceito de progresso precisou opor-se à teoria crítica da história a partir do momento em que deixou de ser usado como medida de determinadas transformações históricas para servir como medida da tensão entre um lendário início e um fim da história."[2] O conceito de progresso empregado por Ferreira da Silva inibe a reflexão crítica da história de Blumenau, visto pensar a sociedade em um movimento retilíneo de evolução, em que o presente está calcado no esforço do trabalho dos pioneiros da Colônia Blumenau.

José Ferreira da Silva nasceu em Tijucas – SC, seu pai era natural de Portugal e sua mãe nascida em Berlim – Alemanha.[3] Em seus

1 Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau - FURB

2 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006. p 52.

3 PETRY, Sueli. FERREIRA, Cristina. *José Ferreira da Silva: Centenário de Nascimento*. Blumenau: Fundação Cultural, 1996. p 23

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escritos não encontramos referência a sua mãe, mas o autor falava e escrevia o alemão, tendo traduzido a biografia de Hermann Blumenau, de sua autoria, para o alemão. Também traduziu os escritos do viajante J.J. von Tschudi, 'Viagens pelas colônias alemãs da província de Santa Catarina'. Seus livros e a *Revista Blumenau em Cadernos* demonstram seu entusiasmo e admiração pela colonização alemã, assim como a exaltação de seus pioneiros. Em relação a sua educação formal, a única referência é a de que estudou no Seminário em Santa Maria – RS. A formação católica é presente em alguns de seus escritos e discursos, também mantendo constante correspondência com religiosos, com destaque para Dom Daniel Hostin. Sua primeira obra historiográfica é intitulada *O Padre Jacobs*, de 1928, uma biografia do primeiro padre da Colônia Blumenau. Em 1933, escreve sobre *O Catolicismo em Blumenau.*

Aos 19 anos, após a aprovação num exame para o cargo de professor, iniciou sua carreira no magistério em Canoinhas – SC, onde se casou com sua primeira esposa, Luíza Vieira. Três anos depois, em 1919, pediu sua remoção para Blumenau, onde trabalhou como diretor na escola de Arapongas, hoje município de Indaial – SC. Em 1920, foi aprovado no concurso de Escrivão de Paz e Tabelião de Blumenau do 7º Distrito, onde hoje é o município de Rodeio – SC.

É em Rodeio que inicia sua atividade intelectual, onde fundou o jornal *O Escudo*, em 1921, sendo a primeira página deste periódico escrita em português por Ferreira da Silva e as páginas internas em italiano, cujo redator foi Giuseppe Zanluca, imigrante italiano e professor em Rodeio. Zanlucca era editor do antigo jornal *L'Amico*, editado no distrito até 1917, periódico fundado pelos frades do Convento dos Padres Franciscanos. O fato de o Convento possuir uma impressora e a boa relação que Ferreira da Silva mantinha com os padres da Igreja Católica é que permitiu a edição do jornal *O Escudo*, editado até 1924, quando Ferreira da Silva foi transferido para a sede de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau. A edição do jornal O Escudo é um fato sempre citado pelo autor em seus textos autobiográficos[4], em que destaca sua trajetória intelectual e política, e cita também o jornal *A Cidade* e a *Revista Blumenau* em Cadernos, deixando de mencionar outras publicações. Ou seja, podemos verificar que O Escudo marcou sua trajetória intelectual, por dar origem à sua atividade como jornalista. Ferreira da Silva afirma, inclusive, ser um "apaixonado pela 'cachaça' do jornalismo que nunca mais me deixaria e que me faria passar os melhores e os piores momentos da minha vida de intelectual."[5] Em seu livro *A Imprensa em Blumenau*, ao citar e atribuir a fundação do jornal *O Escudo* a si, o mesmo destaca-se como jornalista, compreendendo-se como elemento importante no reconhecimento de seu papel de intelectual em Santa Catarina. Em sua construção como intelectual figuram o professor, o jornalista, o historiador e o político. Compreende que a "imprensa deve estar à serviço da História, pois a publicação das pesquisas permite que outros pesquisadores conheçam estas, e possam contribuir para a continuidade da pesquisa indicando documentos e correções."[6]

Ao ser transferido para a sede do município de Blumenau, torna-se amigo de Otaviano Ramos, natural de São José, também recém transferido para tornar-se chefe do telégrafo. A amizade surge não apenas por serem novos na cidade, mas por afinidades intelectuais, tanto que Ferreira da Silva exaltava Otaviano Ramos como poeta parnasiano, contista e cronista[7]. A escrita fundamenta a amizade.

Considerados *outsiders*[8] pela sociedade blumenauense, os

4 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Bio-Bibliografia. Caixa 1.1 03.
5 SILVA, José Ferreira. *Otaviano Ramos*. 1970. (Grifo do Autor)
6 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Caixa 1.1
7 SILVA, José Ferreira,1970. Op. Cit.
8 Outsiders no sentido proposto por ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* RJ: Jorge Zahar Ed, 2000. pp 20 - 27

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dois buscam a inserção pela atividade intelectual; em especial Ferreira da Silva, que além de fundar um novo jornal em Blumenau, inicia uma série de biografias e estudos históricos sobre a Colônia Blumenau, tornando-se, assim, uma referência intelectual no município. Em palestra proferida após a morte de Otaviano Ramos, posteriormente publicada em livreto, Ferreira da Silva relata seus encontros diários na escadaria dos Correios ou em caminhadas pela Rua XV de Novembro, para conversar sobre os mais diversos assuntos, dentre eles a pretensão de fundar um jornal: "insistia com Otaviano Ramos para que, juntos, fundássemos um jornalzinho a serviço da pequena parte da população que falava português em toda a vasta região colonizada por Dr. Blumenau."[9]

Assim surge o jornal *A Cidade*, em setembro de 1924, impresso na pequena oficina que antes servira aos jornais *O Nacional* e *Brazil*. E estes dois periódicos defendiam a política nacionalista e atacavam o pangermanisno, demonstrando muito ódio à Alemanha e seus descendentes em Blumenau. Seu editor era Alfredo da Luz, irmão de Amadeu da Luz, juiz de direito da Comarca. O Brazil encerra sua publicação em 1922, devido ao estado de saúde de Alfredo da Luz, e seu material tipográfico ficou esquecido no sótão da antiga sede do jornal. É com a proposta de um novo jornal, em Língua Portuguesa, que Ferreira da Silva consegue a autorização para usar o material tipográfico. Assim, o novo jornal surge à sombra de dois desafetos da comunidade teuto-brasileira, que esperavam desse novo periódico os ataques proferidos anteriormente nos jornais *O Nacional* e *Brazil*. Otaviano Ramos, em uma crônica escrita para o Calendário Blumenauense de 1934, descreve a expectativa em torno do novo jornal:

9 SILVA, 1970. Op. Cit.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> "A Cidade" foi premeditada e feita em seis dias, tal como Deus criou o mundo. Com a diferença que Deus fez obra grandiosa e perfeita e nós um minúsculo amontoado de "pastéis".
> Os "derrotistas" rejubilaram quando viram-no assim, o nosso pobre semanário, mal parecido e fraquinho, soltar os seus primeiros vagidos. Os mais otimistas concediam-lhe uns trinta dias de vida, se tanto. Alguns não iam além do mal de sete dias.
> Pois se outros, diziam, mais fortes e com melhores probabilidades de êxito, fracassaram anteriormente em empreendimento semelhante, como poderiam, então, dois funcionários canhestros, que não contavam com recursos para o financiamento da empresa, levar avante tão difícil tentativa? É que não conheciam o nosso pundonor, a têmpera da nossa vontade e o estalão do nosso esforço.[10]

Porém, segundo Ferreira da Silva, o jornal semanal se impôs pela sua seriedade, pelo bom senso e equilíbrio de seus editoriais, vazados em bom português, e pela orientação imparcial e serena que sempre seguiu.[11] O ideário nacionalista estava presente, mas sem ataques à comunidade teuto-brasileira, pois o jornal *A Cidade* foi um importante meio para o escritor divulgar sua produção intelectual, que foi se intensificando com estudos históricos, biografias, crônicas e contos. É neste período que Ferreira da Silva inicia seus estudos sobre a história de Blumenau, que deram origem aos livros *O padre Jacobs* de 1928, *A Colonização do Vale do Itajaí* de 1931, Fritz Müller de 1931, *O Doutor Blumenau* de 1933 e *O Catolicismo em Blumenau* de 1933.

Ferreira da Silva e Otaviano Ramos permaneceram à frente do jornal até 1930, quando o venderam, em função da transferência de Ramos para Florianópolis. Em maio 1932, funda o jornal *Correio de Blumenau*, com o Dr. Geysa de Boscoli, promotor público, que em

10 SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense.* Blumenau, 1934
11 SILVA, 1977. Op. Cit. p 80

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

junho foi removido para a comarca de Mafra, devido à sua atuação neste jornal. Boscoli era caricaturista e em seus desenhos representou diversos políticos do país como Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, José Américo, Artur Bernardes, etc[12], porém sem críticas. Ao contrário do que Ferreira da Silva afirma a respeito da transferência de Boscoli, "de que a situação política do país e do Estado, entretanto não propiciava clima para tais atitudes"[13], percebe-se pelos textos do jornal que o fato não se deu pelas suas caricaturas, apenas representativas destes políticos, ou por possíveis críticas ao governo Vargas, mas sim pelas críticas à administração local. A edição número 2 do jornal tem como matéria de capa 'Os Loucos na Cadeia Local'[14], fazendo uma crítica ao fato da cadeia municipal ser transformada em manicômio e abrigar dezesseis loucos. A preocupação dos jornalistas, no entanto, não era com a situação das pessoas presas - que estavam doentes e não recebiam nenhum tratamento, mas com o fato delas depreciarem o município; situação agravada, na compreensão dos jornalistas, pela localização da Cadeia Pública, ao lado da Prefeitura de Blumenau, fato que não condizia com uma 'das cidades mais adiantadas do Estado, de município dos mais bem organizados do Brasil.' A preocupação higienizadora com o centro da cidade transparece mais claramente no decorrer do texto, conforme observamos:

> A cadeia de Blumenau, por si só, servindo apenas aos fins a que se destina, já é uma flagrante aberração das normas que a moderna escola penitenciária quer observadas na reclusão de delinqüentes; são células sem higiene, sem luz, sem ar; viveiros de insetos e parasitas de todo o gênero. Imagine-se agora, além de toda essa tortura que se inflige aos pobres detentos, mais este horror, a que se os sujeita, da convivência, diurna e noturna, com loucos de toda a sorte, homens

12 SILVA, 1977. Op. Cit. p 95

13 Idem, p 96

14 *Correio de Blumenau*. 25/05/1932. Ano I. n°2. p 01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> e mulheres, irrequietos e desbocados, a praticarem toda a espécie de desatinos e de imundícies.[15]

E as críticas surtiram efeito, pois no número seguinte do jornal observa-se uma nova notícia: 'Seguiram para Joinville os loucos que estavam na Cadeia desta cidade'[16], não tendo, porém, o mesmo destaque anterior, pelo fato desta matéria estar localizada no canto inferior da capa, tendo como matéria principal uma carta elogiando o novo jornal. Nesta matéria, sobre os loucos da cidade, faz-se elogios ao prefeito municipal, Candido de Figueiredo, ao delegado Roberto Grossenbarcher e ao chefe de polícia Dr. Nery Kurtz, destacando que a conversa que o Correio teve com o Chefe de Polícia foi fundamental para a realização da transferência, bem como pelo fato da Prefeitura realizar uma reforma na Cadeia Pública; ressaltando-se, contudo, que esta ainda não era a melhor opção, conforme citado na matéria: 'Solucionado o problema dos loucos, fracassado, por falta de numerário, o projeto da Penitenciária, era a melhor providência que podia ser tomada no momento.'[17] Verifica-se, assim, que a maior preocupação dos jornalistas era a higienização da área central do município, sem considerar o bem estar dos doentes que ali estavam.

Quando do lançamento do jornal, Ferreira da Silva e de Boscoli preocuparam-se em afirmar que não havia pretensões políticas, conforme apontado no editorial de abertura: 'Interesses políticos, não os temos. (...) Queremos tão só, modestamente, servir de porta-voz do povo blumenauense, para que as autoridades, os homens do poder, conheçam as suas aspirações, as suas necessidades...'[18], mas, constantemente, utilizavam o jornal como meio de crítica ao prefeito municipal.

15 *Correio de Blumenau*. 25/05/1932. Ano I. nº2. p 01
16 *Correio de Blumenau*. 28/05/1932. Ano I. nº3. p 01
17 *Correio de Blumenau*. 28/05/1932. Ano I. nº 3. p 01
18 *Correio de Blumenau*. 21/05/1932. Ano I. nº 1. p 01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O *Correio de Blumenau* número 5 inicia uma crítica mais direta ao prefeito municipal, ao trazer na capa um antigo contrato de serviços telefônicos realizado entre a Prefeitura Municipal e a Empresa Telefônica de Blumenau para a prestação serviços de linha e concessão de aparelhos telefônicos. A matéria destaca as falhas no serviço prestado, o preço praticado - considerado exorbitante, mas também que cabia ao Prefeito Municipal cobrar o cumprimento do contrato, e multar a empresa caso os serviços não fossem prestados corretamente. As reclamações continuam nos números seguintes, com relatos sobre as dificuldades do uso do telefone. Na edição nº 9, a matéria é totalmente direcionada ao prefeito municipal, tendo como título 'Para o Senhor Prefeito Saber', e ao lado, em destaque, a notícia de que o promotor e editor do *Correio de Blumenau*, Geysa de Boscoli, fora transferido para a Comarca de Mafra, fato que resultou no pedido de demissão do cargo de promotor. Nas edições seguintes, o jornal publica vários telegramas trocados entre Boscoli e o General Assis Brasil (Ministro da Justiça), com o pedido para revogar sua transferência. Apesar de Assis Brasil entender que não havia motivos para a transferência de Boscoli, deixa claro que a revogação do ato depende do Interventor, Dr. Nereu Ramos. O Interventor, por sua vez, apresentou a seguinte justificativa para o ato de transferência, conforme declarado em telegrama:

> em jornal há pouco vem sendo publicado em Blumenau, do qual é declaradamente um dos dois diretores referido promotor, recente decreto do governo prorrogando cobrança imposto sem multa foi criticado em artigo da redação, em termos inconciliáveis função promotor. Além disso dr. Geysa conforme é notório e consta comunicado imprensa mantém escritório conjuntamente com outro advogado este provisionado e que advoga foro Blumenau tanto civil quanto crime. Tal associação profissional incompatível deveres ministério público compromete decoro justiça.[19]

19 *Correio de Blumenau*. 06/07/1932. Ano I. nº 14. p 01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No ano de 1933, surgem dificuldades financeiras para a continuação do jornal, e ele é fundido com o jornal *A Cidade*, passando a se denominar *Cidade de Blumenau.*

Ferreira da Silva continua atuante na imprensa de Blumenau em 1934 e 1935, editando o *Calendário Blumenauense*, seguindo o modelo dos *Kalenders* escritos e editados na língua alemã. Em sua apresentação, traz o seguinte texto:

> A publicação do presente Calendário obedece a fins não somente de propaganda do comércio e indústrias blumenauenses. O propósito de torna-lo também repositório de informações úteis e, sobretudo, de dados históricos e geográficos sobre o grande município catarinense foi o que mais nos preocupou. Dedicamo-lo ao povo e, particularmente, à mocidade de Blumenau. Conhecendo a história de da sua terra, aproveitando as lições de civismo, de amor ao trabalho, de persistência, de abnegação, de fé na grandeza da Pátria, que nossos maiores nos legaram, os blumenauenses de amanhã serão ainda transformados, pela força da própria vontade, por contínuo e duro labor, nos vanguardeiros de uma civilização nova e gloriosa.[20]

O *Calendário Blumenauense* demonstra a preocupação de Ferreira da Silva em ter publicações na Língua Portuguesa em Blumenau, pois os *Kalenders* eram muito populares e tinham grande alcance junto ao público.

Em 1935, ele lança o *Alvorada*, semanário integralista - movimento político bastante forte naquele momento - com a pretensão de assumir a administração municipal, que passava por uma sucessão de prefeitos de curtos mandatos. Sobre este jornal, Ferreira da Silva comenta que além de bons artigos doutrinários, trazia o expediente do núcleo local e de outras localidades do município e do Vale do Itajaí, amplo noticiário do Brasil.[21]

20 SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense.* Blumenau, 1934. Editorial.
21 Idem. p 103

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A respeito da imprensa integralista, Luiz Felipe Falcão ressalta que nestes periódicos era comum a abordagem de temas como a preocupação espiritual, a crítica à liberal-democracia, o combate ao comunismo, a denúncia do cosmopolitismo e a ênfase no nacionalismo.[22]

Figura 1 - José Ferreira da Silva com uniforme do partido integralista, eleito vereador de Blumenau. A.H.J.F.S.

Em 1935, Ferreira da Silva é eleito vereador e presidente da Câmara de Vereadores pelo Partido Integralista, e Alberto Stein é eleito prefeito, pelo mesmo partido.

22 FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2000. p 137

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O integralismo em Santa Catarina teve suas peculiaridades, pelo fato da população de origem imigrante pregar que todos eram brasileiros, independente de sua origem, e que não precisavam abandonar sua cultura, mas somente implantar um sentimento de brasilidade capaz de superar os preconceitos étnicos. O imigrante era percebido como "partes do povo que são estrangeiras, mas que possuía um lugar na construção do Estado brasileiro."[23] A Aliança Integralista Brasileira – AIB – em Santa Catarina, deu a este imigrante a possibilidade de pátria que ele não possuía, enquanto não o ameaçava com a nacionalização no que lhe era mais temido: a imposição da língua vernácula. Para Pécaut, essas indicações levam a pensar que, além das simpatias ideológicas com o fascismo de seus países de origem, a AIB ofereceu um canal de participação nacionalista peculiar para os filhos de imigrantes, à margem do nacionalismo oficial.[24]

Como vereador mais votado, Ferreira da Silva assume a presidência da Câmara de Vereadores, e em seu discurso de posse, segundo o jornal de língua alemã *Blumenauer Zeitung*[25], afirmou o seguinte:

> Mesmo que pessoalmente nada de concreto propomos, mesmo que sejamos minúsculos diante da grandeza da tarefa que temos a cumprir, nos identificaremos com o povo e em íntima união com ele representaremos uma força tempestuosa que tudo consegue... Nada prometemos, pois nem sabemos o que podemos realizar no difícil momento por que passa este país em sua vida política e social; mas assumimos o compromisso – e o juramos aqui diante de Deus e da Pátria – de por tudo o que somos e temos a serviço do povo.[26]

23 Idem pp 141, 142.

24 PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. SP: Ática, 1990. p 83

25 Jornal em língua alemã que publicou textos integralistas em apoio ao ideário da AIB, assim como também fez apologia ao nazismo. GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo – Nazismo – Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. pp 119

26 *Blumenauer Zeitung*. 06/12/1934. Citado por GERTZ, 1987. pp 182/183. (grifo meu)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Era necessário os integralistas identificarem-se com a população local, por isso foi publicado o seu discurso de posse em um jornal de língua alemã. Em nível nacional, para ter uma boa aceitação nas áreas de imigração alemã, a AIB oportunamente fez-se parecer germanófila.[27] Porém, para os governantes locais, era tarefa difícil equilibrar o nacionalismo integralista e a conservação da cultura alemã, visto que para muitos destes imigrantes o integralismo era uma expressão brasileira do nazismo.[28]

Em 1936, Ferreira da Silva se articula com Victor Konder (que havia perdido as eleições municipais), Curt Hering, Frederico Kilian (escrivão), Theodor Lüders (arquivista municipal), Pedro Cristiano Feddersen[29], todos membros do Partido Republicano Catarinense – PRC, para a formação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. Nesta época, Ferreira já havia sido eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina[30], devido aos seus escritos sobre os fundadores da Colônia Blumenau. O papel de Ferreira da Silva como intelectual da história vai se acentuando, principalmente pela sua atuação como jornalista, em que é possível divulgar amplamente sua produção, porém o Alvorada é o último jornal editado por ele. Posteriormente, passou a atuar na imprensa como colaborador.

Devido ao golpe do Estado Novo, em 1937, Alberto Stein foi afastado do governo municipal em 1938, e José Ferreira da Silva é nomeado prefeito, permanecendo no cargo até maio de 1941. Alberto Stein é preso, sob a acusação de nazista, devido a sua atuação no Partido

27 GERTZ, 1987. pp 182 – 185.

28 FALCÃO, 2000. pp 161 – 165.

29 FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: ações e discuros das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929 – 1950)*. UFSC, 2003. (Tese de Doutorado), p106.

30 Idem, p106.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Integralista. O Estado Novo compreendia que o integralismo em Santa Catarina era uma extensão do nazismo, como é possível observar pela pesquisa de Luiz Felipe Falcão em que discorre sobre a opinião de senadores sobre o integralismo em Santa Catarina na grande vitória destes nas prefeituras e Câmaras de Vereadores do estado em 1936: "não venceu o integralismo nacional, mas sim o nazismo alemão", enquanto outro denunciava que os integralistas catarinense desconheciam "a existência do senhor Plínio Salgado e consideravam Hitler seu chefe."[31] Alberto Stein argumenta com o governador Nereu Ramos que é brasileiro e não nazista[32], mas é mantido preso sob a mesma acusação. Ou seja, permanece a compreensão de que o integralismo no sul do país era um disfarce para o nazismo.

Boa parte da documentação da AIB foi destruída pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – durante as apreensões realizadas pelo Estado Novo, ou mesmo foram destruídos pelos membros para evitar represálias e prisões.[33] A transição de Ferreira da Silva da AIB para prefeito do Estado Novo é marcada por silêncios. Vivia-se um momento político confuso no município, pelo fato de Ferreira da Silva ter tido participação importante no Partido Integralista em Blumenau; e não apenas na redação do jornal, mas nas reuniões, organização do partido e nos desfiles que a AIB promoveu em Blumenau, ou seja, uma liderança atuante da AIB.

Na escrita de Ferreira da Silva, os embates políticos do momento foram amenizados pela exaltação a construções e obras realizadas em seu governo, e, também, pelo discurso de que a nacionalização devia-se a uma ação externa promovida pelo governo federal. É possível perceber o contraste nas atuações de Ferreira da Silva

31 FALCÃO, 2000. p 157
32 FALCÃO, 2000. p 163
33 FALCÃO, 2000. Op. Cit. 128.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ao compararmos as ações de campanha de nacionalização - presente nos seus Relatórios de Governo, e o encobrimento destas mesmas ações - por meio da escrita da história que exalta a germanidade, em seu livro *História de Blumenau*.

Figura 2 - Visita de Plínio Salgado a Blumenau, 1935. Acervo A.H.J.F.S.

No seu primeiro ano de governo, iniciou o processo de nacionalização e uma intensa campanha contra as escolas alemãs, sendo que das 46 escolas particulares estrangeiras de Blumenau, apenas duas restaram no final do ano 1938, cujo processo de nacionalização estava em andamento, sendo fechadas posteriormente. Sobre as escolas estrangeiras, Ferreira da Silva escreve em seu Relatório de Governo o seguinte:

> Era, efetivamente, um grande mal para a nacionalidade permitir-se que milhares e milhares de crianças brasileiras fossem educadas por estrangeiros – como o eram, na sua grande maioria, os professores particulares – deixando os bancos escolares imbuídos de um espírito que não era o de brasilidade, o de entusiasmo, de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> orgulho por esta Pátria magnífica que nós adoramos.
>
> Pequeninos brasileiros, entregues anos seguidos aos cuidados de mestres que nada sabiam nem compreendiam do que era nosso, mandados, não raro, por governos estrangeiros para a faina ingrata de desnacionalizar a nossa gente, saíam das escolas, ignorantes do Brasil, sem lhe saber a língua, sem conhecer-lhe a história, brasileiros estranhos dentro de nossa própria Pátria, quando não dela inimigos. (...)
>
> Conhecíamos, perfeitamente, a situação de incúria em que a politicagem de anos atrás deixara grave o problema, abrindo campo vasto à infiltração de idéias, de princípios contrários ao interesse da Pátria. Apareceram os aventureiros a soldo de outros países, incitando o colono – quase sempre tímido e sugestionável – a apertar os laços que, pelo sangue, o prendiam a outras terras, a desprezar os nossos costumes como os de um povo bárbaro, sem brio, sem cultura. [34]

Percebe-se, assim, que o Relatório de Governo está longe do tom, descrito por Ferreira, como imparcial e sereno empregado nos jornais *A Cidade* e o *Correio de Blumenau*, ou no seu livro *História de Blumenau* em que escreve sobre o período em que foi prefeito, conforme segue:

> O governo (Federal) aproveitou o estado de ditadura, em que se encontrava o país, para promover grande campanha de nacionalização dos núcleos de colonização estrangeira. E Blumenau, (...) não escapou às medidas então tomadas, às vezes exageradas e injustas. As poucas escolas particulares, ainda existentes, foram fechadas e substituídas por escolas públicas, municipais e estaduais. (...) As Sociedades particulares, como as de Atiradores, e outras, sofreram sérias restrições que, em muitos casos, importaram seu fechamento. Igualmente os dois jornais locais, redigidos em alemão, o 'Blumenauer-Zeitung' e o 'Der Urwaldsbote', foram, da mesma forma, tão pressionados que acabaram por cessar a sua publicação, alguns meses depois. Destarte, os três e meio anos do governo de Ferreira da Silva foram bem difíceis. Assim mesmo, por uma atuação

34 BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939 – Pref. José Ferreira da Silva.* p 25.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> serena e sempre prudente soube ele contornar os muitos percalços que lhe foram postos no caminho.[35]

É importante ressaltar que o Relatório de Governo era dirigido diretamente ao Interventor Federal no Estado, e, em relação às pessoas cooptadas para trabalharem para o Estado Novo (em especial os intelectuais), o nacionalismo de que eram porta-vozes não aparece senão como uma maneira suplementar de obter o reconhecimento do Estado.[36] E, pensando a narrativa histórica de Ferreira da Silva - em que o mesmo exaltava o colono alemão como responsável pelo progresso de Santa Catarina - até o momento em que assume a prefeitura de Blumenau, defender a política de nacionalização é compreendido como uma contradição, ou mesmo uma traição à comunidade teuto-brasileira, que o tinha como um defensor. Com efeito, os seus livros, *O padre Jacobs* de 1928, *A Colonização do Vale do Itajaí* de 1931, *Fritz Müller* de 1931 e *O Doutor Blumenau* de 1933, até aquele momento também contribuíram na criação dos mitos fundadores do município, como Dr. Blumenau e Fritz Müller.

Em 1938, já no governo do Estado Novo, Ferreira da Silva traduz sua biografia do Dr. Blumenau para o alemão[37], porém irá publicá-la apenas em 1962. No discurso de lançamento, ele afirma o seguinte: "pode ser que não cause emoções iguais às que senti quando publiquei o original, em vernáculo, em 1933."[38] Tal publicação em alemão, guardada por tantos anos, selaria, para alguns, o esquecimento

35 Idem, p 214

36 PÉCAUT, 1990. p 20.

37 No original desta tradução, escrita à mão em caderno brochura, a data de 1938 na capa está riscada, e escrito 1937, interessante perceber que como membro da AIB e posteriormente prefeito do Estado Novo, o autor preocupa-se em agradar a população germanófila de Blumenau, ao traduzir sua biografia para o alemão.

38 SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Lançamento da Tradução do livro Doktor Blumenau.* Blumenau, 1962. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. FJFS 3.1 cx 3, 41

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da política de nacionalização empreendida pelo escritor e o momento de reconciliação com o município. Para Ferreira da Silva, a obra trouxe a "satisfação por estar cumprindo um dever para com a Comunidade em que me integrei. Tendo dedicado toda a minha vida a Blumenau, considero este lançamento como o pagamento de mais uma prestação de débito enorme que contraí com esta terra e o seu povo generoso e bom."[39] Mas a sua tradução, em 1938, demonstra a dualidade vivida pelo escritor naquele momento, de exaltar os pioneiros colonizadores, e ser obrigado a rejeitar a língua alemã para atender à política do Estado Novo.

Gustavo Konder, em necrológico de 1974, publicado na *Revista Blumenau em Cadernos*, é o único a mencionar a rejeição enfrentada por Ferreira da Silva após sua atuação como prefeito, afirmando que este era "o único brasileiro nato a compreender a expressão e a tradição dos colonos teutos no Vale do Itajaí, infelizmente tão perseguido e repudiado pelos nacionalistas de visão oblícua."[40] A afirmação de Konder nos faz refletir sobre os motivos do afastamento de Ferreira da Silva da prefeitura de Blumenau, visto que sua substituição também é marcada por silêncios. Ferreira da Silva, ao mesmo tempo em que empreendeu a nacionalização do ensino no período em que esteve como prefeito, também criou o Museu Fritz Müller, justificando-o como um auxílio à educação primária, ao passo que resta clara a leitura de que o museu foi instituído, na realidade, um lugar de memória, em homenagem ao naturalista Fritz Müller, estabelecendo-o como um exemplo a ser seguido. Porém, também é claro o nacionalismo de Ferreira da Silva quando, no livro *Centenário de Blumenau*, finaliza seu artigo sobre a história de Blumenau com a seguinte frase: "Glória a Hermann Blumenau, 'exemplo de estrangeiro que soube amar o

39 Idem

40 KONDER, Gustavo. *Acadêmico Professor José Ferreira da Silva*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XV, janeiro/fevereiro de 1974, nº 1 e 2. p 11

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brasil e bem servi-lo'"![41] Exaltação coerente com o ideário integralista e estadonovista, ao pensar o estrangeiro integrado à pátria brasileira.

A simpatia pela origem de Blumenau e pelos primeiros colonizadores, presente na obra intelectual de Ferreira da Silva, assim como o fato de ter sido membro da AIB, poderia ter sido compreendida como uma atitude dúbia pelos políticos do Estado Novo, por isso a afirmação de Gustavo Konder de que Ferreira da Silva teria sido, na realidade, perseguido e incompreendido pelos nacionalistas.

Ferreira da Silva é exonerado do cargo de prefeito municipal em maio de 1941, sendo substituído por José Simeão de Sousa, Inspetor do Departamento de Municipalidades, que assumiu interinamente, até a nomeação do Dr. Afonso Rabe, no mês de julho. Afonso Rabe, em seu primeiro Relatório de Governo, demonstra constante preocupação com as contas públicas, fazendo referência a estas em vários tópicos do Relatório:

> Como V. Excia vê, a situação não era nada lisonjeira. Tendo, felizmente, havido necessidade de lançar mão apenas de uma pequena parte do *superávit* previsto Cr$ 240.000,00 para os fins a que era destinado, poude-se tratar, com a devida autorização de v. Excia. e aprovação do Dpto Administrativo do Estado, se suplementar algumas dotações (...)[42]
> É preciso notar, entretanto, que eu tive de saldar nesta verba, inúmeras contas de serviços prestados e já empenhados no 1° semestre, portanto, antes de meu tempo, e que ainda não tinham sido pagas. Tenho, porém, o prazer de comunicar que todos os compromissos de 1941, foram liquidados até 31 de dezembro daquele mesmo ano. [43]

Além de apontar as irregularidades em relação à movimentação financeira da Prefeitura antes de seu governo, Rabe destaca que "havia igualmente, uma série de irregularidades no quadro

41 SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau. In* Centenário de Blumenau. 1850-1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p 51

42 BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 – Pref. Dr. Afonso Rabe.* p 02.

43 Idem. p 28.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de funcionalismo, tais como, cargos não criados devidamente por lei, etc."[44] Também deixa transparecer a existência de um número excessivo de funcionários, com salários abaixo dos padrões da época. O prefeito Afonso Rabe procura demonstrar, em seu Relatório de Governo, que sanou os problemas da Prefeitura herdados de José Ferreira da Silva, o que poderia indicar que o afastamento dele do governo municipal se deu pela prática de irregularidades administrativas.

Após a saída do cargo de prefeito, José Ferreira da Silva se viu obrigado a sair de Blumenau, pois passou a ser visto como traidor da cidade que o acolheu, residindo, assim, por vários anos no Rio de Janeiro e Curitiba.

No ano de 1948, publica o livro *Colônias para o Brasil*[45] em Goiás, onde destaca a Colônia Blumenau. Entre os recortes de Ferreira da Silva, encontra-se uma nota do jornal *O Globo*, do ano de 1953, que faz o seguinte comentário sobre este livro:

> Conhecedor do tema da colonização e com uma prática de dezenas de anos de convivência como colonos do Sul e mais a experiência decorrente de um lustro de atividades à frente dos poderes legislativo e executivo de um dos maiores municípios catarinenses, o Sr, José Ferreira da Silva aborda, de maneira muito segura, a matéria, neste seu trabalhado intitulado 'Colônias para o Brasil. [46]

Ferreira da Silva busca retomar suas atividades intelectuais nas cidades onde passa a morar a serviço da Aliança da Bahia, organização securitária e de capitalização, ocupando o cargo de procurador. Assim, inicia estudos históricos sobre a cidade de Sabará, copiando em cadernos documentos sobre a cidade, pensando numa

44 BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 – Pref. Dr. Afonso Rabe.* p 15.

45 SILVA, J. Ferreira da. *Colônias para o Brasil.* Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1948. 52p,

46 AHJFS. FJFS. Recortes. *O Globo*, 24 de janeiro de 1953.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

futura publicação, que não ocorreu. Tal fato é perceptível em razão da organização do layout dos cadernos, a distribuição das fotografias, rótulos de produtos fabricados na cidade.[47]

No livro *Colônias para o Brasil* transparece o desagrado do autor com relação ao sertão brasileiro, demonstrando também uma insatisfação com a educação do sertanejo. Tanto que sua obra é uma defesa do modelo de colonização implantado por Dr. Hermann Blumenau, no qual propõe implantar em todo o Brasil, de modo a sanar os diversos problemas dos agricultores brasileiros. Neste livro, ainda a respeito do sertanejo, ele afirma o seguinte:

> A sua casa, a 'fazenda', é apenas maior e mais bonita que a do colono. Mas, em comodidade, pouco difere do rancho deste último. As vacas vêm sujar-lhe na porta da frente e as galinhas e os porcos entram-lhe pela cozinha. As camas onde ele e a família dormem, são catres sem lençóis, sujos. Não há um banheiro, um chuveiro na fazenda. A privada é um buraco cavado no chão, meia dúzia de metros longe da casa. [48]

Esta situação do interior do país que passa a vivenciar, contrasta com o município de Blumenau que Ferreira da Silva tanto exaltou em seus textos, ou seja, a Colônia que "Dr. Blumenau plantou no interior catarinense e que é, hoje, verdadeira fonte de riqueza para o país, zonas que produzem fortunas consideráveis, nasceram pobres, a custo de inauditos sacrifícios de seus idealizadores."[49] Para o autor, o modo de vida ideal era aquele do sul do país, em especial do Vale do Itajaí. Em suas pesquisas em Minas Gerais e Goiás, impressionava-se com a "quantidade de gente suja, maltrapilha, de aleijados e débeis mentais que se encontra no interior do estado"[50], e não encontrou

47 AHJFS. FJFS. Originais. Envelopes 07 e 11.
48 SILVA, 1948. Op. Cit. p 12
49 SILVA, 1948. Op. Cit. p 17
50 AHJFS. FJFS. Originais. Envelopes 07 e 11

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a história que desejava escrever, pois estava longe do seu ideal de progresso e de povo civilizado:

> O sertanejo não tem, geralmente, noção da maneira de viver como ela é compreendida nos tempos modernos. Não sabe vestir-se, não sabe comer, não sabe dormir, não sabe divertir-se, não sabe trabalhar, não sabe mesmo desempenhar-se corretamente nas demais necessidades fisiológicas de cada dia. [51]

O livro Colônias para o Brasil volta a reafirmar sua crença na superioridade do sul do país e também a sua reaproximação com Blumenau.

Com o fim do Estado Novo, as comunidades teuto-brasileiras buscaram se restabelecer, mas sem as instituições que garantiam a manutenção da germanidade. Estas instituições de caráter étnico não se reestruturaram, porque a proibição de seu funcionamento não foi revogada pelo Estado. A língua alemã voltou a ser falada em público, mas as poucas publicações que voltaram a circular tinham cunho eminentemente religioso ou informativo.[52]

Em 1950, Blumenau inicia os preparativos para a comemoração do seu Centenário de Fundação, entre eles a organização de um livro sobre a história do município e dados de seu presente. A subcomissão do Livro Comemorativo, presidida por Frei Ernesto Emendorfer, convida José Ferreira da Silva para escrever os seguintes capítulos: *O Escudo d'Armas do Município de Blumenau, História de Blumenau* e *Fritz Muller.* Os festejos também contaram com a exibição da ópera Anita Garibaldi, de autoria de Ferreira da Silva e musicada pelo maestro Heinz Geyer. As comemorações do Centenário possibilitaram uma

51 SILVA, 1948. Op. Cit. p 47

52 SEYFERTH, Giralda. *In* MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, historia.* Canoas : ULBRA, 1994. pp 22

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

reaproximação de Ferreira da Silva com Blumenau, até a edição da *Revista Blumenau em Cadernos*, em 1957, quando seu nome como historiador do município se fortalece.

Em 1950 foi candidato a prefeito, tendo como base de campanha suas realizações enquanto prefeito. Mas cartazes e panfletos contra a sua candidatura são distribuídos pelo município, e nestes é possível observar que a rejeição se devia a sua atuação como prefeito de Blumenau no período da nacionalização. Considerado traidor da AIB e de Blumenau, o cartaz ainda o define como intruso e forasteiro.

BLUMENAUENSES ATENÇÃO!

Candidatou-se ao cargo de Prefeito Municipal o forasteiro **José Ferreira da Silva.** ESTE INDIVIDUO QUE TRAIU A AÇÃO INTEGRALISTA COMO É DO CONHECIMENTO DE TODOS, QUE TRAIU MISERAVELMENTE O NOSSO SAUDOSO CONTERRANEO ALBERTO STEIN QUE FOI PREFEITO DA DITADURA SENDO POSTO NA RUA POR SER DESONESTO, AGORA DEPOIS DE DEZ ANOS DE AUSENCIA, APARECE AQUI PARA PERTURBAR A POLITICA MUNICIPAL.

Eleitores, cuidado! Não envergonhem Blumenau.
Não votem em intruso.

Dois Blumenauenses dignos se apresentam como candidatos ao cargo de Prefeito, porque então votar em homem de fóra e cheio de defeitos?

(Amanhã tem mais e melhor) AGUARDEM!

Figura 3 – Cartaz. Acervo: AHJFS – FJFS 1.8 cx 1.2

A sua confusa trajetória política fez com que fosse odiado por muitas pessoas em Blumenau, mas a sua trajetória como intelectual, em especial historiador do município, fê-lo respeitado, e possibilitou tornar-se porta-voz da história de Blumenau durante muito tempo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

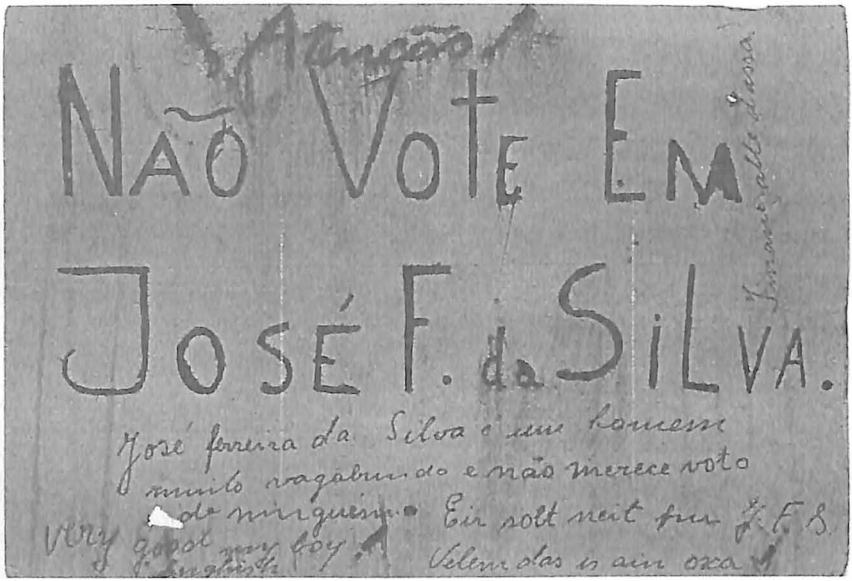


Figura 4 – Cartaz. O trecho escrito em alemão diz o seguinte: Vocês não devem votar em JFS porque ele é um boi. (Trad. Edith Korman) Acervo: AHJFS – FJFS 1.8 cx 1.2

Ao fixar residência em Curitiba, Ferreira da Silva retoma seus estudos sobre a colonização alemã, começa a divulgar suas pesquisas para imprensa nacional, envia artigos para diversas revistas e jornais, assim como notas sobre seus livros, em especial, Colônias para Blumenau.

No ano de 1957 cria A Revista Blumenau em Cadernos, com a proposta de trazer em cadernos mensais a história de Blumenau e do Vale do Itajaí, com o fim de contribuir para a escrita da história do estado de Santa Catarina e do Brasil. Ao fundar o periódico, seu objetivo principal foi "tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e estímulo aos que trabalham para que nosso futuro não seja menos glorioso que o passado."[53]

53 SILVA, José Ferreira da. *A Que Viemos.* Editorial Abertura.Revista Blumenau em Cadernos. Tomo I – nº 01 – novembro de 1957. pp 01.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau passa a ter um periódico que, na perspectiva do seu editor, é compreendido como um lugar de memória[54], o que ficou evidenciado no editorial de abertura:

> Traremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que nosso futuro não seja menos glorioso que nosso passado.[55]

Em novembro de 1958, acontece o grande incêndio da Prefeitura, ocorrendo uma enorme perda da documentação do Arquivo Municipal e do Fórum. Assim, a *Revista Blumenau em Cadernos* e Ferreira da Silva tornam-se porta-vozes da história da cidade, pois era ele quem possuía cópias da maioria da documentação extraviada no incêndio. Nos primeiros anos, os Relatórios da Colônia escritos por Hermann Blumenau são publicados por Ferreira da Silva, permitindo a socialização de informações, e também uma reaproximação com Blumenau.

Em 1962, retorna a Blumenau a convite de Hercílio Deeke, para ser Diretor da Biblioteca Fritz Müller e continuar a publicação da *Revista Blumenau em Cadernos*. Ferreira da Silva volta a ser o intelectual dedicado a Blumenau, não apenas o político traidor.

Após a criação da *Revista Blumenau em Cadernos*, inicia correspondência com outros intelectuais de Santa Catarina, comentando suas obras e solicitando cópia de documentos, como Oswaldo Rodrigues

54 Entende-se lugar de memória no sentido proposto por NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Historiada PUC- SP. N° 10, 1993.

55 SILVA, 1957. Idem. Pp 01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Cabral, Walter Piazza e Carlos Ficker. A correspondência com Cabral e Piazza dá-se com formalidades, e por vezes percebe-se a obrigação por parte deles em agradecer-lhe pelos livros e edições da *Revista Blumenau em Cadernos* enviados. Percebe-se, também, que a relação com Walter Piazza não correspondia às suas expectativas de amizade e, principalmente, de troca de documentos históricos. Carlos Ficker, em carta enviada a Ferreira da Silva, consola-o em razão de uma negativa de Piazza em emprestar-lhe documentos microfilmados: "Não se preocupe com o nosso amigo comum, Dr. Piazza. Ele comportou-se da mesma maneira comigo, quando pedi o empréstimo dos microfilmes."[56] Ferreira da Silva acreditava que a amizade entre historiadores, por meio da troca de documentos e informações, poderia estabelecer uma relação com a verdade histórica; a recusa de Piazza em emprestar-lhe os documentos foi decepcionante, tanto para a realização de seu trabalho historiográfico, quanto pelo fato de não se sentir reconhecido como intelectual catarinense. Já com Ficker, há uma relação de amizade baseada na discussão a respeito de dúvidas documentais, do trabalho de outros historiadores e do estabelecimento de uma 'verdade oficial' sobre a colonização. Em carta para Ferreira da Silva, Ficker mostra a sua indignação com o recém lançado livro *História de Santa Catarina*, em que alguns historiadores erram na grafia de nomes estrangeiros, não citam seu trabalho como fonte ou publicam datas e fatos que este considera errados:

> [o passado] Infelizmente não encontrou as referências merecidas na 'História de SC' nem por Sachet, nem por Martinho Callado Jr. Esta História de SC é realmente cheia de erros grossos... Também o Dr. Cabral cometeu alguns erros fundamentais na parte em relação às colônias e à colonização. Sei perfeitamente, que o assunto é demasiadamente complexo para um trabalho perfeito, porém muitas afirmações

56 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondências Passivas. Carta da Carlos Ficker, 1970. Cx. 2.2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> não correspondem à verdade histórica e outras são absolutamente evitáveis.[57]

Em resposta, Ferreira da Silva corrobora com a opinião do amigo e aponta essas falhas como falta de aprofundamento nas pesquisas:

> Quanto às falhas da 'História de Santa Catarina' da Grafipar, que o senhor aponta, sobram-lhe razões para apontá-las e criticá-las. Callado e Jamundá, homens inteligentes, esforçados, não se aprofundam muito nas pesquisas. Daí algumas falhas que se notam nas partes de suas responsabilidade. Cabral só merece louvores. É mesmo um grande, o 'papa', como o senhor diz, historiador catarinense. Mas vê-se logo, pouco familiarizado com os fastos dos municípios do interior. Tanto ele, como os Boiteux, escarafuncharam os arquivos da capital e, sobre esta e as povoações açoritas fizeram obra de grande valor. Verifique que limitam-se a reproduzir, sobre o interior, talvez um pouco modificadas, as informações das publicações do IBGE.[58]

Pelos trechos selecionados, é possível perceber a preocupação entre estes dois historiadores no estabelecimento da verdade histórica, sendo esta comprovada por meio de documentos que os mesmos tomavam como depositários desta verdade; não há o questionamento dos documentos como fonte histórica, sendo estes muitas vezes transcritos em seu trabalho historiográfico. Compreendem a história como linear e evolutiva, e seu papel como historiadores é estabelecer uma sucessão de fatos que deverão se constituir em história. Para Benjamin o "historicismo se contenta em estabelecer um nexo causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico."[59]

57 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Passiva. Carta da Carlos Ficker, 29 de agosto de 1970. Cx. 2.2 225

58 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta José Ferreira da Silva, 08 de setembro de 1970. Cx. 2.1

59 BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a Filosofia da História.* Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991. p 163.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A preocupação na comprovação da verdade histórica pode ser percebida por meio da intensa troca de documentos entre os dois historiadores, primeiramente emprestando estes para o outro realizar a cópia à mão, e posteriormente enviando fotocópias. Também se presenteavam com livros raros do século XIX ou do início do século XX, muitas edições em alemão, relatando o início das Colônias Blumenau e Dona Francisca, tornando-se fontes para a escrita da história do vale do Itajaí e Joinville. A troca de documentos e livros, originais ou cópias, permitiu a ambos complementar seus arquivos e auxiliou na escrita de suas pesquisas históricas. Ferreira, em uma carta a Ficker afirma que "não há urgência na devolução do Caderno que lhe mandei. Quando tiver copiado tudo, com calma, então faça a devolução."[60] Os dois também dividiam informações a partir de seus Arquivos. Enquanto Ferreira da Silva escrevia o livro *História de Blumenau*, solicitou muitas informações a diversos historiadores, mas a troca constante de dados era com Ficker, que, em 1965, discutiu a presença de espanhóis no então Arraial de Belchior, hoje Gaspar – SC:

> As minhas afirmações sobre a existência de colonos nas margens do Itajaí-Açu desde 1827, são bem fundamentados com documentos. (...) Possuo uma relação de nomes dos primeiros colonos estabelecidos em lotes demarcados Agostinho Ramos, em 1836, no Belchior, com planta do núcleo colonial.[61]

É importante destacar que a troca de correspondência com estes intelectuais, além de possuir um sentido prático, também era uma forma do escritor ser aceito e respeitado como intelectual. No arquivo de Ferreira da Silva encontram-se cópias de muitas correspondências enviadas a diversos intelectuais brasileiros, como Aurélio Buarque de

60 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

61 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Holanda, em que escreve sobre o lançamento de seu novo dicionário, ressaltando a ausência de algumas palavras. Também enviou seus escritos a Gilberto Freyre, do qual há uma carta agradecendo o envio do livro *Colônias para o Brasil.*

No período em que foi prefeito de Blumenau, fez cópias de muitos documentos públicos, cartas, Relatórios da Colônia redigidos por Dr. Blumenau, documentos de Fritz Muller, entre outros. Ferreira da Silva também percorreu alguns municípios do litoral catarinense, como Porto Belo, Penha, Piçarras, entre outros, coletando documentos, quando possível, ou copiando-os em cadernetas.[62] Nestas cadernetas é possível encontrar anotações ao fim indicando a edição da *Revista Blumenau em Cadernos* em que foi publicado o documento. Essa pesquisa e cópia de documentos é fonte para a escrita de seus textos, como também material a ser transcrito nas edições da revista. A Ficker, ele relata que fez cópia de um documento que o amigo procurava, e prontamente lhe ofereceu: "Copiei os ofícios relacionados com a Colônia São Pedro de Alcântara há coisa de três anos. Os originais se acham no Arquivo da Secretaria do Interior e Justiça, de Florianópolis. Nesse arquivo e no da Prefeitura Municipal, há coisas preciosíssimas."[63]

A coleção de documentos tem um espaço importante na trajetória intelectual de Ferreira da Silva, compreendendo-a como um ato de colecionar saber. Ao perceber que a documentação sobre a colonização do Vale do Itajaí está dispersa e por vezes se perdendo pela ação do tempo, ou mesmo destruída, Ferreira da Silva "compreende que a reunião deste material afim num único espaço, é uma forma de organizar o conhecimento sobre a gênese desta história, é uma forma

62 AHJFS. FJFS. Documentos Originais.

63 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de informar sobre os acontecimentos na sucessão do tempo."[64] Nesse sentido,

> O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representa-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas). As coisas assim representadas, não admitem uma construção mediadora a partir de 'grandes contextos'. Também, a contemplação de grandes coisas do passado consiste, na verdade, em acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós nos transportamos para dentro delas, elas é adentram em nossa vida.[65]

A partir desta coleção de documentos (cartas, decretos, jornais) e de cópias é que a *Revista Blumenau em Cadernos* é editada, juntamente com os artigos escritos pelo autor e outros historiadores contatados para manter a publicação. Em sua correspondência para os diversos historiadores catarinenses sempre requisitava artigos para publicação, conforme segue:

> Escuso dizer-lhe que os 'Cadernos', como sempre, estão à sua disposição. As suas colaborações honrarão muito as suas páginas. Peço-lhe que não nos prive, a mim e aos assinantes e leitores dos 'Cadernos', do prazer dos seus escritos, com os quais muito temos que aprender.[66]

A *Revista Blumenau em Cadernos* torna-se um espaço para os historiadores catarinenses publicarem suas pesquisas, assim como uma fonte de pesquisa, tanto pelos artigos publicados, quanto pelos documentos transcritos e traduzidos. Em relação as suas publicações, o escritor tinha grande preocupação em distribuir e divulgar seu trabalho, na intenção de tornar conhecida sua pesquisa. Tanto que ele declara à Ficker o seguinte: "Vou distribuir o meu trabalho por

64 BENJAMIN, 2006. p 244

65 Idem, p 240

66 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, 11 de junho de 1965. Cx. 2.1 024

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

todas as bibliotecas do país e a todos os intelectuais catarinenses."[67] Verifica-se, assim, que não é apenas a divulgação de sua produção que ele almejou, mas o reconhecimento como historiador catarinense.

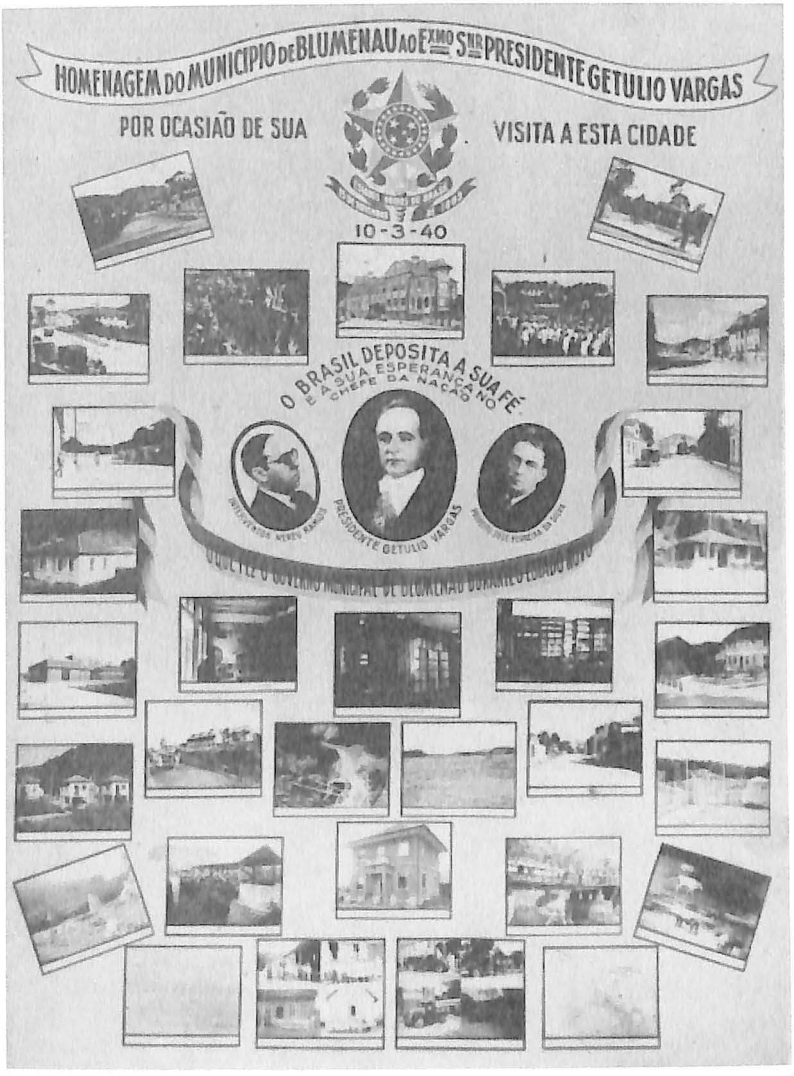


Fig. 5 - Cartaz distribuído entre a população durante a visita do Presidente da República Getúlio Vargas a Blumenau, em março de 1940. Acervo A.H.J.F.S.

67 AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, 8 de setembro de 1970 Cx. 2.1

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ferreira da Silva, um *outsider* em Blumenau, em seus primeiros anos no município dedica-se à atividade intelectual como jornalista e inicia a escrita da história de Blumenau, em especial neste início de biografia de seus fundadores. Escritos que se destacam pelo historicismo, cuja noção de progresso contínuo da humanidade faz do presente uma conseqüência do passado, sendo o melhor o que está por vir, assim como pelo ufanismo aos sujeitos históricos, considerados fundadores da colônia.

Sua confusa trajetória política é marcada pelo silêncio. Na década de 30, quando eleito vereador pela AIB, e após o golpe do Estado Novo, é nomeado prefeito de Blumenau, para muitos, Ferreira da Silva traiu não apenas a AIB, mas também a comunidade germanófila de Blumenau, que tinha nele uma referência como escritor da história da cidade; as ações de nacionalização impostas em seu governo marcaram suas relações com a sociedade blumenauense.

FONTES

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva: Fundo José Ferreira da Silva.

BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939 - Pref. José Ferreira da Silva.*

BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 - Pref. Dr. Afonso Rabe.*

Blumenauer Zeitung. 06/12/1934.

Correio de Blumenau. 21/05/1932. Ano I. nª 1.

Correio de Blumenau. 25/05/1932. Ano I. nª2.

Correio de Blumenau. 28/05/1932. Ano I. nª3.

Correio de Blumenau. 06/07/1932. Ano I. nª 14.

SILVA, José Ferreira. *O Padre Jacobs.* Blumenau: Tip. Carl Wahle, 1928.

SILVA, José Ferreira. *O Catolicismo em Blumenau.* Blumenau, 1933

SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense.* Blumenau, 1934.

SILVA, J. Ferreira da. *Colônias para o Brasil.* Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1948.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau. In* Centenário de Blumenau. 1850-1950.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

SILVA, José Ferreira da. *A Que Viemos.* Editorial Abertura.Revista Blumenau em Cadernos. Tomo I - nª 01 - novembro de 1957

SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Lançamento da Tradução do livro Doktor Blumenau.* Blumenau, 1962. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. FJFS 3.1 cx 3, 41

SILVA, José Ferreira. *Otaviano Ramos.* 1970.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau.* Florianópolis: Edeme, 1972.

SILVA, José Ferreira. *A Imprensa em Blumenau.* Florianópolis: IOESC, 1977.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a Filosofia da História.* Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Passagens.* Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* RJ: Jorge Zahar Ed, 2000.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX.* Itajaí: Ed. UNIVALI, 2000.

FERREIRA, Cristina. *Cidadania e Identidade na Sociedade Teuto-Brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí.* Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).

FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: ações e discuros das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929 - 1950).* UFSC, 2003. (Tese de Doutorado).

GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo - Nazismo - Integralismo.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

KONDER, Gustavo. *Acadêmico Professor José Ferreira da Silva.* Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XV, janeiro/fevereiro de 1974,PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação.* SP: Ática, 1990.

PETRY, Sueli. FERREIRA, Cristina. *José Ferreira da Silva: Centenário de Nascimento.* Blumenau: Fundação Cultural, 1996.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares.* Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Historiada PUC- SP. Nª 10, 1993.

SEYFERTH, Giralda. In MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, historia.* Canoas : ULBRA, 1994. pp 22.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CATARINENSES NA A. B. L.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CATARINENSES NA A. B. L.

Enéas Athanázio[1]

Estive examinando com interesse o curioso volume "Dicionário Biobibliográfico dos Membros da Academia Brasileira de Letras", de autoria de Mário Ribeiro Martins, que o autor teve a gentileza de me oferecer (Editora Kelps - 2007 - 1032 págs.). Trata-se de exaustivo trabalho de longas e minuciosas pesquisas em vasta bibliografia, arquivos, documentos e outras fontes. Tomando cada uma das Cadeiras da ABL, ele a investigou desde seu patrono, passando pelo fundador e por todos seus ocupantes posteriores, inclusive o atual. Como se vê, é uma obra de arrojo e coragem, ainda mais quando se sabe como costumam ser deficientes as fontes de pesquisas em nosso País. Mas ele conseguiu realizar um livro de fôlego e creio que único nestes últimos tempos. Mário Ribeiro Martins é devoto dessas obras de investigação e paciência meticulosa, inclinação cada vez mais rara.

Entre os incontáveis membros da ABL, atuais e antigos, ele contemplou os dois únicos catarinenses que tiveram assento naquela Casa. Sobre eles reuniu informações nem sempre fáceis de encontrar e que acredito seja interessante aqui resumir. Ambos os conterrâneos acadêmicos andam esquecidos e em geral não costumam passar de um nome a respeito do qual as pessoas têm vagas informações.

O primeiro deles foi Afonso D'Escragnolle Taunay, mais conhecido como Afonso Taunay (1876/1958). Nasceu em Florianópolis, onde fez os estudos primários, e depois rumou para o Rio de Janeiro, cursando engenharia na Escola Politécnica. Mudou-se, então, para São

1 Advogado e Escritor.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Paulo, onde se desenrolou sua carreira profissional e realizou sua obra, na maioria histórica. Exerceu vários cargos e foi professor da USP. Em 1945, com 69 anos de idade, foi aposentado por decreto especial como servidor emérito do Estado de São Paulo. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e à Academia Paulista de Letras, sendo eleito para a ABL como segundo ocupante da Cadeira 1, em 1929, sucedendo a Luís Murat. Pertenceu ainda a outras entidades científicas e culturais.

Especializou-se como o grande mestre do bandeirismo paulista, aprofundando-se no estudo do período colonial brasileiro. É autor de extensa obra histórica, dentre a qual avulta "História do Café", considerada monumental (11 volumes). Publicou ainda "Leonor de Ávila" (romance), "Ensaios de Bibliografia", "Crônica do Tempo dos Filipes", "Pedro Taques e seu Tempo", "A Vida Gloriosa e Trágica de Bartolomeu de Gusmão" (biografia), "São Paulo nos Primeiros Anos", "História Geral das Bandeiras Paulistas" (7 volumes), "História Seiscentista da Vila de São Paulo" (4 volumes), "Léxico de Termos Técnicos e Científicos" e "A Terminologia Científica e os Grandes Dicionários Portugueses", além de outras.

Homem de vastíssima erudição, foi um pesquisador criterioso e um historiador conceituado. Desligou-se, porém, do Estado natal, com o qual sua obra não parece ter relação alguma. Tornou-se mesmo o magister dixit de certos capítulos da historiografia paulista. Sua eleição para a ABL, aos 53 anos de idade, foi impulsionada pelo fato de ser radicado na Paulicéia e considerado um intelectual paulista. Foi muito mais um representante de São Paulo que de Santa Catarina, embora isso não lhe diminua o valor como cientista e pesquisador. Não encontrei informações a respeito dele na Academia Catarinense, à qual não sei se pertenceu.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Outro Taunay que pertenceu à ABL foi Alfredo D'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay (1843/1899), pai do primeiro. Foi o autor do célebre "A Retirada da Laguna", escrito em francês e vertido ao português pelo filho. Foi presidente (governador) da Província de Santa Catarina, quando aqui nasceu seu filho, mas era carioca de nascimento.

O segundo expoente catarinense a ocupar uma vaga na ABL foi Lauro (Severiano) Müller (1863/1926). Nascido em Itajaí, foi militar de carreira, tendo chegado ao generalato, engenheiro militar, doutor em leis e diplomata, ocupando elevados cargos, inclusive eletivos, foi governador de Santa Catarina (mas não assumiu, preferindo continuar no Senado) e ministro de Estado. Suas grandes obras públicas no Rio de Janeiro e outros pontos do país o tornaram muito popular, inclusive na antiga Capital Federal, sendo um nome dos mais festejados em nosso Estado. Quase não existe cidade onde não haja uma praça, uma rua ou uma escola com seu nome. Foi apaixonado discípulo de Benjamin Constant e, como Ministro das Relações Exteriores, esforçado batalhador pelo estreitamento de nossas relações com os países da América e pelo fim do conflito entre México e EUA. Foi tenaz adversário do ingresso do Brasil na I Guerra Mundial.

Em 1912 foi eleito para a Cadeira 34, sucedendo ao Barão do Rio Branco. Foi autor de "Os Ideais Republicanos" (discurso), "Liga de Defesa Nacional" (discurso), "Saudação a Hélio Lobo" (discurso), "A Revolta da Armada" (ensaio histórico - 1918), além de peças relacionadas com as funções exercidas. Não foi e nem se considerava escritor, fato que sua escassa obra vem atestar. Foi eleito em homenagem ao prestígio pessoal e dos cargos que ocupava. Sua eleição provocou surpresa e críticas, entre estas a do escritor Lima Barreto, que afirmava que um de seus discursos fora publicado às pressas, em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

folhas de papelão, com formato de livro, para satisfazer a exigência regulamentar de que o candidato tivesse obras publicadas. Lima, no entanto, concordava com ele no apoio à Liga de Defesa Nacional, lamentando que os jornais não a divulgassem como merecia.

Mário Ribeiro Martins, por sua vez, afirma: "Parece ter sido eleito para a Academia sem ter, até então, nenhuma obra publicada" (p. 814).

Essas críticas parecem tê-lo constrangido, tanto que protelou bastante a posse.

Informa ainda Mário Ribeiro Martins que ele não é verbete das principais enciclopédias nacionais, gerais ou literárias, o que é lamentável. Embora resumidos, seus dados biográficos aparecem na "Enciclopédia Brasileira Globo", publicação inigualável em temas nacionais e que teve entre seus organizadores o escritor Érico Veríssimo (Edito Globo – P. Alegre -1972 –Vol. 8).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R$ 50,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 140,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2008 (Tomo 49).

Anexo a este cupom, a quantia de R$ _____ (_____ reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

www.fcblu.com.br

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nada passou despercebido pelo repórter cinematográfico Clóvis Leopoldino de Souza, que fazia parte da equipe de reportagem da TV Coligadas e que tinha vindo para Blumenau com uma experiência de três anos, adquirida na TV Paraná, Canal 6. Clóvis filmou toda a festa na rua XV. O carnaval da conquista foi enorme. Uma câmera só não bastava para cobrir toda aquela euforia. Clóvis contou então com a ajuda do iluminador e câmera Antônio Costa, o Tuneca, como é conhecido até hoje, que na época veio da TV Excelsior, do Rio de Janeiro, para trabalhar na emissora, a convite do técnico de manutenção Paulo Deniz. Com uma câmera da marca Maxwell, e a experiência de cinegrafista obtida na própria TV Coligadas, fazendo parte da TV desde a sua fundação, Tuneca fez parceria no registro das filmagens da rua XV. A transmissão invadiu as telas com uma imagem limpa, perfeita, através do canal 3. (...)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense